

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 30 DE JANEIRO DE 1969 N.º 16 564 ANO 48.º UM ESCUDO

ESPECTACULAR
SORTEIO DE 20
AUTOMÓVEIS OPEL
Concurso PHILIPS
TRIUNFO DA TÉCNICA



LISBOA — PORTA DA EUROPA PARA DUAS «MISSES» AUSTRALIANAS

Estas duas rainhas de beleza australianas começaram hoje em Lisboa uma volta pela Europa, como prémio da sua eleição (LER NA PÁGINA CENTRAL)

AUXÍLIO MILITAR RUSSO A REFUGIADOS ÁRABES

CAIRO, 30 — (F. P.) — «Não podemos admitir que, por causa de Israel, o Médio Oriente se torne o centro de um grave conflito internacional», declarou, ontem

«Consideramos que a solução do conflito do Médio Oriente é só uma: a retirada das tropas dos agressores de todos os territórios árabes ocupados», afirmou Chelepine, salientando que, «contrariamente ao que os israelitas pensam, o tempo não trabalha a favor deles: em primeiro lugar, o poderio defensivo dos países árabes reforça-se de dia para dia. Em segundo lugar, o isolamento de Israel acentua-se gradualmente à escala internacional. Finalmente, intensifica-se a justa luta de libertação nos territórios ocupados.»

Chelepine anunciou ainda que o conselho central dos sindicatos soviéticos tinha decidido conceder um auxílio militar aos refugiados árabes, que se encontram na Jordânia e na Síria.

CONSULTAS

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 30 — (F. P.) — O embaixador Gunnar Jarring, representante da O.N.U. para o Médio Oriente, começou ontem em Nova York uma série de consultas com os embaixadores permanentes das quatro grandes potências nas Nações Unidas.

Jarring avistou-se sucessivamente com os embaixadores francês, inglês e americano, só não tendo trabalhado com o embaixador soviético, Jacob Malik.

à noite, Alexandre Chelepine, discursando em nome dos sindicatos soviéticos no quarto congresso da Confederação Internacional dos Sindicatos Árabes.

EXPLOÇÃO DE UMA MINA

JERUSALEM, 30 — (A. N. I.) — Um soldado israelita morreu e outro ficou gravemente ferido por explodir sob o carro em que seguia uma mina colocada por terroristas árabes numa estrada do deserto, a sul do Mar Morto, nas proximidades da linha de cessar-fogo com a

Jordânia — anuncia um comunicado militar distribuído em Jerusalém.

Entretanto, na Cidade Santa, foi desarmada uma bomba de relógio encontrada no único estabelecimento comercial pertencente a um judeu na parte velha da cidade, até Junho de 1966 administrada pela Jordânia.

COMO VIVE O COMÉRCIO DE LISBOA

Ler na 4.ª página a continuação
desta série de reportagens-inquérito

Violência em Itália

Recontros com polícias nas ruas de Nápoles

ROMA, 30 — (R.) — Estudantes amotinados arremessaram a noite passada pedras contra estabelecimentos e contra a Polícia de Nápoles, e as manifestações que se registaram em muitas partes da Itália terminaram com actos de violência.

Grandes multidões desfilarão também através das ruas de Milão e de Roma, gritando uma variedade de protestos contra acontecimentos diversos, que iam desde a declaração do estado de emergência em Espanha à ocupação soviética da Checoslováquia.

Contudo, os recontros mais violentos ocorreram em Nápoles, onde estudantes das esquerdas e das direitas travaram no sábado passado uma batalha nas ruas.

Ficaram, pelo menos, feridos 23 polícias a noite passada quando uma multidão enfurecida, gritando «Viva Mao» e «Viva Esta-

line» arremessaram pedras e garrafas contra as brigadas da Polícia de Choque.

«RUFIAÇÃO FASCISTA»

Os manifestantes de Nápoles, cujo número atingia

cerca de seis mil, protestavam contra a «rufiação fascista» e acusavam um grupo da extrema-direita do incêndio de sábado passado.

Continua na 14.ª página



Jovens persas, cobrindo o rosto com jornais, manifestam-se diante da embaixada do seu país, em Roma, contra a política seguida por Mohammed Reza Pahlavi

IDEIAS NOVAS PARA OS MERCADOS COMPETITIVOS

A EMPATIA EM PUBLICIDADE EXPLICADA NO SEMINÁRIO COMEMORATIVO DO 10.º ANIVERSÁRIO DA CIESA-N. C. K.

— Dez anos é um mundo para uma agência de publicidade. Se esta agência pretende realmente responder completamente às necessidades daqueles que puseram os seus orçamentos nas mãos dela.

Foi com estas palavras que o sr. Rodrigues Faria, presidente do conselho de administração da Cies-Norman, Craig & Kummel, Publicidade, S. A. R. L., justificou a efectivação de um seminário sobre a criatividade publici-

tária, no âmbito das comemorações do 10.º aniversário daquela agência de publicidade.

Ao inaugurar esta manhã o seminário, no salão de festas do Hotel Ritz, o sr. Rodrigues Faria explicou a finalidade da reunião:

— Consideramos dois anos o período máximo que a nossa organização poderia suportar sem um eficiente arranjo de ideias.

Perante assistência constituida por dezenas de pessoas directamente ligadas às actividades económicas usou também da palavra o sr. Norman B. Norman, presidente da Norman, Craig & Kummel de Nova York, que referiu as vantagens de uma rede internacional de agências de publicidade como a do grupo que dirige — o qual, só na Europa, é integrado por doze agências.

O sr. Norman B. Norman falou também do significado do aniversário da Cies-N. C. K., uma das mais antigas agências do grupo N. C. K. Por fim, apresentou os dois oratórios publicitários, sr. Solita Arbib e sr. Edgar Marvin, que fizeram uma exposição extremamente interessante sobre as novas correntes publicitárias nos Estados Unidos e a metodologia criada, desenvolvida e aplicada pela N. C. K.

Antes, porém, aqueles peritos apresentaram uma selecção dos melhores filmes produzidos pelas agências norte-americanas em 1958, escolhidos entre cerca de 14 mil.

A propósito destes filmes, os dois técnicos traçaram um panorama de actividade publicitária nos Estados Unidos, mercado altamente competitivo. Depois, definiram a metodologia criativa desen-



O sr. Rodrigues Faria, presidente do conselho de administração da Cies-NCK, dando início à sessão



O sr. Norman B. Norman, presidente da N. C. K. de Nova York, usando da palavra na sessão desta manhã

volvida pela N. C. K., denominada empatia, que constitui instrumento fundamental na realização de campanhas da maior originalidade e eficácia. A empatia é, na definição N. C. K., a criação de situações e figuras com as quais se identificam os consumidores. Esta definição foi completada com a exibição de filmes criados pela N. C. K. de Nova York, para clientes da dimensão da Colgate-Palmolive, Chevrolet-Pontiac e American Tobacco.

Mais tarde, também no Hotel Ritz, o sr. Norman B. Norman ofereceu uma recepção aos representantes dos órgãos de informação. Esta conferência de imprensa foi aguardada com interesse nos meios especializados, uma vez que o sr. Norman B. Norman, como presidente da N. C. K. de Nova York, está ligado às mais evoluídas correntes da criação e acção publicitárias internacionais.

100 colaboradores da Cies-NCK

reunidos num jantar. Esta noite, no restaurante "Varanda do Chanceler" reuniram-se todos os colaboradores da Cies-N. C. K., num jantar comemorativo do 10.º aniversário daquela agência. Paralelamente a estas co-

memorações, realiza-se, amanhã, às 10 horas, o encontro dos dirigentes das agências que constituem a N. C. K.-Europa. São eles os srs. Norman B. Norman, presidente da N. C. K. de Nova York, W. W. Bregman, presidente da N. C. K.-Europa, Graham Lockey, presidente da Lockey's N. C. K. (Dinamarca), dr. Wolfram Dieblsch e Horst Fanger, da Markewer International (Alemanha), A. Bouheben e J. Monfort, da Proventa-N. C. K. (França), dr. W. Farbstem, da Rupert A. G. (Suíça), dr. Alfredo Rainie, da N. C. K. Advertising (Itália), Gristen Luining e Arne Leijon, da Leijon & Luning AB N. C. K. (Suécia), Stuart Duncan, da Crane N. C. K. (Inglaterra), Donald J. McIntosh, da Cies-N. C. K. (Espanha).

A noite, no palácio de Seteais, efectua-se um banquete no qual participam os dirigentes da Cies-N. C. K. e de todas as agências que integram o grupo N. C. K.

O QUE É A CIESA-N. C. K.

A Cies-N. C. K. é uma agência de publicidade de serviço completo, e ocupa uma posição de merecido relevo dentro da publicidade portuguesa. Fundada em Janeiro de 1959, tem conhecido extraordinária expansão: o aumento de quadros e clientes cifrou-se numa percentagem anual de 20 %. Alguns anos após ter sido criada, a Cies associou-se com a grande agência americana Norman, Craig and Kummel, Inc. de Nova York, que iniciava então uma política de alargamento dos seus interesses aos países da Europa Ocidental. Hoje, a cadeia N. C. K. conta com 12 agências europeias associadas, que já formam a N. C. K.-Europa. Ao longo dos seus dez anos de vida, a Cies produziu cerca de um milhão de filmes, que foram exibidos 14 799 vezes na TV, emittiu 649 474 spots na rádio e realizou 35 546 875 peças impressas.

Actualmente, a Cies tem ao seu serviço mais de 100 pessoas, parte delas ocupadas num Estudo de audiência devidamente actualizado dos principais suportes publicitários existentes no País.

NOVIDADES LITERÁRIAS

EUGÉNIO DE ANDRADE OS AFLUENTES DO SILÊNCIO

Sem estes Afluentes do Silêncio algo de essencial faltaria ao rio límpido da poesia de Eugénio de Andrade. Textos sobre pintores, escritores, paisagens, escritos por um poeta que o é também em prosa. Na verdade, todo este livro fala essencialmente de poesia. De poesia e de como ela nasce, nas suas raízes no corpo, num encontro entre almas, e na terra.

COLECÇÃO «O ESPÍRITO DO LUGAR».

DOSSIER DO CONFLITO ISRAELO-ÁRABE Prefácio de JEAN-PAUL SARTRE

...mesmo que corra sangue, desejamos que os leitores deste livro encontrem tempo para meditar nos textos que o compõem, e que, esquecendo as suas simpatias e as suas repugnâncias, procurem pacientemente, na sua complexidade e nas suas contradições, a verdade. (Jean-Paul Sartre)

COLECÇÃO «AS PALAVRAS E AS COISAS».

RAINER MARIA RILKE AS ELEGIAS DE DUÍNO E SONETOS A ORFEU

As traduções de Rilke pelo Prof. Paulo Quintela, principalmente as das Elegias de Duino, fizeram data na história da poesia portuguesa contemporânea. Só, talvez, a edição das obras de Fernando Pessoa as ultrapassaram em importância. E esta tradução das Elegias, completada pela dos maravilhosos Sonetos a Orfeu, que o leitor português agora tem ao seu alcance, permitindo a inserção, sempre renovada, na nossa cultura, de uma das mais puras vozes da poesia de sempre.

COLECÇÃO «AS MÃOS E OS FRUTOS».

CHRISTIAN BERNADAC OS MÉDICOS MALDITOS

«Christian Bernadac encontrou uns 50 alunos de medicina que nunca tinham ouvido falar das experiências nazis sobre COBAIAS HUMANAS, e decidiu escrever OS MÉDICOS MALDITOS. Interrogou numerosos sobreviventes dos laboratórios dos campos da morte. Os seus depoimentos permitiram fazer, pela primeira vez, este monstruoso balanço.» (Le Figaro Língua)

COLECÇÃO «OFÍCIO DE VIVER».

ENCICLOPÉDIA DA EMPRESA MODERNA ORGANIZAÇÃO GERAL E METODOLOGIA DA EMPRESA

Com este volume, inicia-se a publicação da Enciclopédia da Empresa Moderna, obra que reúne a experiência de vinte especialistas de primeiro plano e constitui simultaneamente um prontuário metodológico e um instrumento de formação da maior utilidade para Dirigentes de empresa, Chefes de serviço, Engenheiros e Quadros Técnicos, Estudantes de Economia e dos Institutos, Técnicos em Gestão e Organização, Administração Pública e Serviços Fiscais, Centros de Documentação e Estatística, Peritos Contabilistas e Técnicos de Contas e Empregados de Escritório.

CONDIÇÕES EXCEPCIONAIS DE ASSINATURA ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 1960

EDITORIAL INOVA LIMITADA

PRAÇA GUILHERME GOMES FERNANDES, 38-2.º

SERVIÇOS DE DISTRIBUIÇÃO E LIVRARIA

RUA JOSE FALCAO, 82 □ PORTO



DE ONTEM PARA HOJE

ANÁLISE ECONÓMICA

Na assembleia geral do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa falou ontem à tarde o presidente do conselho de administração, dr. Manuel Espírito Santo Silva. Presidia o eng.º Santos Pedrosa e a assembleia reelegera o administrador D. Domingos de Sousa Holstein Beck, duque de Palmela, e elegeria o sr. António Medeiros e Almeida também para administrador. O dr. Manuel Espírito Santo aludindo à situação económica internacional afirmou: «Final e que é que se passou em relação à libra em 1957, em relação ao ouro nos princípios de 1958 e ao franco tão recentemente? Que os países, mesmo os altamente industrializados, mesmo os mais ricos economicamente falando, não podem viver em permanente «defeito» sem que a sua moeda sofra as consequências dessa erosão. Quanto à economia portuguesa disse: em dada altura: «Devo-se dizer, que a progressão constante das receitas do Estado, não se deve apenas a uma progressão da percentagem de impostos que cada cidadão paga, mas na sua extensão a grupos cada vez mais numerosos de indivíduos cujo nível de vida aumentou e os colocou em situação de pagar certas qualidades de impostos com que anteriormente não eram atingidos. Se o aumento da receita ordinária pode parecer imponente a verdade é que ele é totalmente absorvido por o aumento da despesa ordinária, cifrada em 1623 mil contos. Sobre os meios de aumento as várias classes de funcionalismo no total de 600 mil contos. Também a despesa extraordinária insere um aumento de 1400 mil contos dos quais cerca de 700 mil pertencem à Defesa Nacional e 600 mil ao III Plano de Fomento, cujo total para 1959 é de 3521 mil contos. A sua cobertura está assegurada por 3200 mil contos de «superavit» entre receitas e despesas ordinárias, 1400 mil de receitas especiais e 5300 mil de empréstimos, dos quais 3500 mil internos e 1400 mil externos». O dr. Manuel Espírito Santo apresentaria ainda uma proposta que foi aprovada e que é a seguinte: «Tendo presentes as províncias que prudente e continuamente sempre temos vindo a constituir e a que ainda no último exercício o conselho de administração afectou parte vultosa dos resultados, como se mostra no desenvolvimento da conta de lucros e perdas, e o facto de os senhores accionistas terem de vir a suportar no corrente ano os encargos decorrentes do aumento de capital do Banco, a título absolutamente excepcional, como excepcionais são as circunstâncias, o conselho de administração propõe que as quantias já votadas para dividendo seja acrescida a de vinte e três mil contos a sair das referidas províncias».

NO LIONS CLUBE

O Lions Clube de Lisboa está a realizar uma série de encontros com personalidades de relevo, tratando de problemas de importância na vida nacional e internacional. Ainda

ontem foi o ministro dos Estrangeiros dr. Franco Nogueira que tratou dos «Aspectos fundamentais da política externa portuguesa». Disse ele que no Pacto do Atlântico Portugal encon-

tra apoios firmes, enquanto na O. N. U. existe «uma guerrilha constante que, aliás, não nos perturba, na medida em que sabemos responder-lhe oportuna e eficientemente».

PALÁCIO DE BELEM

O sr. Presidente da República recebeu, ontem, os srs. brigadeiro Fernando de Oliveira, secretário de Estado da Aeronáutica, com o director das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico; general Andrade e Silva, vice-chefe do Estado-Maior do Exército; António de Medeiros e Almeida, presidente da comissão organizadora da Fundação Presidente Salazar; prof. dr. Costa Leite (Lumbrakes), presidente do conselho de administração da Sator; tenente-coronel Gomes Bessa, comissário nacional da Mocidade Por-

tuguesa, e prof. dr. José Sarmento, reitor da Universidade de Lisboa, com o comissário-adjunto para o Ultramar da M. P., o director da Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos e o presidente da direcção do Circulo de Cinema da mesma Procuradoria; e Luís C. Lupi; e, ainda, os estudantes universitários Fernando Jaime Araújo da Silva Santos, Fernando Manuel Vieira de Castro Fleming, José Pinheiro Augusto e Sérgio Manuel Ferreira de Azevedo, finalistas da Faculdade de Medicina do Porto, que foram alocar a assinatura do Chefe do Estado nas fitas das suas pastas.

«A TURQUIA DE ONTEM E DE HOJE»

O nosso prezado camarada de Imprensa dr. João Salvado, falou ontem à noite na Sociedade de Geografia sobre «A Turquia de ontem e de hoje». A conferência foi feita numa reunião de trabalho da Comissão Assiática daquela instituição, findando por acustar o equívoco da aliança do tradicional espírito muçulmano da Turquia com os processos actualizados da tecnocracia e da civilização europeias.

AUTOMÓVEL QUE SE DESPISTA

Ia o sr. Carlos Lopes, de 52 anos, casado, de Ermida, perto de Tondela, no seu automóvel. Acompanhado a sr.ª D. Clara Gonçalves de Oliveira, de 58 anos, viúva, de Lobão da Beira. Na curva o carro despiestou-se e foi embater com violência, num pinheiro. Morreu aquela senhora e o condutor encontra-se no hospital de Viseu.

TAPETES

Carpélio

Élio Amorim & Filha, Lda.

PORTO — LISBOA

CARPETES

O Japão construirá antes de 1976 trinta centrais nucleares

Por ALAIN BOUC

TÓQUIO (Janeiro) — O importante acordo de cooperação concluído em Dezembro entre a «Power and Nuclear Fuel Corporation» japonesa (P. N. C.) e o Comissariado Francês da Energia Atómica atrai a atenção para os rápidos progressos realizados pela técnica e pela indústria nipónicas no domínio da energia nuclear civil. Tendo arrancado dez anos depois da França, o Japão fornecerá dentro em pouco tantos quilowatts-hora como esta.

Em 1955, quando a produção nacional era inferior, em mais de metade, à de hoje, o Japão decidiu, a despeito da sua pobreza, interessar-se pelos problemas nucleares, e criou os necessários organismos de gestão e de investigação. As incertezas que pesaram, durante muito tempo, sobre a rentabilidade das indústrias nucleares limitaram, até uma data recente, o interesse japonês. Os britânicos desempenharam nesse período um papel de primeiro plano, guiando e aconselhando os responsáveis pela política energética.

O aumento brusco da procura de fábricas nucleares nos Estados Unidos, há quatro anos, diminuindo o custo das centrais, permitia tornar definitivamente competitiva esta forma de energia, cuja produção estava anteriormente bloqueada pelos melhores preços das técnicas clássicas. O Japão reagiu rapidamente e fez encomendas de centrais americanas. Passados três anos, declarava que o objectivo principal da política energética nacional era fabricar os seus próprios reactores, segundo as técnicas mais avançadas. Com uma notável rapidez, os engenheiros e industriais japoneses decidiram pôr em actividade uma nova e ambiciosa política nacional.

Os principais agentes desta política são as companhias regionais de electricidade. Têm um estatuto privado e, em número de nove, cobrem o conjunto do país. Encomendaram trinta e duas centrais, até 1976. A primeira funciona a pleno rendimento, desde Julho de 1967: 166 megavattios eléctricos, reactor de grafite e gás de concepção inglesa.

UMA FORMA DE ENERGIA QUE CONVÉM AO PAÍS

As dificuldades encontradas na construção ou no decurso da produção e o preço de custo elevado não travaram o impulso das outras companhias. O potencial nuclear nacional atingirá, em 1970, uns 1300 megavattios, ou seja o equivalente

do que existe actualmente em França. Este número vai aumentar muito rapidamente em seguida. Será de 9000 megavattios em 1976, com 16 centrais em funcionamento, que fornecerão 11 por cento da energia eléctrica do país. Em 1985 a produção será de 35 a 55 mil megavattios, ou seja 25 a 35 por cento da produção nacional.

As previsões de preços para as centrais que entrarão em serviço nos dois próximos anos são de 2,50 «iens» o quilowattio-hora, contra 2,20 ou 2,40 por kWh térmico. Mas espera-se diminuir rapidamente este preço de nuclear, aumentando a produção e o tamanho das centrais. A importância de 2,20 «iens» é considerada como a mais provável para 1975. De qualquer modo, uma política nacional da energia não poderia basear-se exclusivamente em considerações de preço, e o Japão, cujos recursos naturais são limitados, encontra vantagem em limitar um tanto desta forma o volume das suas importações de carvão ou de petróleo.

O primeiro problema que se apresenta à política nuclear nacional refere-se à alimentação das centrais. Não existe urânio algum no arquipélago. As companhias de electricidade tiveram, portanto, de celebrar contratos de compra com empresas canadianas, e esforçaram-se igualmente por favorecer a prospecção do território. Por agora, as centrais funcionam com urânio enriquecido fornecido pelos Estados Unidos, e estes fornecerão igualmente, segundo os termos dos contratos efectuados, a maior parte das instalações a entrar proxima-mente em actividade.

Esta dependência dos Estados Unidos começa a ser considerada um tanto aborrecida. Como não é possível, ou pelo menos não é desejável, tentar um enriquecimento local — o custo excessivo de Pierrelatte é disso a demonstração negativa — resta aos japoneses tentarem procurar o combustível noutras partes do mundo. O projecto de fábrica europeia suscita o seu interesse, e é muito possível que peçam para obter direitos de tiragem sobre a produção se a ideia se concretizar. As reservas levantadas pelo aprovisionamento unilateral nos Estados Unidos não são ainda demasiado seguras. Não deixam, por isso, de ser significativas.

Para garantir o transporte de combustível, o Japão decidiu construir um navio de propulsão nuclear, que deverá entrar em ser-

viço em 1971. O seu combustível será urânio muito enriquecido. O potencial será de 36 megavattios térmicos. Funcionará a água leve pasteurizada. Navegará a 16,5 nós para 8300 toneladas brutas. O projecto foi entregue a uma companhia do Estado, e é pouco provável que o conjunto seja rentável.

O grande problema da indústria nuclear japonesa é preparar logo que seja possível a passagem às formas mais modernas de reactores, isto é, aos reactores de neutrões rápidos ou super-regeneradores. E também neste campo que a cooperação com os técnicos franceses se encontra mais adiantada.

PARTILHAR A EXPERIÊNCIA DE «RAPSDIE»

Os primeiros reactores construídos pelos japoneses serão do tipo clássico de neutrões térmicos. A central, que entrará em actividade em 1974, será do tipo atenuado por água pesada. O seu potencial será de 200 MW eléctricos: será arrefecida por água leve a ferver e funcionará com urânio natural enriquecido com plutónio. Os modelos americanos comprados pelas companhias são todos reactores de água ou de gás convencionais, que não utilizam o urânio 238.

Os japoneses esperam muito dos super-regeneradores, que permitem utilizar urânio natural sem ser enriquecido, reduzem a quantidade de combustível necessário e, acima de tudo, produzem-no de novo. Calculam ser possível diminuir o custo do kWh para 1,40 «iens» quando a produção atingir o seu pleno regime, cerca de 1985.

Decidiram construir um reactor experimental, que estará terminado em 1973. O seu potencial será de 100 MW térmicos; será resfriado pelo difícil processo do sódio líquido. Outro reactor do mesmo tipo será realizado seguidamente, com capacidade superior: 100 a 300 MW eléctricos. Começará a funcionar em 1976.

Foi iniciada uma cooperação de grande interesse com a França. Três anos após os britânicos, em 1967, os engenheiros franceses punham em funcionamento o reactor experimental «Rapsodie» e preparavam a construção dum protótipo que, como o dos japoneses, deverá «sair» em 1973. Nesta fase de afinação, era evidentemente muito de-

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

PELO FALAR A GENTE SE ENTENDE...

UMAS BOAS DEZENAS DE PESSOAS reuniram-se num anfiteatro do Laboratório de Engenharia Civil para ver a projecção de dois filmes sobre o projecto americano «Apollo 8», que levou três homens à viagem circunlunar. As imagens do lançamento, viagem e regresso da nave espacial são certamente impressionantes e inesquecíveis, pois ficarão a marcar, para além de nós, uma façanha temerosa do nosso tempo que terá lugar certo nas páginas da História. Imagens impressionantes, certamente impressionantes.

Na perspectiva do tempo estamos a reviver as mesmas ansiedades que se viveram há mais de cinco séculos, quando se perguntava o que é que estaria para lá do cabo negro onde o gigante Adamastor havia de tragar os mareantes cuja ousadia os levasse a aproximar-se. Quem se aproximava? Quem se atrevia? E no fim, quando Bartolomeu Dias ousou e passou, não havia Adamastores e o cabo passou a ser da Boa Esperança. Como agora, afinal.

Dissemos terem sido impressionantes as imagens. Mas não dissemos surpreendentes, talvez porque o facto prodigioso já é nosso conhecido, talvez por se terem já divulgado as imagens do grande feito, talvez até porque hoje todos estamos preparados para esperar todas as surpresas da técnica, sem que as surpresas nos não surpreendam. Mas talvez mais espantosas para o leigo são as imagens relativas à fabricação do engenho, o assombro de organização que tornou possível a façanha, a rede de fábricas, as baterias de computadores, o arsenal de técnicas, o exército de cérebros.

Tudo aquilo pode ser expresso em milhões de dólares, mas a verdade é que isso já não impressiona, tão habituados estamos aos grandes números da cornucópia do Tio Sam. O que impressiona é o rigor da concepção, a perfeição do trabalho, a certeza no resultado, aquela colmeia de cérebros em laboração, a máquina gigantesca que faz juntar peça a peça, sem uma fracção de desajuste, o fuso que, à voz de «Ignition», se projecta na imensidade do espaço com três homens na carlinga.

Para nós outra surpresa foi ouvir o embaixador dos poderosos Estados Unidos proferir em trabalhada língua portuguesa os seus comentários de introdução ao programa. Parece possível interpretar esse esforço, que evidentemente nos é grato, não como um simples cumprimento, mas como um sinal dos tempos a inserir no desejo, melhor, na necessidade que os povos sentem de se entender, grandes e pequenos, ricos e pobres, orgulhosos ou modestos. O mesmo esforço que se reclama dos homens um por um e que os povos se sentem atraídos para praticar, o esforço que poderá conduzir ao orgulho legítimo de todos se entenderem.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

LYCÉE FRANÇAIS CHARLES LEPIERRE

Curso de Francês Prático por MÉTODO AUDIO-VISUAL

Curso de Língua e Civilização Francesa
EM TODOS OS GRAUS

Prática em LABORATÓRIO DE LÍNGUAS (para um ensino individualizado) EM TODOS OS GRAUS

ABERTAS AS INSCRIÇÕES todos os dias, excepto sábados, a partir das 18.30 horas

Informações: Tel. 681101

AV. DUARTE PACHECO — LISBOA

VIAJANTE DE CALÇADO

Precisa-se, para trabalhar à comissão com colecção de calçado de criança e senhora Luis XV.

Sul do Tejo, Alentejo, e Algarve

Resposta ao Apartado 30 — Oliveira de Azeméis

RECTÂNGULOS DA VIDA

OS PROTESTADORES

Os protestadores isolados, sem companhia, dão umas vezes vontade de rir, outras não. Muitas outras não. Até porque o modo de protestar e a razão do protesto podem provocar tudo menos hilariedade. Não são de hoje estes protestadores. Há muitos anos, já não sei bem porquê, talvez por motivos políticos ou religiosos, um ou outro oriental deitava fogo às próprias vestes em plena rua cheia de gente, e as pessoas paravam a ver o espectáculo, ou porque lhes fosse impossível socorrer o protestador ou porque não desejassem ir contra a vontade do homem que assim se imolava a uma ideia. Pelo menos era essa a impressão que nos dava a telefoto. Com o grão é certo que não se via com muita nitidez, mas em todo o caso bastava.

No dia 16 deste mês de Janeiro,

em Praga, um estudante checo, Jean Palach, de 21 anos, imitou os bonzos e imolou-se pelo fogo na Praça Wenceslau, depois de se ter regado com gasolina. O seu gesto espectacular, embora aparentemente solitário, fora decidido por um grupo, e Palach designado por sorteio. Levado para um hospital, o jovem viria a morrer no

por
MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO



dia 19. Motivo do protesto: desacordo com a pressão estrangeira sobre o seu país.

No mesmo dia 16, em Saigão, uma americana para quem, pelos vistos, a guerra do Vietnam é *le dernier de ses soucis*, resolveu passear pela cidade durante meia hora, simplesmente envolta numa toalha, a fim de protestar contra a má qualidade do serviço no hotel onde se hospedara. Diz a sabedoria das Nações que em tempo de guerra não se limpam armas, mas a americana em questão tem pelos vistos ideias bem diferentes e, guerra ou não guerra, onde ela deixa os seus dólares o serviço tem de ser perfeito.

Dois protestos bem diferentes, e, por acaso, nenhum deles nos dá vontade de rir. Um jovem envolto em fogo; uma mulher envolta numa toalha. Alguém morreu, a situação checa não se modificou por isso, o serviço no hotel de Saigão... Bem, o serviço no hotel de Saigão é natural que tenha melhorado.

«O QUE TEM A NOSSA TERRA



«Ouro é uma coisa que sempre se compra»

é que o luxo continua a vender-se sempre»

Como vive o comércio de Lisboa — 9



«Mas há a esperança, permanente, em melhores dias»

Reportagem de TAVARES DA SILVA

AH, O OURO!

O ouro da lei que tem posto fora da lei muita gente-que-se-preciza!

O ouro que sobe e que desce, nos altos e nos baixos mercados internacionais!

O ouro que, muitas vezes, empobrece quem, bem ele, era mais rico!

O ouro que, compra certas consciências que até parecia não estarem à venda!

O ouro verdadeiro que, às vezes, falsifica quem o tem e quem o procura!

O ouro mundano que desdora o próprio mundanismo!

Ah, o ouro!

Mas não é deste ouro que vamos falar. É do outro. O ouro que se traz ao peito, como um braço partido. O ouro que, no dedo, aliança uma certidão de casamento. O ouro que capitaliza um capricho feminino. O ouro que faz o pequeno-burguez sentir-se protegido numa sociedade capitalista. O ouro que se guarda para empenhar numa doença. O ouro que obriga a comprar cofres com segredo. O ouro que, aparentemente, luz em tudo — sem que tudo que luz seja ouro.

É do ouro que, ao balcão, espera o freguês, que vamos falar. É do ouro que se pesa numa pequena balança com redoma. É do ouro no grama, e não à barra. É do ouro que impõe uma profissão: a de ourives. É do ouro que, em Lisboa, se pode encontrar em 207 lojas agremiadas na mesma corporação. É do ouro que vamos falar.

TODAS AS CLASSES COMPRAM O «SEU» OURO

O sr. Fernando Graça é sócio-gerente de uma das ourivesarias que «luzem» no Martim Moniz. É um homem risonho, mas de poucas falas. Uma espécie de poupança que ele faz para as grandes despesas de balcão, para as grandes conversas com os fregueses que querem saber tudo: o preço do ouro, o valor das jóias, a pontualidade dos relógios, o custo das pratas, a vantagem dos diamantes.

— Como lhe parece que vive o comércio em geral?

— Uns melhor que outros, mas a verdade é que há negócios muito tremidos.

— Como vive o comércio do ouro?

— Normal, com tendência a piorar, mas isso já vem de há uns anos atrás. Na mesma.

— E, após uma pausa, acrescentou:

— Mesmo assim, o negócio não tem estado mau. Ouro é uma coisa que sempre se compra, porque nunca se estraga, nem se desvaloriza.

— Quer dizer que é mais ouro o que vende na sua casa?

— Não. Vendo igualmente pratas e relógios.

— Vende mais ou menos que antigamente?

— Dantes as vendas eram em maiores quantidades, mas o preço do ouro subiu. Portanto...

— E os impostos?

— Também subiram, mas os preços, do mesmo modo, aumentaram.

— Ficou, pois, tudo na mesma?

— Não é bem assim. Dantes, o povo comprava mais. Hoje, compram mais as outras classes. Mas toda a gente compra o «seu» ouro. É isto.

— E a prata?

— A prata, como subiu de preço, diminuiu de venda. Mas, por outro lado, hoje toda a gente usa relógio. Dá uma para a outra.

Falando do comprador, perguntámos como era o tipo do freguês habitual de ourivesarias.

O sr. Graça não é um homem de observação expansiva. Encolheu os ombros, como quem não sabe, e disse:

— Há casas com clientes certos, mas, aqui, a clientela é de passagem. Vem cá de tudo. Como já disse, todas as classes compram ouro.

Dantes, até eram as varinas quem mais o procuravam...

— E hoje?

— Hoje, não. As prateiras e os congelados, praticamente, acabaram com as varinas, mas o negócio cá vai andando.

O LUXO NUNCA DEIXOU DE SE VENDER

Por estranho que pareça, este negócio do ouro, com a sua «normalidade» próspera, foi-me explicado numa loja de ferragens. Mas é melhor dizer «como». Não é?

Ao perguntarmos ao sr. Manuel Guedes, com a sua

«lojística» nas Portas de Santo António, como ia o seu negócio, respondeu-nos:

— Em certas peças vai muito bem. Especialmente, no que vendemos para vivendas. Artigo de luxo. Artigo caro. Mas é o que tem cá a nossa terra: o que é luxo continua sempre a ter venda. Al está.

Realmente, ali está. O luxo, o supérfluo, a aparência (entre nós) transforma-se quase sempre em artigo de primeira necessidade. O ouro, o adorno, o ornamento são indispensáveis ao convívio e à acatelação entre os portugueses. «Fulano nem parece o que é»; «Sicrano é um sem-gravata»; «A madrinha nem sequer deu uns brin-

cos à menina»; «Beltrano nem parece doutor, só veste baratos»; «Aquele só veste saldos, até parece mal» — esta e outras são expressões vulgares que não traduzem apenas má-língua, mas representam quase sempre, da parte dos criticados, uma falta de observância ao luxo, à moda, à indispensável aparência. Sabe disto quem vende a uma, mas para servir a opinião de terceiros pessoas...

Voltemos, no entanto, ao comércio de ferro, ferragens e outros metais.

NA ESPERANÇA (PERMANENTE) DE MELHORES DIAS

O sr. Manuel Guedes estava disposto a dar sequência ao nosso inquérito.

— Como vive o comércio em geral?

— Bem, mal, — disse — Os impostos têm aumentado bastante. É certo que há novos compradores, em consequência mais do aumento de

população do que do desenvolvimento do negócio. Mas a esperança de todos os comerciantes em melhores dias é permanente. Desde que isto entrou em crise que a esperança não nos abandona. Entre nós, quem espera não desespere, torna-se, cada vez, mais paciente.

Uma segunda pergunta:

— Como vive o ramo da sua actividade?

— Há muita concorrência. E o aumento do custo de fabrico obriga a subir os preços e a baixar as vendas.

Compramos mais caro, vendemos mais caro, mas, nisso, não aumentamos o lucro, embora tudo que nós também temos que adquirir, co-

mo fregueses, seja muito mais dispendioso do que era dantes.

E, numa conclusão lógica, acrescentou:

— Os que compram ferragens dizem que elas estão caras, mas nós, quando compramos o bocaihu, também não o encontramos mais barato. Não é?

Como um dia nos disseram, no começo desta reportagem: «é caro tudo o que se tem de pagar».

A SEGUIR: «Máquinas para todo e materiais de construção».



Ferros, ferragens e outros metais — um luxo na vida de quem tem um tecto que não pareça mal aos amigos

AS CENTRAIS NUCLEARES NO JAPÃO

(Continuação da pag anterior)

sejável para uns e para outros aproveitar as experiências conduzidas nos dois países. Tóquio pediu portanto ao Comissariado da Energia Atómica que efectuasse a peritagem do primeiro reactor experimental japonês. O segundo acordo assinado no começo de Dezembro prevê um intercâmbio de informações e uma colaboração no campo da investigação, nos estudos básicos acerca do sódio e dos materiais utilizados, assim como no referente à segurança deste tipo de reactores.

No passado, os dois países tinham já manifestado o seu desejo de relações mais apertadas. O número de cientistas japoneses que fizeram um estágio no C. E. A. ul-

trapassa agora a centena. No campo da química com irradiação, domínio em que o Japão está particularmente desenvolvido, um acordo feito em 1965 prevê o prosseguimento das pesquisas em comum e a tiragem de «brevets» conjuntos. De modo mais concreto, Saint-Gobain foi encarregada dos estudos dos planos da fábrica japonesa para o tratamento do combustível irradiado. Conhecem-se os sentimentos da população nipónica relativamente aos problemas das radiações, mas a experiência francesa de Marcoule foi considerada concludente. A fábrica, que entrará em operação em 1972, tratará uns 700 quilos de combustível por dia. A sua capacidade de produção, inferior ao potencial francês, será inteiramente utilizada em 1976, e ou-

tra fábrica deverá ser-lhe acrescentada. As esperanças de Saint-Gobain são, bem entendido, a de ultrapassar a fase do simples estudo de plano para fornecer material.

Deve reconhecer-se, no entanto, que se a cooperação franco-nipónica está bem lançada no que se refere aos meios de investigação e de experimentação, é bem mais difícil no que toca às empresas. As ligações estabelecidas no exterior, e designadamente com os Estados Unidos e a Alemanha, travam a amplitude da cooperação industrial entre os dois países. Num domínio tão capital como o dos reactores de neutrões rápidos, o acordo de Dezembro constitui, no entanto, o reconhecimento da aquisição francesa e o início duma colaboração a mais longo prazo.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ESTÚDIO

TÍTULO — «Eu Sou Bob Dylan» («Don't Look Back»).

REALIZAÇÃO — D. A. Pennebaker.

Onde na ficha técnica acima reproduzida se lê intérpretes, não se trata propriamente de intérpretes, mas de participantes. Porque o filme de Pennebaker consiste numa reportagem-lírica, mais lírica do que sociológica, sobre um certo número de artistas que se distinguem pela sua qualidade, pela sua atitude de revolta e de inconformismo, pela posição digna que têm assumida perante grandes problemas do mundo actual. Teremos então várias perspectivas possíveis para encarar o filme. Por um lado, o aspecto musical e sobretudo o interesse que podemos ter no conhecimento íntimo e quotidiano de nomes que nos apareciam na distância dos grandes palcos ou na abstracção dos discos. Por outro lado, há a análise do sentido deste novo tipo de música, dos enigmas da sua aceitabilidade, dos equívocos que engendra (e aí vale a pena dar atenção às entrevistas de Bob Dylan). Por fim, teremos a experiência cinematográfica: e nesse ponto compreendemos por que razão a publicidade não diz que Pennebaker realizou o filme, mas diz que ele o escreveu. Efectivamente, Pennebaker, que é responsável pela montagem, pelo som,

pela fotografia e pela sequência cinematográfica, escreveu este filme, e escreveu-o no mais jornalístico e impressionista dos estilos: câmara desequilibrada, ondulante apanhando traços, rostos, gestos, arestas, objectos, mãos e sobretudo vozes, câmara que preenche a distância entre as várias câmeras com longas digressões sobre o grupo de cantores. Experiência curiosa, mas fatigante, e um pouco gratuita. Este filme asfixia em excesso e é (caso estranho) um pouco desumanizante. Admiráveis e inasquecíveis são os momentos em que está presente Joan Baez! Espectáculo que vivamente se deverá recomendar aos admiradores dos artistas em causa, mas talvez demasiado aconselhável para os outros. E esse será o seu maior defeito: não conquista adesões.

Em complemento: Um desenho animado, de origem eslova, bastante curioso, e uma curta metragem sobre «ballets», com grandes nomes do mundo da dança, assinada por Dominique Lalouche. EDUARDO PRADO COELHO



Para a etiqueta R. C. A., João Fernando vai gravar a composição «Bonita» com letra do cancionista Artur Garcia e melodia de sua própria responsabilidade. Nesta interpretação João Fernando (o da esquerda) terá, além do acompanhamento orquestral, a presença da voz de Maria Dilar e do acordeão de Carlos Areias (a dupla que o acompanha na imagem). O disco será completado com trechos de Eduardo Damas e Manuel Pálio: «Maria de Castelo Branco», «Ao menos um sorriso» e «Quadras que o vento levou». Entretanto, João Fernando, Maria Dilar e Carlos Areias percorrem o Continente: amanhã, o público pode vê-los no Cinema Ferroviário, do Barreiro

Atrás do Reposteiro

- A actriz Magda Vitorino está contratada pelo empresário Rosa Mateus para a sua companhia de teatro infantil «Teatro Tico-Tico» tomando já parte no desempenho da peça «Era uma vez uma princesinha».
- E muito provocou a apresentação, na capital do Norte depois do Carnaval, da companhia do Teatro Maria Vitória.
- Volta a juntar-se na possibilidade da companhia de Amélia Rey Colaço vir a apresentar-se na época de Inverno no Teatro da Trindade.
- As companhias de Laura Alves, Amélia Rey Colaço e Henrique Santana devem deslocar-se no próximo Verão ao Ultramar.
- O actor-encenador Carlos Avilez continua a pensar em levar à cena a peça Schiller, «Maria Stuart».

UMA FARSA DE SENSACÃO

Auto MONUMENTAL

TEL. 559133 (ADULTOS)
2 SESSÕES
20.45 e 23 h.
UM ESPECTÁCULO de
VASCO MORGADO



com desempenho notável de
CAMILO d'OLIVEIRA
FLORBELA QUEIRÓS
nos protagonistas
CARLOS COELHO
CARMEM MENDES
YOLA e LINDA
ALDA e CARLA
encenação de
SANTOS CARVALHO

COLISEU
HOJE, às 21 e 30
(Maiores de 12 anos)
O CIRCO DE 1969
UM TIGRE A CAVALO!
Número de senção
PALHAÇOS
O CARNAVAL
DO COLISEU
O mais alegre de Lisboa!

MOSCAVIDE



Zona típica e de largas tradições abrangendo o local antigamente conhecido por Buscavides, hoje um dos mais progressivos e dinâmicos centros populacionais.

É SERVIDA, A PARTIR DE AGORA, POR UMA AGÊNCIA DO



BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Avenida Joaquim Dias de Sousa Ribeiro, 48 A telef, 2518351

NÃO É UMA HISTÓRIA DE AMOR, NEM UM FILME POLICIAL, NEM MESMO UM «WESTERN», MAS REUNE AS TRÊS CONDIÇÕES! ● TEM HUMOR E VIOLÊNCIA!

MIREILLE DARC

ANOUK FREJAC
HENRI GARCIN

NUM FILME DE
GEORGES LAUTNER



ESTREIA • AMANHÃ, ÀS 21.45 •

DOPERFILME — ADULTOS

ROMA

● GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO

APRESENTAM, EM TRIUNFAL
A MRS NO TEATRO

● **MARIA VITÓRIA** ●

A REVISTA DA GARGALHADA

● **GRANDE POETA É O ZÉ!** ●

(Prémio da Imprensa para a melhor revista do ano)

COM ● **SALVADOR** ● **VIANA**

(Prémio da Imprensa para o melhor actor de 1968)

● **MARIEMA**

E UM GRANDE ELENCO COM

no «compere» A NOTÁVEL ATRACÇÃO ● **MAY AVRIL**

● ÀS 20.45 E ÀS 23 HORAS ●

● DOMINGO «MATINEE» ÀS 16 ●



TRINDADE

— F. N. A. T. —

ÀS 21.45 h. (M. 17 anos)

HOJE, ÀS 21.45 (17 anos)

o T.N.P., sub. pelo Fundo

do Teatro, apresenta

SABINA FREIRE

de M. Teixeira Gomes

com Lourdes Norberto

na protagonista

SABADO, tarde às 16 h.

CAPITÓLIO

Tel. 32 03 79

Êxito fulgurante de

TANGO

pela Companhia do Tea-

tro Nacional D. Maria II

3ª-FEIRA, 4ª

«FREI LUIS DE SOUSA»

POLITEAMA
APRESENTA AGORA EM SENSACIONAL
3.ª SEMANA
o BOM, o MAU e o VILÃO
(THE GOOD, THE BAD AND THE UGLY)
VIOLENTO, DIABÓLICO E EMOTIVO COMO NENHUM



CLINT EASTWOOD

Considerado pelos críticos de New York como um dos dez actores mais populares nos Estados Unidos em 1968 pela sua actuação neste filme

LEE VAN CLEEF

ALDO GIUFFRÉ | MARIO BREGA

ELI WALLACH
no papel de Tuco

Realização de **SERGIO LEONE** **TECHNISCOPE** **TECHNICOLOR** **UNITED ARTISTS**

A MÚSICA DESTA FILME MANTEVE-SE À CABEÇA DO «HIT PARADE»

ABC **JOSÉ MIGUEL** apresenta
AMANHÃ

T. 366745 (Adultos) **UMA REVISTA**
ELAS É QUE SABEM

Original de PAULO DA FONSECA, CÉSAR DE OLIVEIRA e ROGÉRIO BRACINHA

com musica de JOÃO NOBRE e JOÃO DE VASCONCELOS

JOSÉ DE CASTRO

● **IVONE SILVA** ● **NICOLAU BREYNER** ● **HENRIQUETA MAYA**
● Natalina José ● Óscar Acúrcio ● Jill Christie

● Pela primeira vez em revista **JOSÉ DE CASTRO** ● Estreia em teatro de **MARIA DA FÉ** ● e a atracção nacional **TONY DE MATOS**

— Encenação de César de Oliveira — Montagem de Mário Alberto

— Coreografia de Mestre Charles — Guarda-roupa dos ateliers Paiva
feito por Josefina Soares

A BILHETEIRA ABRE NO DIA DA ESTREIA ÀS 12 HORAS



Teatro
LAURA ALVES

2 SESSÕES às 20.45 e 23 h. (Adultos)

SABADO «MATINEE»
ÀS 16 H. PARA TODO O PÚBLICO

(Para estudantes preço unico de 10500)

VASCO MORGADO apresenta
O EXITO QUE LISBOA DISCUTE!
a deliciosa comédia

O JOVEM MENTIROSO

UMA PEÇA PARA RIR E PENSAR!

NOVO CASINO ESTORIL

apresenta



ACADEMIA DE CULTURA PORTUGUESA

No dia 4 de Fevereiro decorrerá, às 18 e 30, na Sociedade de Geografia de Lisboa, uma sessão durante a qual é recebido como académico correspondente o sr. D. António dos Reis Rodrigues, bispo de Madarsuma, que apresentará uma comunicação sobre «Emigração e Diálogo de Culturas».

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ Contrariamente ao que fora anunciado, é o filme «A Rapariga do Revólver», de Mario Monicelli, interpretado por Monica Vitti, que concorre em Abril ao «Oscar» do melhor filme estrangeiro, e não o «Diário de uma Esquizofrénica», de Nello Risi. Este filme não pode ser admitido pela Academia de Cinema de Hollywood, por não ter ainda carreira comercial.

■ Os realizadores italianos Visconti, De Sica e Rossellini foram entrevistados, numa sondagem de opinião, so-

bre a «onda de erotismo» que alastra nas actuais produções cinematográficas italianas. Os três realizadores revelaram-se, de modo geral, contrários a este género de filmes.

■ Os checoslovacos Bohuslav Musil e Mila Tresnak filmaram um documentário sobre o Vietnã do Norte, onde estiveram durante trinta dias. A película intitulase «O Sinal de Tet» e pretende mostrar «o contraste entre os momentos da guerra e aqueles em que reina a paz» — disse o realizador Musil.

■ O realizador checo Jindrich apresentará em breve a película «Os Cavaleiros do Céu», que trata sobretudo dos pilotos checos que durante a última guerra combateram na R. A. F.

■ Nas Jornadas do Filme Romeno, que estão a ser organizadas em Paris, figuram produções recentes dos estúdios de Bucareste, algumas premiadas em festivais internacionais, entre elas «Domingo às Seis», de Lucian Pintilie, premiada em Cannes e Acapulco.



**LIMA
KIM**

vedeta
Sul-Coreana
da
canção

RUDI HORN

ORIGINAL
EQUILIBRISTA
E MALABARISTA

MARIA VALEJO



DORISS GIRLS' SHOW
DO "MOULIN ROUGE" DE PARIS

OS "SHEIKS" • JIRINA'S COMBO
JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

NO CINEMA, ÀS 17 e 21.30 H.
NÃO PERCA A CABEÇA (M. 12 anos)

**TEATRO
VILLARET**

ADULTOS

**VASCO
MORGADO
APRESENTA
EM 2.º MÊS**

HOJE: às 21 h. e 23 horas

COM GRANDE ÊXITO
UMA COMÉDIA POPULAR

A PREGUIÇA

COM

RAUL SOLNADO

numa das suas melhores interpretações
e ainda

**FERNANDA BORSATTI — ALINA VAZ
MÁRIO JACQUES — ANTÓNIO MONTEZ
DAVID SILVA**

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Lapa, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalho, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Soufim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Salgadas, a partir das 20 horas.



QUANDO
A ESCÓRIA
DA TROPA AMERICANA
ENFRENTOU
A ELITE DO
EXÉRCITO CANADIANO
A GUERRA
TOMOU UMA NOVA DIMENSÃO
...E NASCEU

**A BRIGADA
DO DIABO**
(THE DEVIL'S BRIGADE)

**UM FILME FORA
DE SÉRIE**

com

**WILLIAM CLIFF VINCE
HOLDEN ROBERTSON EDWARDS**

2ª SEMANA



MICHAEL RENNIE • DANA ANDREWS • GRETCHEN WYLER com **ANDREW PRINE • CLAUDE AKINS • CARROLL O'CONNOR**

RICHARD JAECKEL • JACK WATSON • PAUL HORNUNG • GENE FULLMER Argumento de Bas. no livro de **WILLIAM ROBERTS • ROBERT H. ADLEMAN • GEORGE WALTON** Realização de **ANDREW V. MCGLASLEN**

Prod. de **DAVID L. WOLPER** Aliado de **ALEX. NORTH**

Majores de 17 anos

PANAVISION COLOR Deluxe

A habitação de carácter social

— tema do X Congresso Internacional dos Arquitectos que se realiza em Outubro em Buenos Aires

Realizou-se ontem de manhã, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, uma conferência de imprensa do ar. Federico Ugarte, presidente do «comité» organizador do X Congresso da União Internacional dos Arquitectos, que vai efectuar-se em Outubro, na cidade de Buenos Aires.

O congresso coexistirá com muitos outros empreendimentos congêneres, em que os interesses dos profissionais da arquitectura serão debatidos. Esta «reunião magna» dos arquitectos inclui, além do já mencionado congresso da U. I. A., um concurso internacional para estudantes; um encontro internacional de urbanistas (em Mar del Plata), na semana seguinte à reunião de Buenos Aires, subordinado ao tema «A explosão demográfica»; uma exposição internacional de conforto humano e o terceiro festival internacional de cinema sobre arquitectura. Antes destas organizações de fundo, reunirão os «comités» executivo e assembleia geral da U. I. A., em sessões de rotina.

O congresso dos arquitectos, cupula deste conjunto de iniciativas envolvendo a arquitectura e os seus problemas actuais, debaterá-se, este ano, sobre a habitação de carácter social.

O arq. Ugarte insistiu sobre a natureza prática e funcional que este congresso pretende assumir e desenvolver, inovando em relação aos nove já realizados. Não serão apreciados projectos, mas apenas obras já feitas, critérios que já tiveram

uma manifestação concreta, logo arquitectónica (bairros já construídos, casas já habitadas...). Isto permitirá, não só evitar o abstraccionismo utópico e teorizante como confrontar experiências diversas já conseguidas, no domínio da habitação social.

O que é habitação social

A definição desta, objecto de hesitação e debate acabou por ser estabelecida como «a que, pelo menor custo possível, e dentro das normas essenciais de habitabilidade, é construída com o propósito de ser posta ao alcance das famílias de poder económico mais débil, utilizando para tal o conjunto de medidas legais e financeiras compatíveis com o estado e organização da sociedade de que se trata».

De salientar a instituição de uma moeda-padrão para o congresso, a qual consiste no salário médio anual do pedreiro. Sendo o aspecto económico financeiro fundamental para a apreciação da problemática da habitação social, impunha-se a criação de um valor monetário efectivamente universal que permitisse a discussão e comparações. A organização decidiu, por isso, estabelecer tabelas com base no que, em todos os países, participantes auferem um pedreiro.

Outras inovações: a discussão livre, depois de cada exposição, por parte de qualquer congressista que o desejar; a intervenção de especialistas não-arquitectos, como economistas, médicos e sociólogos; e a participação de estudantes de arqui-

ectura em pé de igualdade com os profissionais.

Em Maio, reunem-se em Paris, um comité de selecção composto por elementos de sete países: França, U. R. S. S., Checoslováquia, Finlândia, Brasil, Estados Unidos e Argentina, que escolherão de 10 a 15 trabalhos para irem à final. Estes deverão ser criações-exemplos, não necessariamente as melhores, mas as mais representativas da diversidade de selecções que tantos dos 65 países membros da U. I. A. deram à questão da habitação social. Os trabalhos não são susceptíveis de prémios, mas apenas de auxiliarem as conclusões do congresso.

O congresso dos estudantes

Ao contrário do que acontece com o congresso propriamente dito, de que descrevemos resumidamente o esquema, o concurso internacional dos estudantes, destinado a projectos, ou seja, a trabalhos ainda não materialmente ajustáveis ou postos em prática. Além de dois estudantes designados por cada secção nacional da U. I. A., cujas despesas correm por conta da organização, podem concorrer mais dois estudantes por país, estando estes últimos libertados do custo da estadia pelo comité organizador. A selecção dos concorrentes é do critério das secções nacionais, mas qualquer estudante pode enviar o seu trabalho a título pessoal, beneficiando da existência daquelas concorrentes não-oficiais.

ora diga-nos...

— Que brinquedos tens em casa?

«Mais tarde, o carrinho ficará sem rodas e a boneca sem cabeça».
(Pensamento de qualquer um de nós).



● *Afirmou nos, depois, o moço Manuel António Rosado:*

— Tenho poucos brinquedos. Brinquedos sem importância...
— Como, por exemplo...
— Olhe, tenho lá um tractor.



● *Finalmente, falou-nos assim João Domingos, mais ginsticador do que os outros dois:*
— Comigo não há brinquedos, há raquetes.
— Jogas «ping-pong»?
— Jogo. É o meu passatempo favorito.
— Ganhas sempre?
— Perco sem vergonha.

● *Disse-nos o pequenito António Carlos Machado Francisco:*

— Eu sou o Tony.
— Não é isso...
— Pois, Tenho bonecas, piões, um canhão...
— Um canhão?
— Sim. É o brinquedo de que eu mais gosto.



O MESMO ATESTADO A PREÇOS DIFERENTES

Do nosso leitor sr. José Luís Ferreira, da Ameixoeira-Lisboa, recebemos esta carta:

«Porque será, quais as razões particulares, se as há, que o mesmo atestado, para

os mesmos efeitos, custa preços diferentes nas várias freguesias de Lisboa e arredores? Assim, referindo-me aos atestados de abono de família, e, repito, não atirando com o motivo da disparidade, verifico que o mes-

mo documento custa: na freguesia da Ameixoeira, 9\$50; na de Mem Martins, 8\$00; na de Piedade, 5\$00; na de Amadora, 5\$50 (de urgência, 10\$50); na de Alto Pina, 8\$50; na de Amora, 2\$50; na de Camarate, 7\$50, etc.»

A habitação é o seu problema?

COM UMA PEQUENA ENTRADA

(SE FOR BENEFICIÁRIO DA PREVIDÊNCIA)

A PRONTO PAGAMENTO, OU COM

FACILIDADES ATÉ 20 ANOS

PODE ADQUIRIR CASA PRÓPRIA

E... RECEBERÁ AINDA

A NOSSA OFERTA DE ANO NOVO

5 ou 10 CONTOS EM DINHEIRO

SE FIZER A AQUISIÇÃO ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 1969

ANDARES—MORADIAS

MAGNÍFICOS

MARAVILHOSAS

165 A 240 CONTOS... 660 A 680 CONTOS

EM

RIO DE MOURO

A DOIS PASSOS DE LISBOA E DE SINTRA

TEMOS PARA SI O LAR IDEAL

ORGANIZAÇÃO



BRANCA LUCAS—S. A. R. L.

R. D. ANTÃO DE ALMADA, 5-2.ª Dr.ª—LISBOA (à Igreja S. Domingos)

TEL. 32 0047 - 32 00 63

AMANHÃ • ESTREIA NO ODEON E EUROPA

FERNANDO GUSMÃO
CARMEN MENDES
RUI MENDES
MÁRIO JACQUES
BAPTISTA FERNANDES
SERGE FARKAS
VITOR GOMES
CUNHA MARQUES
E A ESTREANTE

ANA LEIRIA

ADMIRÁVEL SURPRESA
DO
CINEMA NACIONAL

UMA HISTÓRIA NOVA!

COMO OS PORTUGUESES REAGEM
PERANTE A VIOLAÇÃO DOS SEUS
DIREITOS PELO INVASOR DA SUA

PÁTRIA

A CAÇADA DO MALHADEIRO

EASTMANCOLOR

UM FILME DE QUIRINO SIMÕES



EM
COMPLEMENTO:
O DOCUMENTÁRIO
COLORIDO

MOÇAMBIQUE
MISSÃO
DE COMBATE

REALIZAÇÃO DE
QUIRINO
SIMÕES

(ADULTOS)
EXCLUSIVO DA
IMPERIAL
FILMES

A Companhia de Seguros Império é hoje uma Companhia de Marketing



● que é, para a IMPÉRIO, ser uma Companhia de Marketing:

É ser uma empresa que considera o cliente logo no início do seu ciclo de produção.

● O estudo das necessidades do cliente é que leva a empresa a conceber os produtos que deve produzir para satisfazer essas necessidades.

● É pensar, modestamente, que o cliente é o único juiz das nossas decisões e que as iniciativas da empresa só são válidas quando o cliente aceita os nossos produtos pelo seu justo valor.

● É pressentir as necessidades do cliente e antecipar-se à sua evolução para investir e criar os produtos de que precisa o homem de amanhã.

● É organizar-se e dirigir-se para servir uma clientela e atingir níveis de produtividade que tornem possível, através de preços mais baixos, alargar o mercado a novos grupos de

consumidores.

● É fazer da inovação uma força impulsionadora da empresa, uma força que faz a empresa percorrer rapidamente os caminhos árduos do progresso.

● É pensar que, a longo prazo, só a satisfação das necessidades do cliente é a garantia duma empresa sólida, dimensionada ao nível das necessidades do futuro, útil à economia da Nação e, além disso, rentável.

«Marketing» e «management» são duas palavras que se tornaram familiares às empresas de todo o mundo. As empresas que se projectam no futuro com uma força decisiva utilizam os modernos métodos de gestão (management) e inspiram-se numa filosofia de mercado (marketing) em que a satisfação das necessidades do cliente é o seu objectivo.

AO SEU SERVIÇO



IMPÉRIO
a sua seguradora

RUA GARRETT, 62 — LISBOA 2

Cerca de cinco centenas de pessoas assistiram, esta manhã, à primeira demonstração, no nome Pula, de pás escavadoras e carregadoras hidráulicas «Poolain». Realizou-se em terrenos anexos ao

Participações para fomento da reconversão agrária

Por despacho do secretário de Estado da Agricultura foi autorizado que, da verba fixada para 1968 pelo Ministério da Economia, para fomento da motomecanização, fossem atribuídas participações no valor de 17 563 423\$00, a vários agricultores e organizações da lavoura que se encontram abrangidos pelas disposições do decreto relativo à motomecanização.

Por aquele membro do Governo, foi também autorizado o Fundo de Melhoramentos Agrícolas a conceder empréstimos a diversos agricultores e organizações da lavoura, nos distritos de Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu, com a seguinte distribuição: 4 538 600\$00 — em máquinas agrícolas; 3281 300\$00 — construção rural; 2 808 000\$00 — oficinas tecnológicas; 2 038 500\$00 — aquisição de prédios rústicos; 1246 400\$00 — fruticultura e horticultura; 1 245 000\$00 — aquisição de gado; 996 350\$00 — obras de rega, drenagem e defesa contra a erosão; 766 000\$00 — casas de habitação para empresários agrícolas; 565 000\$00 — drenagem para Grêmios da Lavoura; 170 800\$00 — outros melhoramentos; e 38 000\$00 — fomento florestal.

Restaurante Castanheira de Moura, ao Lumiar, sendo uma iniciativa das firmas E. Pinto Basto e C.^a Lda. e Kendal, Pinto Basto, e C.^a Lda., em colaboração com a sua representada Poglain, S. A.

Esteve presente o adido comercial da Embaixada de França em Lisboa, assumido como os sr. Tomás Pinto Basto e Pierre Milhe Poutignon, representante da Poclain. Entre a assistência, predominavam engenheiros de diversos organismos oficiais e empresas particulares, construtores civis, técnicos de pedreiras, minas, etc.

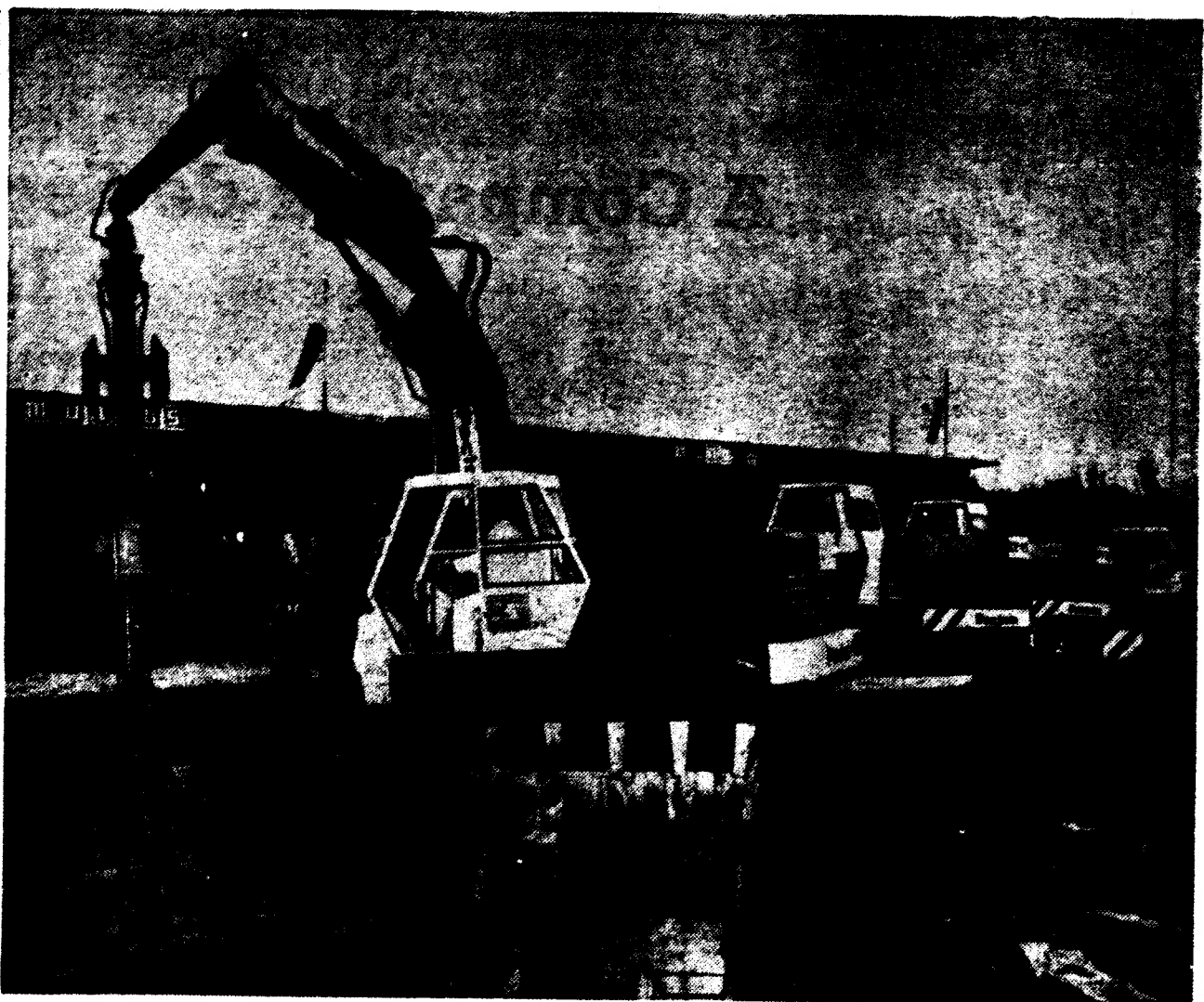
Conhecidas desde há alguns anos no nosso País, as pás hidráulicas «Poolain», hoje apresentadas formalmente em público, «constituem uma «obra-prima» da indústria francesa, segundo disse o técnico gaulês que as apresentou

«As suas características essenciais — facilidade de condução e a máxima rentabilidade na construção civil e obras públicas — levaram à sua preferência em todo o Mundo. Com efeito, sendo a Poclain a construtora de pás hidráulicas mais importante na Europa, 50 por cento da sua produção destinase, actualmente, a mercados externos situados nos cinco continentes: Inglaterra, Itália, Noruega, Suécia, Espanha, E. U. A., Canadá, todos os países da América Latina, Japão, Austrália e a maior parte dos países da África.»

A numerosa assistência seguiu, com muito interesse, as demonstrações práticas feitas por técnicos da firma Pinto Basto e da sua representada Poelain, assim como breves explicações transmitidas por alto-falantes.

E muito viram e ouviram.
 Por exemplo: a Pólain tem
 uma gama de 13 modelos de
 cava hidráulicas de 30 a 120
 cavalos, sobre pneus ou la-
 rjetas, com um ou dois mo-
 tores. As possibilidades des-
 tes modelos, com um total
 de mais de 120 equipamen-
 tos, são quase infinitas: en-
 terraplanagens, canalizações,
 fundações, escavações, manu-
 enção, etc.

A empresa Poelain S. A.



Foi com esta máquina que começou a "Demonstração Pinto Bas to-Pocain". Fácil de conduzir e rapidez no trabalho — eis duas das suas características. Em muito pouco tempo, abre um poço de 13 metros de profundidade.

que é, como se disse, a mais importante da especialidade. Na Europa, ocupa mais de três mil pessoas nas suas quatro fábricas de Plenis-Belleville, Crépy-en-Valois, Compiègne e Verberie que representam uma superfície superior a 75 quilómetros quadrados. O seu êxito internacional baseia-se, como se disse a segundo o referido técnico francês, numa produção de qualidade e no princípio de «melhor serviço ao cliente» assegurado por uma vasta rede de filiais e concessionárias repartidos por vários países em todo o mundo.

O prestígio alcançado em poucos anos leva hoje os

responsáveis da Pociain (noti-
ficada anônima cujo capital
ascende a 35 280 000 fran-
cos) a afirmar que «milha-
res de pés hidráulicas Po-
cain em serviço constituem
uma importante referência
para os empreiteiros de
obras públicas e para os in-
dustriais que julgam a ren-
tabilidade de um material
nóo, mas robusto e eficiente».

de la sua robustez e eficácia. A demonstração (que foi designada por «Demonstração Pinto Basto-Poolain») seguiu-se, na sala do restaurante Castanheira de Moura, a projecção de documentários a cores realizados em todas as regiões do mundo, mostrando as pás escavadoras e carregadores Poolain nas mais variadas condições de trabalho.

Por fim, realizou-se um almoço de confraternização que foi oportunidade para uma mais pormenorizada troca de impressões sobre os

modelos de pás hidráulicas | sede na Av. 24 de Julho, 1,
Poolain de que a empresa E. | 1.º em Lisboa, é represen-
Pinto Basto e C.ª, Lda., com | tante em Portugal.

Artes plásticas

As aguarelas de José Rodrigues

José Rodrigues, de quem por diversas vezes temos salientado as qualidades e o saber de aguarellista, apresenta-se mais uma vez ao publico de Lisboa. Desta feita no Palácio Foz.

«Do Terra e do Mar» intitula o artista a sua exposição em que se contam alguns dos mais belos trechos da costa portuguesa depois de ter andado por terras de Espanha. a convite oficial, flandando terras de horizontes bem largos e fundos, a começar na Andaluzia.

José Rodrigues que tem a

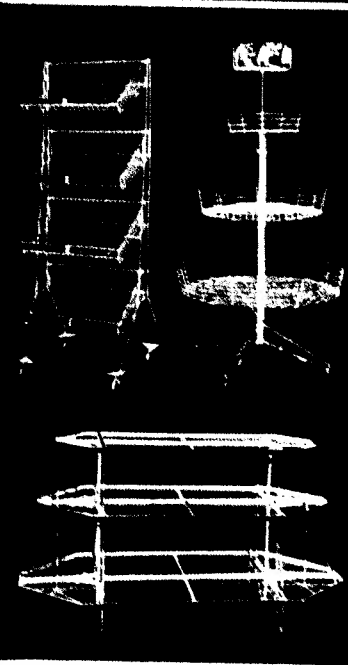
ua casa e centro de arte na Outra Banda, numa das arrabidas que dão para o Oceano, começou por fixar as partes da costa que lhe são familiares como aquele Cabo Espichel (1), tão desconhecido aqui á beira de Lisboa, «On-de a terra acaba», tem o vigor de toda a costa batida pelas águas e tons glaucos quase misteriosos. Em Setembro são os homens e redes (2), os barcos varados em terra (5), os próprios pesqueiros (16) e aquela solidão grandiosa do mar (19). Depois o artista vai a Setúbal, á Nazaré em que fixa também os homens, os barcos, as ruas e a falésia onde se deu o milagre.

Aquarelista da melhor escola, José Rodrigues, tem obra acabadá e algumas das suas obras sobrelevam, particularmente a que intitulou «Velas recolhidas» (18), com um fundo muito bem trabalhado, aquela área cor de oiro da Nazaré, os barcos na doca do Tejo. Trabalha as tintas de a sua com singular mestria e largueza, sem efeitos escusados de forma a deixar a obra de arte toda a sua pureza e força.

Outras obras merecem relevo, que não apenas as da costa. E «Campos salolos», por exemplo, uma Alfama, a Capela de Janas, são a terra idílica dada pela arte de José Rodrigues

O prof. Pedro Rocamora, da Embaixada de Espanha, prefacia o catálogo de boa apresentação

ESTANTERIAS



FERNAN.

Para todos os fins, em
arame de aço cromado.
Expositores para fru-
tas, garrafas, bolachei-
ros. Gôndolas dos mais
variados tamanhos.
Tipos especiais para
Supermercados,
Salsicharias, Fruta-
rias, Mercenarias, etc.

Será para nós um prazer apresentar um estudo de remodelação ou equipar o vosso estabelecimento em moldes modernos e funcionais com os melhores materiais para estanteria.

FRIAL - Instalações Frigoríficas e Artigos Domésticos, Lda.
AVENIDA DO BRASIL, 40-A TELEF. 76 89 03/4/5 LISBOA

Pequena queda graves efeitos

ÉVORA. 29 — Ao menino e ao borracho põe-lhe Deus a mão por baixo. Mas às vezes Deus descuida-se, é natural, basta um leve desviar de olhos — e o menino fica sem ninguém que lhe ponha a mão por baixo.

Foi com certeza o que sucedeu à menina Maria Alves Clérigo, de 7 anos. Andava a brincar na sua casa que fica em Santiago de Rio de Moinhos. Corria, saltava e até onde não deveria fazê-lo; na cozinha. Resultado à vista: uma queda, a cabeça que bate violentamente na garrafa do gás, a menina inanimada... Conduzida imediatamente ao hospital de Évora, ali ficou internada em estado grave.

Novas dependências de J. Pimenta («Pois, pois»)

A organização J. Pimenta vai inaugurar depois de amanhã, às 12 e 15, na Amadora, um grande centro de materiais de construção, composto por três estabelecimentos interligados e ainda um posto médico devidamente apetrechado para assistência aos seus empregados e operários.

A cerimônia da inauguração do conjunto, que ficará integrado nos Serviços Sociais da empresa, segue-se um almoço de confraternização num restaurante da Rebouelra, Amadora, no qual, como se diz no convite, haverá "esels tündos porcos esels".



Um dos quadros de José Rodrigues, com os barcos varados na areia e as velas recolhidas, verdadeiramente característico da maneira do artista.

BOA VIAGEM—TRANSPORTES, S. A. R. L.**INFORMA:**

Dia 3 de Fevereiro, 2.ª feira, inauguração da nova carreira entre Oeiras (Bairro Dr. Augusto de Castro) e S. João do Estoril (Licença).

CARRERA: Provisória de passageiros		HORÁRIO		Ondas (Baixo Br. Augusto de Castro)	
Companhia: BSA TAXIS-TRANSPORTES, S.A.S.				S. João do Estoril (Lisboa)	
		Localidades			
125	1145	1255	1245	125	1145
126	1155	1265	1245	126	1155
127	1205	1275	1245	127	1205
128	1215	1285	1245	128	1215
129	1225	1295	1245	129	1225
130	1235	1305	1245	130	1235
131	1245	1315	1245	131	1245
132	1255	1325	1245	132	1255
133	1305	1335	1245	133	1305
134	1315	1345	1245	134	1315
135	1325	1355	1245	135	1325
136	1335	1365	1245	136	1335
137	1345	1375	1245	137	1345
138	1355	1385	1245	138	1355
139	1365	1395	1245	139	1365
140	1375	1405	1245	140	1375
141	1385	1415	1245	141	1385
142	1395	1425	1245	142	1395
143	1405	1435	1245	143	1405
144	1415	1445	1245	144	1415
145	1425	1455	1245	145	1425
146	1435	1465	1245	146	1435
147	1445	1475	1245	147	1445
148	1455	1485	1245	148	1455
149	1465	1495	1245	149	1465
150	1475	1505	1245	150	1475
151	1485	1515	1245	151	1485
152	1495	1525	1245	152	1495
153	1505	1535	1245	153	1505
154	1515	1545	1245	154	1515
155	1525	1555	1245	155	1525
156	1535	1565	1245	156	1535
157	1545	1575	1245	157	1545
158	1555	1585	1245	158	1555
159	1565	1595	1245	159	1565
160	1575	1605	1245	160	1575
161	1585	1615	1245	161	1585
162	1595	1625	1245	162	1595
163	1605	1635	1245	163	1605
164	1615	1645	1245	164	1615
165	1625	1655	1245	165	1625
166	1635	1665	1245	166	1635
167	1645	1675	1245	167	1645
168	1655	1685	1245	168	1655
169	1665	1695	1245	169	1665
170	1675	1705	1245	170	1675
171	1685	1715	1245	171	1685
172	1695	1725	1245	172	1695
173	1705	1735	1245	173	1705
174	1715	1745	1245	174	1715
175	1725	1755	1245	175	1725
176	1735	1765	1245	176	1735
177	1745	1775	1245	177	1745
178	1755	1785	1245	178	1755
179	1765	1795	1245	179	1765
180	1775	1805	1245	180	1775
181	1785	1815	1245	181	1785
182	1795	1825	1245	182	1795
183	1805	1835	1245	183	1805
184	1815	1845	1245	184	1815
185	1825	1855	1245	185	1825
186	1835	1865	1245	186	1835
187	1845	1875	1245	187	1845
188	1855	1885	1245	188	1855
189	1865	1895	1245	189	1865
190	1875	1905	1245	190	1875
191	1885	1915	1245	191	1885
192	1895	1925	1245	192	1895
193	1905	1935	1245	193	1905
194	1915	1945	1245	194	1915
195	1925	1955	1245	195	1925
196	1935	1965	1245	196	1935
197	1945	1975	1245	197	1945
198	1955	1985	1245	198	1955
199	1965	1995	1245	199	1965
200	1975	2005	1245	200	1975

OBSERVAÇÕES:

Não se efectua aos domingos e feriados nacionais e nos períodos de férias escolares.

O MINISTRO DAS COMUNICAÇÕES NO PORTO

Estudados problemas do trânsito e dos transportes colectivos

PORTO, 30 — No segundo dia da sua visita de trabalho e estudo, o sr. ministro das Comunicações esteve de manhã, na Câmara Municipal, onde decorreu uma reunião, dedicada a problemas dependentes do seu Ministério. Nela tomaram parte os srs. drs. Jorge da Fonseca Jorge, governador civil; Nuno Pinheiro Torres e eng. Veloso de Faria, respectivamente, presidente e vice-presidente do Município; Eduardo Pinto da Cruz, presidente da Comissão Municipal de Trânsito; eng. Jaime Pessoa, director do S. T. C. P. e técnicos desse serviço; dr. Semão Pinto de Mesquita, delegado do Governo junto do S. T. C. P.; coronel Santos Junior, comandante distrital da P. S. P.; eng. Daniel Lima, chefe da Repartição do Trânsito da Câmara e, ainda, os componentes da comitiva ministerial, entre os quais, os srs. eng. Guimarães Lobato director do Gabinete do Planeamento dos Transportes Terrestres e maior Enes Ferreira, comandante da P. V. T.

A reunião que foi privada, durou duas horas, findas as quais o sr. eng. Canto Moniz e as entidades referidas foram visitar as obras do silo-auto e os terrenos onde devem ser construídas as estações de camionagem da cidade, nomeadamente no Parque das Camélias, em Campanhã (ao fundo da Rua Pinto Bessa) e Ameal, e, ainda, os terrenos do Bessa.

Solução parcial do problema do estacionamento

Um dos problemas mais prementes para a cidade é o que se relaciona com o trânsito, especialmente, quanto a estacionamento. Verificase, no que se refere ao local conhecido por Carvalheiras, situado no recorte das Ruas Guedes de Azevedo, Sá da Bandeira e Gonçalo Cristóvão, mesmo no coração do

burgo, a dois passos da Baixa, onde está a ser construído um parque de estacionamento em altura.

Denominado Silo-Auto, quando concluído, terá capacidade para cerca de oito centenas de veículos ligeiros, além de que a estrutura será dotada de uma ampla estação de serviço, com todos os requisitos, ali se ostentando montras com pormenores relativos ao turismo nacional. Na cúpula, ou seja no oitavo e último piso, está prevista a construção de uma pista de patinagem no gelo, à volta da mesma, uma confortável galeria que incluirá um restaurante.

Para se poder fazer uma ideia da grandiosidade da obra, bastará apontar os seguintes números: 35 000 metros em construção e material, numa base de 3675 metros quadrados de superfície.

Os acessos serão feitos da seguinte maneira: os automóveis entram pela Rua Guedes de Azevedo e saem pela Rua do Bolhão. E, uma vez concluído, o silo-auto contribuirá grandemente para a resolução de um dos problemas mais aflitivos da cidade — o do estacionamento. Entrará em serviço em Junho próximo, concluído que sejam os primeiros pisos.

O ministro foi recebido nas obras do silo-auto pelos respectivos corpos gerentes.

Aeroporto e transportes colectivos

O sr. eng. Canto Moniz dirigiu-se, depois, para a cantina do S. T. C. P. onde almoçou, e percorreu, em seguida, as instalações daquele serviço, acompanhado pelo sr. eng. Jaime Pessoa que o elucidou.

Aquele membro do Governo esteve no aeroporto de Pedras Rubras, e, mais tarde foi a Esmoriz, para estudar problemas que se relacionam com aquele aeropor-

to, e ainda a possibilidade de o aeródromo de Espinho (Esmoriz) servir como alternante ao de Pedras Rubras.

À fim da tarde, decorreu no Governo Civil uma reunião do ministro com os industriais dos transportes colectivos de passageiros que mantêm carreiras na área de influência da cidade. Objectivo em vista: uma efectiva coordenação de transportes.

Finda a reunião, haverá, no Município, uma conferência com os representantes da imprensa, aos quais serão fornecidas as conclusões da visita ministerial.

O sr. eng. Canto Moniz regressa, depois, à capital, num avião da Aeronáutica Civil.

VIDA POLITICA

Ministro das Corporações

O ministro das Corporações recebeu a direcção do Sindicato Nacional de Guias-Interpretes.

Ministro do Ultramar

O ministro do Ultramar recebeu os embaixadores da Austrália (que amanhã parte para uma visita a Angola e Moçambique) e da Turquia.

Subsecretário de Estado das Obras Públicas

O subsecretário das Obras Públicas trabalhou com o go-

ROBERTO NOBRE

Foi operado, com êxito, pelo sr. dr. Pinto de Carvalho, no Hospital de Jesus, o artista plástico e crítico de cinema Roberto Nobre. Desempenha-se pronta recuperação.

vernador civil de Lisboa, que se encontrava acompanhado do presidente da Câmara Municipal da Lourinhã, e, também, com o chefe do distrito de Bragança. Aquele membro do Governo recebeu ainda, os srs. eng. Sá e Melo, director do Gabinete de Estudos de Urbanização e Habitação, eng. Duarte Pacheco e eng. João Pedro da Costa, presidente do grupo de trabalho da Indústria de Construção e Obras Públicas.

Secretário de Estado da Indústria

O secretário de Estado da Indústria recebeu os srs. drs. Marques Monteiro e Carlos Ornelas, administradores, respectivamente, da Sociedade Central de Carveles e da Companhia de Carveles da Madeira; eng. José Lucena, da Caprofil; eng. António Costa Reis, director-geral da E. F. C. E. C.; e eng. Hermenegildo Fala Blanc, presidente do conselho de administração do Amónio Portugal.

SOCIEDADE DE NEUROLOGIA E PSIQUIATRIA

Hoje, às 22 horas, na sede da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria (Hospital Miguel Bombarda), decorre uma sessão em que o sr. dr. António Magalhães apresentará uma comunicação sobre «O iso-enzimograma da creatina fosfoquinase e biopsias de doenças musculares humanas».

Prof. Mário de Figueiredo

Segundo informação da Casa de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa o sr. prof. Mário de Figueiredo encontra-se já restabelecido dos seus incómodos respiratórios, mas aguarda que «melhore da ferida num pé anterior ao seu internamento».



ELE É UM ENTENDIDO...

Sabe o que é a pesca.

Conhece o valor de uma rede.

Por isso já usa as novas redes TREVIRA que garantem:

- longa duração
- resistência aos efeitos do sol
- máxima extensibilidade
- mínima absorção de água
- rompimento quase nulo
- alta flexibilidade mesmo a baixas temperaturas



FÁBRICA DE REDES DE PESCA MARINA S.A.R.L.

ESTRADA DA CIRCUNVALAÇÃO 13941/75 PORTO

PORTUGAL

— O MAIS BENEFICIADO

DOS SETE MEMBROS DA EFTA

GLASGOW, 29 — (A. N. I.) — «Portugal, um dos sete membros fundadores da E. F. T. A., tem obtido maiores benefícios do aumento de comércio entre os países desta associação do que qualquer dos outros membros» — lê-se num artigo de R. E. Dundas que o diário «The Glasgow Herald» publicou.

«Sendo um país em desenvolvimento — continua R. E. Dundas — Portugal tem recebido uma atenção especial,

da parte das outras nações da E. F. T. A.

«Por exemplo, em Maio de 1963, um conselho de ministros da E. F. T. A. reunido em Lisboa, concordou com o estabelecimento de uma comissão de desenvolvimento económico destinada a contribuir especialmente para o desenvolvimento industrial da Noruega e de Portugal.

«Por outro lado, o facto de ser membro da E. F. T. A. abriu os olhos a Portugal para o mercado mais vasto da Europa, embora quando a Inglaterra quis entrar no Mercado Comum, em 1961, Portugal houvesse decidido procurar acompanhá-la.

«Parece-nos, assim — concluiu R. E. Dundas — muito provável que os continuos benefícios retirados do comércio livre da E. F. T. A. tenham contribuído consideravelmente para aumentar o poder competitivo de Portugal nos mercados internacionais.»

Nova comissária

nacional adjunta para o Ultramar

Foi enviada para o «Diário do Governo» a portaria conjunta dos ministros do Ultramar e da Educação Nacional que nomeia a dr.ª Maria Ivete Filomena Colaço para o cargo de comissária nacional adjunta para o Ultramar, da Mocidade Portuguesa Feminina, em substituição da dr.ª Maria Ana da Luz Silva, que recentemente passou a desempenhar as funções de comissária nacional.

A nova comissária nacional adjunta para o Ultramar, natural de Goa, é licenciada em Filologia Germanica pela Faculdade de Letras de Lisboa.

A Carris e a Fundação Presidente Salazar

O sr. Presidente da República recebe, amanhã, às 17 horas, um grupo de empregados da Companhia Carris que lhe vai entregar um donativo destinado à Fundação Presidente Salazar.

UM AVISO PRÉVIO EM DEFESA DA LÍNGUA PORTUGUESA FOI APRESENTADO NA ASSEMBLEIA NACIONAL

A Assembleia Nacional promulgou, hoje, os seus trabalhos, figurando na ordem do dia o aviso prévio em defesa da língua portuguesa, requerido pelos deputados do círculo do Porto, sr. dr. Eládio Pimenta e Alberto de Carvalho.

Apresentou o aviso prévio o sr. dr. Eládio Pimenta, que afirmou a certa altura:

«A defesa da Língua, na sua expressão nacional e responsável universal, como actividade de cultura e facto de natureza de extensão política, não poderá ficar apenas no domínio das responsabilidades do Poder público no qual pertence, certamente, a promoção das necessárias medidas de ensino e de educação da educação cívica, ao bruto de vigilância atenta contra todas as corrupções e da polícia das instituições infiltradas dos modernismos internacionais que ofendem o bom gosto e servem, de ve-

zes, de capa subtil dos imperialismos linguísticos.

Em seguida desenvolveu o tema com referências ao Português do Brasil, à evolução da língua falada e escrita de geração para geração e à necessidade do ensino do português no 3.º ciclo liceal. E a certa altura, afirmou ser necessário educar, na escola e fora da escola, e lá a terminar:

«A Língua, não nos consente de repetir, conjuntamente com a língua condicionada, porventura, a sua existência. Ela nasceu com a própria nacionalidade, e precisa mesmo. Muito fez o invasor estrangeiro para destruir a nossa individualidade de Nação, faltou aos compromissos tomados na Constituição de 1976, as regras prometidas tornaram-se perdendo pouco a pouco. Nunca, porém, foi capaz de atingir a Língua, e foi ela, então, quem deu aos Portugueses a

força para se libertarem do domínio intruso.

O deputado por Viseu, cónego Henrique Mouta, pediu a generalização do debate, usando logo a seguir da palavra, da tribuna. Depois de um introito, em que falou de um estruturalismo, novidade recente vinda de Moscovo, que até se pretendia infiltrar na Teologia, o orador falou da língua «com muito respeito», como o respeito devido à nossa mãe. Dividiu o seu longo discurso em várias partes: «Língua, bandeira de Nação», «O Português é o génio vivo da comunidade», «E o papel de anarquia fonética, morfológica e sintáctica», etc., citando exemplos. Falou do Latim, sugerindo a sua reposição no curso geral dos liceus e, já a terminar, disse:

«Sem nada destruir, importa distribuir. Distribuir a todos, a todos os Portugueses, um instrumento de entendimento e colaboração, de iluminação e de promoção social. Haverá, longe e ao largo... e sempre alto, muito alto, o penho da língua portuguesa».

● Por grande maioria (em 81 deputados apenas dez votaram contra), a Assembleia Nacional ratificou os decretos-leis relativos a produtos siderúrgicos, que vinham a ser discutidos animadamente em plenário e, principalmente, nas comissões de Economia e Finanças. A Câmara manteve, assim, uma tradição de apoio ao Governo.

● Não se trata, porém, de uma ratificação pura e simples dos diplomas sobre o proteccionismo à Siderurgia Nacional e sobre as taxas de importação de ferro e aço. Uma proposta de lei de última hora, com um adicional a um dos decretos-leis, permite que o assunto seja estudado pela Câmara Corporativa e volte, de novo, à Assembleia. Assim, procurou-se defender, tanto quanto possível, o prestígio de ambas as partes.

● O «raders», conselheiro Albino dos Reis, apresentou, depois, uma moção, em que, com outros deputados (Melo e Castro, Campos Neves, Pinto de Meneses, Peres Claro e Rui Vieira) pedia urgência para os «raders» constitucionais relativos à proposta de lei.

● O vice-presidente em exercício, sr. dr. Soares da Fonseca, habitualmente ausente, não pôde deixar de se associar ao risco geral despertado por um aparte do dr. Aguiar de Oliveira. Falava o dr. Alberto de Araújo. Interrompeu o dr. Ulisses Cortês. O dr. Aguiar de Oliveira quis intervir, mas o presidente não permitiu a interrupção da interrupção. O dr. Alberto de Araújo, com o seu tom oratório, prosseguiu: «Sinto-me feliz por ter dado origem a estes apartes de personalidades tão ilustres.» Comentário do dr. Aguiar de Oliveira: «V. Ex.ª contenta-se com poucos.» A Câmara riu com vontade. O autor do comentário foi sentar-se no seu lugar, aborrecido, ignorando aparentemente o êxito obtido.

● No período antes da ordem do dia houve intervenções de incontestável interesse. O deputado dr. Brás Regueiro ocupou-se do problema hospitalar do Alto-Minho, nomeadamente do hospital regional de Viana do Castelo, há tanto tempo prometido. Foi apoiado pelo deputado dr. Araújo Novo: «Há 13 anos, o caso era urgente. Antes disso era urgentíssimo. Agora já não temos adjectivos...» O deputado Hordido Silva falou da necessidade de eliminar o problema das transferências para o Ultramar.

● Temperado o aço, a Câmara vai descansar um pouco, temperando a língua: começa hoje um aviso prévio sobre a defesa da língua portuguesa. Será — ao que se julga — uma semana de intervenções tranquilas e muito literárias.

● Dado o numero crescente de apertes e interrupções na Câmara, multiplicaram-se os gravadores portáteis na bancada da Imprensa, o que causa com frequência inveja à mesa dos taquígrafos, onde só há um estenógrafo...

Em três linhas

Foi ordenada a extinção das instituições de assistência particular. O Instituto de Assistência da Câmara de Lobos, Centro Paroquial de Assistência da Encarnação e Santa Casa da Misericórdia de Montalegre, dos concelhos, respectivamente, de Câmara de Lobos, Matra e Montalegre.

Banqueiros franceses de visita a Portugal

Partiram de Lisboa, ontem, de manhã, dez dirigentes de bancos franceses, responsáveis pelo tratamento automático da informação dos respectivos bancos. Deslocaram-se a Lisboa num avião da Companhia IBM, para visitarem expressamente o Banco de Lisboa e Açores, um dos mais avançados da Europa naquele domínio.

Com efeito, todas as dependências urbanas do banco, incluindo Almada e Estoril, estão ligadas directamente através de terminais e linhas telefónicas ao computador IBM 360/30 a discos magnéticos instalado na sede do banco, e onde estão centralizadas as contas de todos os clientes. Em escassas segundos, através do terminal, a conta do cliente pode ser consultada e imediatamente actualizada. Para além da extrema rapidez com que é servido, o cliente pode, também, movimentar a sua conta em qualquer uma das dependências da rede de telecomunicações. O sistema acima descrito é único em Portugal.

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços compramos: Diamantes muito bonos

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

CHURROS E DOCE

BARRIO - LISBOA - QUELUS

Guia

Garantia de Proximidade e Competência

RUA D. DUARTE, 4-B (Edifício do Hotel Mundial)

FIM DE TARDE EM S. BENTO

● Por grande maioria (em 81 deputados apenas dez votaram contra), a Assembleia Nacional ratificou os decretos-leis relativos a produtos siderúrgicos, que vinham a ser discutidos animadamente em plenário e, principalmente, nas comissões de Economia e Finanças. A Câmara manteve, assim, uma tradição de apoio ao Governo.

● Não se trata, porém, de uma ratificação pura e simples dos diplomas sobre o proteccionismo à Siderurgia Nacional e sobre as taxas de importação de ferro e aço. Uma proposta de lei de última hora, com um adicional a um dos decretos-leis, permite que o assunto seja estudado pela Câmara Corporativa e volte, de novo, à Assembleia. Assim, procurou-se defender, tanto quanto possível, o prestígio de ambas as partes.

● O «raders», conselheiro Albino dos Reis, apresentou, depois, uma moção, em que, com outros deputados (Melo e Castro, Campos Neves, Pinto de Meneses, Peres Claro e Rui Vieira) pedia urgência para os «raders» constitucionais relativos à proposta de lei.

● O vice-presidente em exercício, sr. dr. Soares da Fonseca, habitualmente ausente, não pôde deixar de se associar ao risco geral despertado por um aparte do dr. Aguiar de Oliveira. Falava o dr. Alberto de Araújo. Interrompeu o dr. Ulisses Cortês. O dr. Aguiar de Oliveira quis intervir, mas o presidente não permitiu a interrupção da interrupção. O dr. Alberto de Araújo, com o seu tom oratório, prosseguiu: «Sinto-me feliz por ter dado origem a estes apartes de personalidades tão ilustres.» Comentário do dr. Aguiar de Oliveira: «V. Ex.ª contenta-se com poucos.» A Câmara riu com vontade. O autor do comentário foi sentar-se no seu lugar, aborrecido, ignorando aparentemente o êxito obtido.

● No período antes da ordem do dia houve intervenções de incontestável interesse. O deputado dr. Brás Regueiro ocupou-se do problema hospitalar do Alto-Minho, nomeadamente do hospital regional de Viana do Castelo, há tanto tempo prometido. Foi apoiado pelo deputado dr. Araújo Novo: «Há 13 anos, o caso era urgente. Antes disso era urgentíssimo. Agora já não temos adjectivos...» O deputado Hordido Silva falou da necessidade de eliminar o problema das transferências para o Ultramar.

● Temperado o aço, a Câmara vai descansar um pouco, temperando a língua: começa hoje um aviso prévio sobre a defesa da língua portuguesa. Será — ao que se julga — uma semana de intervenções tranquilas e muito literárias.

● Dado o numero crescente de apertes e interrupções na Câmara, multiplicaram-se os gravadores portáteis na bancada da Imprensa, o que causa com frequência inveja à mesa dos taquígrafos, onde só há um estenógrafo...

Cofres de aluguer

AV. REPUBLICA, 3

BANCO DO ALENTEJO

Henkel

Oixan

Importador exclusivo: **RIA**

ARMENIA COMERCIAL Lda

apartado 60 - Telef. 24041-AVEIRO

LISBOA-Av. Poeta Mistral, 15/c. Esq. Telef. 769089

PORTO-Rua Aires de Omeias, 230. Telef. 494206



COMBATE A ATROFIA REUMATOIDE — Uma equipa científica do Instituto Kennedy de Reumatologia de Londres, chefiada pelos drs. Joseph Chayen e dr. Lucille Bikenhry, anunciou, há dias, ter descoberto uma «formação» de duas vitaminas (a C e a E3) que têm especial aplicação no combate à artrite reumatoide. Os drs. Roger Bickner e Leonard Foster (ambos à direita) são os componentes deste grupo de investigação científica

DUAS BELAS «MISSSES» AUSTRALIANAS EM LISBOA:

«O amor é maravilhoso e o casamento uma boa instituição...»

representada pela Sociedade Comercial Cotandre, Lda.

Um belo passeio, não há dúvida. Desembarcamos em Lisboa e ficamos por cá até depois de amanhã, para breve visita ao nosso país. Depois, seguimos de comboio para Sevilha. Daremos, então, um largo passeio pela Europa: Espanha, Suíça, França e Inglaterra.

— E depois, Austrália... — Sim, embarcamos a 17 de Março, em Southampton, no «Fairship».

— «Miss» Victória é inglesa. Alta e loira platinada. Está há seis anos na Austrália, em Melbourne, e é modelo fotográfico há dois.

— Gosto muito da minha profissão. E' trabalhosa, mas agradável e bem do nosso tempo.

— Também exercido também na Inglaterra. E' deita as suas vistas para o cinema. Há uma possibilidade próxima. Tem 20 anos esplendorosos (festejou-os a bordo, há uma semana, e houve festa rija).

— «Miss» Austrália é australiana mesmo, de Melbourne. E' empregada numa grande empresa e tem 24 anos. E' loira também, mas não platinada. Mais baixa do que a «companheira» titular, tem um tipo diferente. E' linda.

— Amorosa, segreda convívio o homem das fotografias.

— Estas eleições de «misses» ao jeito australiano decorrem em moldes diferentes dos habituais noutros países. O concurso é organizado ali pela Associação Australiana de Deficientes Mentais e os galardões são distribuídos pelas concorrentes que, aliando a beleza à cultura, tenham obtido as maiores receitas a

EXPOSIÇÃO DE LIVROS INGLESES DE MEDICINA

No acto inaugural da Exposição, no Instituto Britânico, de Livros Ingleses, de Medicina (que decorrerá na terça-feira, às 21 e 45), o sr. prof. dr. Jaime Celestino da Costa, catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa, falará sobre «A Grã-Bretanha e a Educação Médica».

Gravataria PARIS

RUA AUREA, 173

ESTÁ LIQUIDANDO

Restos das suas

COLECCOES DE INVERNO

Homem e Senhora

Sobretudo Cabardines

Cosacos Calças

● O excepcional detergente **Oixan** recomendado pelos maiores fabricantes mundiais de máquinas de lavar roupa.

● Protege a sua máquina contra o calcário.

● Contém um branqueador especial de oxigénio.

● Com espuma regulada impede que a água transborde.

AS OLIMPIADAS GASTRONÓMICAS DE FRANKFURT

A cozinha húngara

Maria de Lurdes Modesto oferece as receitas de dois pratos famosos aos nossos leitores

Maria de Lurdes Modesto publicou no nosso jornal, em Dezembro último, algumas das suas impressões acerca das Olimpíadas Gastronómicas de Frankfurt, nas quais participou como enviada especial do «Diário de Lisboa». É ainda como resultado dessa experiência da nossa colaboradora que hoje inserimos o primeiro de uma série de artigos no qual Maria de Lurdes Modesto nos dá conta da peculiaridade da cozinha húngara, cuja participação nas referidas Olimpíadas revestiu justificada saliência.

AS NUMEROSAS medalhas de ouro ganhas em concursos gastronómicos internacionais, nomeadamente nos realizados este ano em Frankfurt, constituem a prova de que a excelência da arte culinária húngara, reconhecida no mundo inteiro, não é uma legenda gratuita, mas uma realidade, que se afirma ao longo dos séculos.

A cozinha húngara teve a sua grande época sob o reinado do rei Mathias, o soberano da Renascen-

de um vermelho vivo e (ao contrário do que muitos pensam) não é picante, mas até um pouco adocicada. Segundo declarou um Prémio Nobel, a paprika é o alimento mais rico em vitamina C que se conhece.

Não tivemos, infelizmente, oportunidade de provar, durante as Olimpíadas Gastronómicas de Frankfurt, o prato mais apreciado pelos húngaros — a célebre sopa de peixe à moda de Szede — que



O goulache tal como é servido na Hungria



Apresentação de Fatányeros sobre pratos de madeira

ga magiar, cuja mulher, a rainha Beatrix, reunindo à sua volta soldados que eram ao mesmo tempo hábeis cozinheiros, escreveu o primeiro tratado de cozinha húngara.

Embora difira essencialmente da de então, a cozinha húngara dos nossos dias conserva fundamentalmente as suas características principais: é excelente, rústica, sadia e, sem tornar-se monótona, limita-se a um pequeno número de pratos.

Actualmente, é caracterizada pelo uso abundante da banha de porco, de cebola, de nata azeda e de paprika. Correndo o risco de decepcionar algumas leitoras, diremos que o uso da paprika na cozinha húngara é relativamente moderno, e que nem uma só menção lhe é feita nos livros de cozinha do século XVIII. Apesar disso, a paprika é a especiaria que melhor define hoje a cozinha húngara. E

apenas pode ser preparada com peixes que vivem exclusivamente no lago Balaton — o mar da Hungria —, no Danúbio e seus afluentes. Tivemos, sim, a sorte de poder comer, preparado por húngaros, o autêntico goulache e um dos pratos de que os magiares mais se orgulham, e que ainda hoje é servido com todo o ritual: Fatányeros — o prato de carnes grelhadas. Diz-se que este prato é velho de mais de mil anos: nas casas nobres era costume, em dias de festa, assar-se um boi inteiro, que os convivas, armados de canivetes, comiam directamente do espeto. Os restos eram, então, oferecidos, sobre pratos de madeira, aos amigos, que, por qualquer razão, não tinham participado do repasto.

São as receitas destes dois pratos que, em intenção das nossas leitoras, passamos a transcrever:

FATANYEROS

Colecam-se, alternadamente, sobre um monte de batatas salteadas em manteiga, fatias de carne de vaca ou de vitela grelhadas, costeletas de porco e de toucinho fumado, também grelhadas.

Deve servir-se sobre pratos de madeira, acompanhado com salada de tomate, beterraba, couve branca e roza e pepinos de conserva

Recomendam-me como vinho de acompanhamento para estes dois pratos o vinho de Tokai. Surpreendeu-me este conselho, pois que estes dois pratos apresentam uma natureza gastronómica completamente diferente.

De qualquer modo, trata-se de um vinho do qual Luis XIV dizia ser o «Rei dos vinhos e o vinho dos Reis».

Actualidade internacional

MANIFESTAÇÕES EM ITÁLIA

(Continuação da 1.ª página)

A certa altura, várias centenas de estudantes, empunhando bandeiras, tentaram passar através dos cordões da Polícia para chegarem à sede do grupo das direitas.

Pedras atiradas pelos manifestantes estilhaçaram montras de estabelecimentos e os policiais foram atingidos com lascas de vidro.

Reforços da Polícia seguiram com urgência para o local, a fim de repelirem com cargas de bastão os manifestantes, alguns dos quais se anunciaram terem ficado feridos durante a confusão.

LIBERDADE ACADEMICA

Em Milão, mais de 2000 estudantes desfilaram através das ruas pedindo maior liberdade académica. Os manifestantes paralisaram durante mais de uma hora o trânsito no centro da cidade, mas não foram anunciados incidentes.

Outras desordens estudantis foram também anunciadas em Cagliari, na Sardenha, e Palermo, na Sicília.

Em Florença, um estu-

OS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS AMEAÇADOS DE PARALISAÇÃO

ROMA, 30 — (R.) — Uma paralisação nacional dos 40 000 empregados das estações de serviço ameaça hoje interromper todos os transportes rodoviários numa Itália assolada por greves.

Quando a greve do pessoal das estações de serviço começou ontem, as três gigantescas federações sindicais do país anunciaram uma greve nacional de 24 horas na indústria particular em 12 de Fevereiro. Entretanto, foi também anunciada, para 5 de Fevereiro, uma greve nacional de todos os operários da indústria, de Estado e privada, trabalhadores rurais e funcionários civis, em apoio do aumento das reformas.

ALASTRA EM INGLATERRA A AGITAÇÃO ACADEMICA

LONDRES, 30 — (R.) — A agitação académica de Londres estendeu-se às primeiras horas do hoje, às universidades de Cambridge e Essex quando estudantes rebeldes do instituto de Económicas de Londres fizeram um apelo para um apoio generalizado numa marcha de não violência.

Cerca de 300 estudantes do Instituto, tradicionalmente radical, estiveram a organizar marchas contra a escola enquanto os simpatizantes faziam manifestações nos edifícios das universidades de Cambridge e Colchester.

Em Cambridge mais de cem estudantes da esquerda ocuparam a câmara do Senado, tendo havido algumas escaramuças com estudantes rivais.

Em Colchester, onde se encontra a Universidade de Essex, 300 finalistas ocuparam a sala de conferências e o teatro.

Mini orçamento de guerra: — o de Andorra: 145 escudos

WASHINGTON, 30 — (F. P.) — Um pequeno jornal da Pennsylvania decidiu na quarta-feira tomar a seu cargo o orçamento militar do principado de Andorra.

A direcção do «Mercury», diário da pequena localidade de Pottstown, anunciou que vai enviar as autoridades de Andorra um cheque de cinco dólares (cerca de 145 escudos), representando, de acordo com informações publicadas na imprensa norte-americana, o total das despesas que fará Andorra em 1969 com o abastecimento em munições dos vinte soldados da sua guarda.

Um deputado da Pennsylvania, Lawrence Coughlin, apressou-se a declarar que se trata de uma ideia muito generosa da parte do jornal, mas que o Congresso poderá levantar objecções se uma entidade particular norte-americana subvencionar o orçamento militar de um Estado estrangeiro.

Contudo, o «Mercury» tranquilizou imediatamente o deputado afirmando: «Fazemos isto com a convicção de que tal quantia será utilizada unicamente na defesa de Andorra ou para prestar honras e nunca com a finalidade de lançar uma ofensiva contra os Estados Unidos ou os seus aliados».

BORMAN VIRA A LISBOA

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON (Texas), 30 — (A. N. 1.) — Lisboa é uma das cidades do itinerário do astronauta Frank Borman, que, com sua mulher Susan e os dois filhos vai fazer uma digressão de duas semanas pela Europa, em Fevereiro.

O projecto desta viagem, que deverá receber a aprovação do presidente Nixon antes de se tornar oficial, foi ontem revelado por um informador da agência espacial, em Houston (Texas).

ACUSAÇÃO DE HANOI

PARIS, 30 — (R.) — A segunda sessão plenária das conversações de paz no Vietnam inicia-se hoje nesta capital no meio de esperanças de que mais bases para sério regateio posterior poderão ser estabelecidas, a despeito de novas acusações de Hanoi contra os Estados Unidos.

O Vietnam do Norte, alegou

uma comunicação divulgada em Paris pela sua delegação, que 18 mulheres e crianças foram mortas ou feridas por ataques aéreos contra aquele país em 23, 24, 25 e 26 deste mês.

Os norte-vietnamitas afirmaram que os ataques ilustraram a natureza belicosa dos agressores americanos e as agalvras hipócritas do chefe da delegação dos Estados Unidos, Henry Cabot Lodge.

DESMENTIDO ISRAELITA

TEL AVIV, 30 — (R.) — Israel desmentiu as notícias transmitidas pela Rádio de Bagdad sobre um suposto ataque aéreo israelita às posições de tropas iraquianas no norte da Jordânia. Um informador do Estado-Maior israelita disse não ter qualquer fundamento a alegação feita pela Rádio de Bagdad de que aviões israelitas tinham atacado tropas iraquianas na Jordânia.

Da mesma forma, acrescentou, é falsa a notícia de que um avião israelita teria sido abatido.

Livros apreendidos em Espanha

MADRID, 30 — (F. P.) — Em Pamplona, várias centenas de estudantes tentaram realizar uma assembleia livre na terça-feira de manhã, num edifício da Universidade Católica (da Opus Dei). Foram presos nove estudantes, um dos quais foi imediatamente deportado para as Ilhas Canárias.

Em Madrid e Barcelona, as Universidades continuam fechadas, não se notando quaisquer incidentes nas restantes universidades do país.

Por outro lado, a Polícia parece ter iniciado uma operação de «purificação cultural». Várias obras consideradas como perigosas foram apreendidas nas livrarias. No Index, figuram as citações de Mao Tse Tung, o «Diário» de Che Guevara, as obras de Bakunine e de Herbert Marcuse.

Protesto do patriarca copta

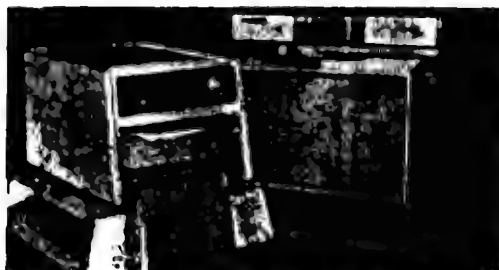
CAIRO, 30 — (R.) — O patriarca da Igreja Ortodoxa Copta, Kyriolos VI, pediu a noite passada ao Conselho Mundial das Igrejas que agisse rápida e firmemente a fim de condenar Israel por causa do encerramento da Igreja do Sagrado Sepulcro, em Jerusalém.

Numa comunicação emitida nesta capital, o patriarca disse que a acção de fechar a Igreja pela primeira vez em 1600 anos exigia solidariedade entre os chefes eclesásticos para procurarem medidas drásticas contra a mais insuportável injustiça já conhecida na História da Humanidade.

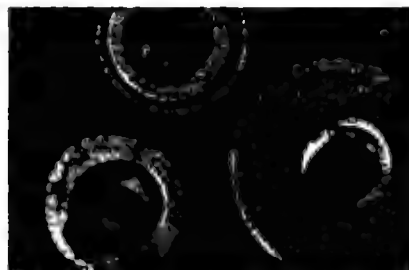
Kyriolos VI acrescentou que a Igreja era o lugar mais sagrado para um bilhão de cristãos.

Guardas da antiga igreja no sítio do Calvário fecharam as portas do templo, agindo devido à decisão das autoridades eclesásticas católicas, romanas, ortodoxas-gregas e arménias, após uma greve sentada de 11 mulheres árabes na igreja.

A greve, que começou no domingo e terminou ontem à noite, constituiu um protesto contra a ocupação israelita de Jerusalém.



Qualquer copilador/duplicador RX...



...movimenta automaticamente uma assistência completa...



...e não imobiliza o seu capital!

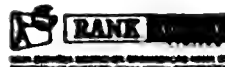
V. sabe quanto vale uma cópia Rank Xerox?

Quando V. manda produzir uma cópia de um documento no seu escritório, já pensou realmente em quanto lhe fica essa cópia? Bem. Pense de parte a questão, no caso de V. já ser um cliente Rank Xerox. Parece um paradoxo, mas o valor de uma cópia RX é muito superior ao seu custo. Vale uma assistência completa e gratuita ao equipamento. Vale também um apoio técnico que envolve racionalização e redução de burocracia no fluxo documental da empresa. Isto é um pormenor do tipo de ser-

viço, real e positivo, oferecido pela Rank Xerox. No panorama da cópia e duplicação, a Xerox também representa tempo: o que se poupa com a operação num copilador/duplicador RX. Representa um bom rendimento do capital que V. teria de investir na aquisição de um copilador vulgar — porque um copilador/duplicador RX não se vende. Aluga-se. E isto evita que V. imobilize capital em qualquer rendimento. Nem se sujeita a depreciações.

Portanto, faça os seus cálculos e estabeleça a diferença entre quanto vale uma Xerox e o custo de uma cópia vulgar.

Telefone para: 53 99 51 (Lisboa) — 6 78 58 (Porto) e 2 78 48 (Coimbra)
Sede: Av. António Augusto de Aguiar, 106 Lisboa



*Rank Xerox é uma marca registada de Rank Xerox Limited

Toda a organização é mais eficiente com Rank Xerox



Johnson, durante uma conferência de imprensa, no seu rancho do Texas, para onde se retirou após ter sido substituído na presidência dos Estados Unidos por Richard Nixon

O Líbano pronto a aceitar auxílio militar francês

Por ERIC ROULEAU

A CRISE MINISTERIAL LIBANESA voltou a agravar-se na terça-feira, em consequência da demissão dum quarto membro do gabinete formado em 16 de Janeiro por Rachid Karamé. Trata-se de Nassir Meakouf, ministro do Turismo, que fora convidado a fazer parte do governo de coligação como independente, aparentemente ao Partido Nacional Liberal, de Camille Chamoun. Outros dois ministros, pertencentes ao grupo do centro, Nassim Majdelani e Abdel Latif Zein, prevêem igualmente deixar o gabinete de Karamé.

Este, no final duma conversação na terça-feira à noite com o chefe de Estado, declarou à imprensa que «a crise não podia durar mais», e deu a entender que «tomaria, o mais tardar na quarta-feira, as medidas que se impunham», para pôr termo à crise.

BEIRUTE, Janeiro. — Rachid Karamé, presidente do Conselho do Líbano, deve um tanto as suas novas funções ao choque provocado pela «raida» israelita contra o aeroporto de Beirute, em 28 de Dezembro último. Foi chamado dias depois para formar um governo de união nacional, capaz de enfrentar uma situação que arriscava tornar-se explosiva. Karamé, com efeito, beneficia não só do apoio dos nacionalistas muçulmanos, que nele vêem um pan-árabe convicto, como também do respeito dos cristãos, que o consideram um sincero patriota libanês.

Numa entrevista que teve a amabilidade de nos conceder, Rachid Karamé anunciou que «permaneceria no poder seja qual for o número de defeições, no seu governo». Quis indicar por este modo igualmente, para os leitores do «Mundo», antes mesmo da publicação da declaração ministerial, a orientação que conta dar à política do seu Governo.

«A incursão israelita», declarou à maneira de entrada na matéria, «cabou muitíssimo os libaneses. Estes tomaram consciência da necessidade de defender a integridade territorial e a independência da sua pátria, de reforçar para o efeito o seu Estado introduzindo as reformas radicais que se impõem, consentir os sacrifícios que lhes forem pedidos».

A opinião popular exige de nós que estabeleçamos o serviço militar obrigatório, que reforçemos as defesas nas nossas fronteiras, que sirvamos a causa palestina com todos os meios ao nosso dispor. Comprometemo-nos a dar satisfação a todas as reivindicações. Certos dirigentes israelitas, como o general Moshe Dayan, fazem mal em crer que, com a sua política de brutalidade colada, conseguirão impôr-nos a paz ou obrigá-los a tratar mal os comandos palestinos».

«Os resistentes palestinos têm direito à nossa estima»

Nessas condições, não será tido em conta o avô de Israel, que vos ameaçou com novas represálias se continuarem a existir infrações de comandos na fronteira libanesa?

Israel procura todos os pretextos para justificar a sua política de agressão e de expansão. O pretexto invocado depois do ataque contra o avião de Atenas por um comando palestino era completamente ridículo. Israel acusou-nos, sem dar a sombra de uma prova, de termos armado os agressores. Por outro lado recusa que os observadores da O. N. U. empreendam um inquérito dos dois lados da fronteira, como desejamos. Israel exige que o Líbano proíba os resistentes palestinos de atravessarem clandestinamente a fronteira. No entanto, a despeito dos grandes meios de que dispõem os serviços de segurança israelitas estes foram incapazes de impedir os atentados e as sabotagens perpetrados até no próprio coração de Tel Aviv. Não podemos fazer por Israel o que Israel não é capaz de fazer por si próprio. Em todo o caso, isto demonstra uma coisa: quando um povo decide tomar as armas para defender os seus direitos, nada no mundo pode impedir-lho. Disse e repito que os resistentes palestinos têm direito à nossa estima e ao nosso respeito.

Israel acusa também o Líbano de dar refúgio aos representantes das organizações palestinas, que abrigam escritórios de propaganda em Beirute.

O nosso país tem um regime democrático e liberal. Abriga propagandistas, movimentos políticos e ideológicos estrangeiros dos mais variados. Adversários e partidários da guerra do Vietnã, para só mostrar um exemplo, defrontaram-se livremente no nosso país. De harmonia, com que lógica deveríamos proibir só aos palestinos o direito de se exprimirem? As organizações de resistência instalaram escritórios em diversas capitais europeias que lhes dão bom acolhimento. Em nome de quê os libaneses, árabes, deveriam ser menos hospitalários que povos completamente alheios ao conflito palestino?

Senhor presidente, alguns políticos libaneses, em particular Raymond Eddé, preconizam a instalação de uma força da O. N. U. na fronteira libanesa-israelita para ali conservar a paz. Que pensa desta proposta?

Não julgo que semelhante medida seja susceptível de nos proteger contra um ataque israelita. A instalação de «capacetes azuis» nas fronteiras doutros países nunca impediu Israel de praticar a sua política de agressão. Por outro lado, grande parte da opinião libanesa não quer uma força internacional nas suas fronteiras. O meu dever, como presidente do Conselho, é afastar tudo quanto

NOVOS MINISTROS BRASILEIROS

PETROPOLIS (Estado do Rio). 30 — (A. N. I.) — Em cerimónia realizada no Palácio Rio Negro, o presidente Costa e Silva assinou o termo de posse dos novos ministros do Interior, Costa Cavalcanti, e das Minas, Antonio Dias Leite Junior.

O marechal sublinhou que a substituição dos ministros que sobraçavam aquelas pastas já era esperada, pois os militares têm um limite para a permanência fora do serviço activo do Exército.

Neve em Jerusalém

JERUSALÉM, 30 — (A. N. I.) — Jerusalém amanheceu coberta de neve e com o termómetro a acusar temperaturas negativas.

Brigadas de operários com maquinaria própria estão a remover a neve das ruas, que em muitos locais impedia o tráfico.

NOTA INTERNACIONAL

Trinta e seis anos depois

Há trinta e seis anos, que hoje se completam, Adolfo Hitler era convidado a formar Governo pelo presidente alemão, marechal Hindenburg e o III Reich nascia.

No tumulto de paixões e interesses que se sucederam à guerra de 39-45, o real significado do regime nacional-socialista foi ofuscado, sem que tivesse sido possível uma avaliação concreta das origens e finalidades políticas do ordenamento constitucional hitleriano.

A Ocidente e a Leste foi difundida uma imagem «satânica» dos pensamentos, palavras e obras dos chefes nazis, e as várias propagandas dos vários aliados procuraram desde então esconder as mazelas domésticas exibindo oportunamente os crimes do nacional-socialismo. Dachau e Treblinka, o Anschluss ou o ataque à Polónia, recordados a tempo e horas, permitiram fazer esquecer outras realidades mais importantes porque mais contemporâneas. E o nazismo foi-nos proposto (deliberadamente ou não) como um «regime político à margem da política», isto é: algo de aberrante, historicamente não enquadrável, cujas raízes seriam fundamentalmente de ordem psicológica — de preferência a social e económica.

Uma solução de continuidade foi afirmada entre a «democracia», que antecedeu o nazismo e que a ele sucedeu, por um lado, e o próprio nazismo por outro. As causas (pelo menos últimas) do nacional-socialismo não seriam pois detectáveis numa dada estrutura sócio-económica que tem a sua expressão política mais comum na chamada «democracia ocidental».

A evolução política experimentada pela Alemanha (e por outros países da Europa) pôs em causa semelhante visão do representante uma «eficaz biema». O regime hitleriano solução de recurso para o capitalismo germânico numa época em que a concorrência, económica e política, que no «seu seio» se verificava, o expunha perigosamente aos golpes de um proletariado jovem mas já experimentado. (Nossos lados — a Hungria de Horthy é exemplo — seria a própria inelutabilidade do capitalismo e não o vigor e periculosidade das forças anticapitalistas que justificaria a recorrência a soluções políticas similares).

Após a guerra, ao capitalismo alemão foi possível lançar para o caixote do lixo da História as incómodas roupagens com que Hitler vestira os aparelhos políticos nacionais. Ultrapassada a fase concorrencial do capitalismo, os monopólios (internacionalmente estruturados e apoiados) eram por si só uma segura garantia e a concorrência política podia ser restaurada.

Mas a própria concorrência política, uma vez restaurada, veio afinal a configurar-se como um bastião do conservantismo. As várias opções po-



Adolfo Hitler, que há 36 anos foi nomeado chefe do Governo alemão

líticas enquadraram-se num sistema constitucional e sócio-económico previamente estabelecido; a liberdade de escolha entre todas elas tornou-se um rasgoável substituto da Liberdade, antes reivindicada; a troca de alguma respeitabilidade, a social-democracia e a burocracia proletária aceitaram as regras do jogo; e a Democracia veio a garantir, com êxito, o exercício de um poder que o governo do Führer comprometera com os seus excessos.

República de Weimar, III Reich e R. F. A. não assim definíveis como os três ângulos de uma mesma realidade. Não é pois «censurável» que os melhores quadros políticos alemães tenham servido sob vários desses regimes: fazendo-o, eles não serviram dois anos como Arlequim, mas um mesmo e único senhor. Não é pois de estranhar que as transições e mutações se tenham processado sem convulsões profundas: uma análise das estruturas políticas sociais e económicas da Alemanha sob cada um dos três regimes não assinalaria, por certo, notáveis diferenças qualitativas.

A primeira das transições, da República de Weimar para o II Reich processou-se aliás constitucionalmente, regulamentarmente: Hitler foi nomeado Chanceler pelo Presidente e eleições livres confirmaram-no no poder. E uma «democracia ocidental» deu assim à luz um regime que muitos qualificaram como a sua negação com uma desenvoltura capaz de fazer corar qualquer liberal ortodoxo.

A. L. S.

GREVE NOS CORREIOS DA GRÃ-BRETANHA

LONDRES, 30 — R.) — Os serviços postais da Grã-Bretanha ficaram hoje paralisados, quando o pessoal dos correios se pôs em greve nos principais centros urbanos do país.

Esse pessoal juntou-se aos telegrafistas do estrangeiro, que paralisaram a maior parte dos serviços telegrá-

cos entre o país e o estrangeiro com uma greve de 11 dias em torno de reivindicações salariais.

Telefonistas do serviço interno e internacional estão também a aderir à greve, causando grandes demoras ou a desorganização completa dos serviços telefónicos.

A greve de um dia do pessoal dos correios nas 19 maiores cidades do país, que se regista hoje, segue-se a uma proibição sobre horas extraordinárias que transformou as estações de correio de alguns dos principais centros da Grã-Bretanha em armazéns de correspondência por entregar.

Cofres de aluguer

Av. República, 3

BANCO DO ALENTEJO

Aprovada pelo Município de Coimbra a proposta de aumento da electricidade (terceiro escalão: 40 centavos o kW)

COIMBRA, 29 — Na sessão da Câmara Municipal foi aprovada, por maioria, a proposta de nova tarifa, de 2.º escalão da energia eléctrica, que passou a ser de \$40 e quilowattio, segundo acordo com as empresas fornecedoras.

O presidente sr. eng.º Araújo Vieira referiu-se à comissão arbitral, constituída por um árbitro dos fornecedores (União Eléctrica Portuguesa e Companhia Eléctrica das Beiras), outro da Câmara Municipal e ainda outro pela Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, e disse que a mesma concluiu os seus trabalhos. Como foi dito — acrescentou —, alarmados ante as perspectivas da acção da referida comissão, fora decidido procurar um acordo amigável com as empresas, de forma a permitir, neste período de transição, umas tarifas, que, embora agravadas, não seria tanto como obrigaria uma solução elevada do coeficiente de correcção.

Recordou o edil não ter sido a Câmara quem concorreu

para esse agravamento; antes o contestou como é do conhecimento de todos, tendo por isso encarado o problema de frente por entender que era preciso defender a economia das empresas, e sobre esse assunto aceita-se a intervenção dos órgãos do Poder, desde que sejam conhecedores da necessidade inadiável dessa medida.

Prosseguindo, disse o presidente que foram seguidos os trâmites legais, e que o que se fez foi a melhor solução, dentro do âmbito do fim do contrato que melhor se arranhou para a aquisição da energia.

A actualização — afirmou — de um novo preço de compra implica, como é óbvio, a revisão do preço de venda, estudando-se, por isso, umas tarifas como base no sistema uniformizado para o País, procurando-se praticar \$40 para a energia do terceiro escalão para os usos domésticos, enquanto não for alterado o valor da aquisição agora fixado. Embora as novas condições prevejam o preço de

\$45 para esse escalão, os Serviços Municipalizados, para acataram a economia dos consumidores, sugerem aquele preço, superando o encargo que isso representa.

O sr. eng.º Araújo Vieira prosseguindo na sua exposição disse que estas novas tarifas têm o acordo da Direcção-Geral dos Serviços de Electricidade entidade que orientou os estudos feitos; e que a demora da decisão e conclusão do acordo reflecte a preocupação da Câmara e dos Serviços em problema de tamanha transcendência. Lou depois alguns officios sobre o assunto afirmando que faltava só o parecer do sr. subsecretário de Estado da Indústria sobre a matéria. A proposta da nova tarifa foi aprovada por maioria.

Os centenários de Eugénio de Castro e Gago Coutinho

A Câmara resolveu, ainda, comemorar os centenários de Eugénio de Castro (com a inauguração de um busto) e do almirante Gago Coutinho. O sr. eng.º Araújo Vieira disse que a Universidade colabora nessas celebrações.

O sr. eng.º Azevedo Sobral perguntou ao presidente se evoluiu a questão da orientação futura do Gabinete de Urbanização já que na recente visita do sr. ministro das Obras Públicas fora ventilada a necessidade da planificação da cidade, principalmente quando se levantou o problema da variante norte da estrada nacional n.º 1, no que diz respeito aos seus atravessamentos.

Em resposta, o sr. eng.º Araújo Vieira depois de reconhecer a necessidade de apressar o referido plano e dada a urgência da sua existência, foi solicitado ao sr. prof. eng.º Costa Lobo que fornecesse elementos para se pôr a concurso o plano regulador da cidade. E será ele quem indicará os grupos de pessoas que entender sejam competentes para a execução de tal empreendimento.



ESPERANÇA PARA SURDOS E INVISUAIS — Poderão os parcialmente cegos ver melhor com determinado nível de som? Fazer-se-á o mesmo, mas em sentido inverso, nos parcialmente surdos: melhor audição com determinada incidência de luz? A experiência está a ser feita na Universidade de Manchester pelo prof. Ian Christensen e um grupo de assistentes

ENCANTADO COM MOÇAMBIQUE O NOSSO PREMIADO DE «FÉRIAS EM PORTUGAL»

— Na Metrópole poucos são os que têm uma ideia exacta de como Lourenço Marques é bela e grande. Impressionante particularmente o moderno traçado da cidade e a amabilidade das pessoas, de todas as pessoas. São naturais, sinceras e boas.

Assim falou ao «Diário de Moçambique» o nosso leitor sr. Manuel Seabra Nascimento, da Cova da Piedade, premiado no âmbito do concurso «Férias em Portugal» com duas viagens (via T. A. P.) a Moçambique e duas estadias completas de 15 dias em Lourenço Marques, num hotel de reconhecida categoria —

o Poana. Acompanhou a sua esposa, feliz consorte do prémio, e o casal pôde gozar tranquilamente o Verão moçambicano em Janeiro, quando aqui batemos o dente.

O sr. Manuel Seabra Nascimento gosta de concursos. — Nestas coisas tenho sempre esperança — afirma.

Por isso já está a concorrer à iniciativa paralela da qual o nosso premiado colega da Beira, chamada precisamente «Férias na Metrópole». Para tanto fez uma assinatura, e espera agora que a sorte bata segunda vez à porta da sua casa na margem Sul do Tejo. Se for contemplado, o plano do concurso permite-lhe já que vive na Metrópole, deslocar-se a Moçambique.

Recorda-se, a propósito, que o nosso leitor beneficiou dumha cláusula especial do regulamento de «Férias em Portugal», nos termos da qual qualquer premiado teria de gozar pessoalmente o seu período de férias. Ora bem, o prémio coube a uma nossa leitora de Lisboa, ficando o sr. Seabra Nascimento como suplente. Mas a premiada efectiva não podia viajar...

— Estamos encantados com a visita — resumiram marido e mulher à partida para Lisboa. — Logo que pudermos voltamos a Moçambique, que.

Duas dezenas de cupões valeram esta oportunidade fabulosa.

AS COMEMORAÇÕES DO 31 DE JANEIRO EM COIMBRA

COIMBRA, 30. — Foi autorizada pelo chefe do distrito a sessão comemorativa da data histórica de 31 de Janeiro, em homenagem à memória dos precursores da República, amanhã, às 17 e 30, no Teatro Avenida.

Serão oradores os srs. Alexandre Cabral, António Duarte Arant, Augusto da Costa Dias e prof. dr. Orlando de Carvalho.

Os convites são distribuídos naquele teatro.

O próximo número da «Seara Nova»

O próximo número da «Seara Nova», que será posto à venda depois de amanhã assinala o 10.º aniversário da renovação da revista, figurando já como director e director-adjunto, respectivamente, Augusto Abelaira e Vasco Martins. Terá 48 páginas e uma folha sola, de última hora, assinalando a morte de António Sérgio — cujo nome fica indissolivelmente ligado a um dos melhores períodos daquela prestigiosa publicação.

No sumário deste número figuram, entre outros, os seguintes artigos: «Perspectivas e Previsões», de Sottomayor Cardia; «Análise do Orçamento Geral do Estado», por Eduardo Guerra; «Médio Oriente — Uma Guerra de Desgaste», de Jorge Sampaio; «Aspectos da Igreja de Hoje», por Luís Salgado Matos; «Subsidios para uma Política Agrícola», de Marcel Campos; «Basilio Teles», por Costa Dias e, ainda, uma entrevista com Vitorino Magalhães Godinho; a continuação do artigo de David Ferreira sobre a enciclopedia de Monumentos; um inédito de Camara Reis sobre o 31 de Janeiro; um conto de Alberto Ferreira («A Aparição»); críticas de teatro e de cinema; notas sobre vários problemas de actualidade (produção de carne, situação do professorado primário, etc.); Factos e Documentos, etc.

ENTREGA DE «BREVETS» NA BASE DE SINTRA

SINTRA, 30 — Amanhã, às 15 horas, na Base Aérea, decorre a cerimónia da entrega de «brevets» aos aspirantes a oficiais milicianos pilotos aviadores que ali terminaram o curso de pilotagem. Preside à cerimónia o sr. general Brilhante Paiva, chefe do Estado-Maior da Força Aérea.

DINHEIRO

PROPRIEDADES URBANAS E RUSTICAS Juros de 10% RAPIDEZ E SIGILO

SONIPAL

de sonho para a sua casa Fábrica, Av. 3 de Outubro, 208, r/c, Esq. — Telefone 77 16 39 (Ao Campo Pequeno)

LUSTRES

de sonho para a sua casa Fábrica, Av. 3 de Outubro, 208, r/c, Esq. — Telefone 77 16 39 (Ao Campo Pequeno)

«DIÁRIO DE LISBOA»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os premiados colegas: «Sobranha do Povo», de Agueda; «A Rabeca», de Portalegre; «Região de Leiria» e «Mor Altos», da Figueira da Foz.

CAMISAS POR MEDIDA

• um género e um gosto Rua Pedro Nunes, 29 no Saldanha

CERVEJARIA MUNIQUE

RESTAURANTE SNAK AV. ALMIRANTE REIS, 287 B. esquina da Praça do Arcos REABRIU

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

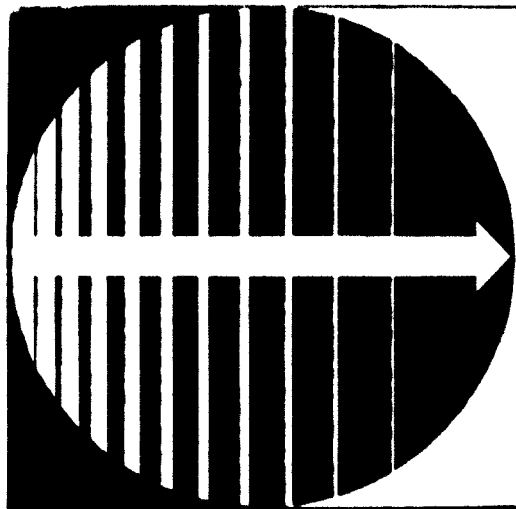
LISBOA, 30 — (L.) — Foi distribuído o Boletim Informativo das Forças Armadas na Guiné, relativo ao período de 20 a 26 de Janeiro, que é do seguinte teor:

«Durante o período o inimigo flagelou os aquartelamentos de Madina do Boé, Jabadá, Bissim, Fulacunda, Gulleje, Nhala, Nova Sintra e Bula Raptou 18 elementos das populações de Nova Cuembú e Cató, implantou engenhos explosivos a oeste de São Domingos, Ché Sare Bamba (Aldeia Formosa), Nhambada (São Domingos) e nas estradas Bixude-Fóla, Piche Buruntuma e Texeira Pinto-Johnete, e emboscou as nossas forças na região de Bafique (Pelundo), a oeste

de Buba, Necabaz (Binar), e na estrada Aldeia Formosa-Buda (região de Sare Bamba).

Em resultados das acções realizadas pelas nossas forças o inimigo sofreu: na região de Buba dois mortos; na região da Flaque Amede (Fulacunda), apreensão de munições; na região de Sambuí, 28 mortos e apreensão de grande quantidade de armamento e munições, já difundido em comunicado especial.

Durante o período o inimigo sofreu 28 mortos. As nossas forças sofreram em combate três mortos, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados aos órgãos de Informação.



Ninguém sabe o suficiente! Nem você.

Produtos, materiais, processos. Novidades técnicas. Principais de Hannover: importantes feiras especializadas ao mesmo tempo no mesmo lugar. Informações, contactos. Mais conhecimentos. Mais saber.

Tem que vir a Hannover!

FEIRA DE HANNOVER '69 Mercado Mundial da Indústria 28.4 - Domingo 4.5

Representação oficial em Portugal: Câmara do Comércio e Indústria Luso-Alemã

Sede: Av. Elias Garcia, 123-4º Lisboa-1 - Tel.: 77 81 08

Delegação: Av. das Aliadas, 211-5º E - Sala E - Porto - Tel.: 98 112

VENDEDORES DE AUTOMÓVEIS

Pretende grande organização distribuidora para trabalhar na provincia do Algarve.

OFERECEMOS: Ordenado fixo e comissões. Variada gama de modelos e marcas.

PEDIMOS: Honestidade, boa apresentação, processos de trabalho evoluídos, alguma experiência, idade 25/35 anos.

Dirigir carta indicando ordenado pretendido e zona de principal influência pessoal. Guardemos sigilo, estando empregado.

Resposta a este jornal, ao n.º 216.



ADOLFO CRUZ GARMONA

MISSA DO 7.º DIA

Sua família participa que será rezada missa pelo seu eterno descanço amanhã, dia 31, pelas 10 h na Igreja de S. João de Deus.

**J
P
I
M
E
N
T
A**

S. A. R. L.

MORADIAS — LUXUOSAS EM PAÇO D'ARCOS

(e brevemente em Cascais)

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS. ESPECIALMENTE AMADORA, VENDA NOVA E PAÇO D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187\$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar. Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

AMADORA PAÇO D'ARCOS

Frente à Estação do C. F. e Reboleira

Espargal Linda vista do mar

ANDARES

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização. Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos.

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 45843 - 47843

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021/22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 833670

**A
Z
U
L
E
J
O
S**

DESDE \$55 A 2\$00

Preços sem concorrência em Banheiros de chapa esmaltada o ferro fundido (esmaltados) Cerâmicos sanitários, ferragens, ferramentas, tintas e drogas.

Distribuidores para os Distritos de Lisboa e Setúbal dos produtos da Fábrica Valverde da Marinha Grande, tais como, painéis, portas extensíveis, plásticos cancelados para revestimentos e decoração de lambris e tectos com estabelecimentos e selas.

QUELUZ — RUA D. MARIA I, 30 — TEL. 952021/22 (Junto à Estação)

AMADORA — EDIFÍCIO AMADORA — TEL. 931953 (Junto à Estação)

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

Não. Em primeiro lugar, a vacina só resulta em 60 por cento dos casos. Em segundo lugar, não se prevê uma vacinação em massa.

Além, prevê-se uma gripe benigna. Ela, em si mesma, não terá grande importância. Não tem perigo, o mal que pode acontecer é a gente ir desta para melhor por motivo de complicações bronco-pulmonares resultantes dela. Fora isso, não tem perigo nenhum.

Remédio? Metei-se a gente na cama e chamar o médico, porque o médico é que sabe.

Ah, é verdade, já me esquecia, o mal importante é evitar o pânico. Ou por mim, evito o pânico e evito tudo e meto-me na cama mesmo que os sintomas não sejam muito, muito nítidos.

EM FOCO

Três americanos, de volta à Lua; o acontecimento deu a volta a cabeça de muita gente.

Reconheça-se que é de mais. Que já se tratou do assunto quanto basta para uma superalimentação de retórica que chega para uma casa de família.

Houve directos e indirectos. Houve mundos, cores, evoluções, luso-vozes. Discursos, filmes, gráficos, comentários, documentários. Depuseram sábios, políticos, apóstolos que nunca dão ponto sem no Paltavum as entrevistas dos ignorantes, dos emocionados.

Vieram ontem na rubrica «Em Foco». Ouvimos duas alunas do «Fórum» Maria Estela Seabra e Maria Isabel Rest. progresso e coragem; dois alunos do «Camões»: João Manuel Rangel de Lima e José Baptista Viagas, qualquer descoberta é útil; estaremos na Lua dentro de 6 meses; Reverendo Mora Sarmiento, capô da TAP; sublinhou a nossa pequenez; Maria Odete Botelho da Costa, empregada de balcão dos «Portifolios»; o maior acontecimento: o engo-

Arroio de Oliveira Mendes, mas um eco, depois a nada estamos em Maré e em Vénus; o jornalista do «Diário Popular» Mito Rocha; foi como que o dobrar do Cabo das Tormentas; aqui todo António Alexandre, a pergunta tem oportunidade; Maria Manuela Jorge, funcionária do aeroporto, Lua, mas um ponto de descolagem.

Etc., etc. Na sua quase totalidade, as respostas denunciam mais a propensão para o lugar-comum do que um pensamento amadurecido da questão. Pensava-se que o romantismo morria com a chegada à Lua. Engano; a humanidade com a Lua é hoje mais a delirância do que nunca. A realidade não mata o sonho, fortalece-o.

O CORO DA UNIVERSIDADE

O coro misto da Universidade de Lisboa, dirigido por Francisco D'Ágostini, apresentou-se uma vez mais na televisão.

Em duas partes distintas. Na primeira assistimos a um ensaio subcadinho de rápidas entrevistas, apreciações, comentários. De onde em onde, uma frase que fica no ouvido: «A música vence todas as fronteiras». «A música é o melhor meio de comunicação entre os povos».

Na segunda parte, o coro ofereceu-nos várias interpretações, entre as quais algumas de melodias portuguesas harmonizadas pelo maestro Fernando Lopes Graça. Para além das apreciações de ordem técnica, importa sublinhar a disciplina, o esforço e o trabalho acumulados, e facilmente adivinhável através desta em sessão imortal, ainda, chamar a atenção para a forma anagada, melancólica, ausente, com que o coro interpretou as canções portuguesas. Isto significa que, música à parte, há outro valor a cultivar: o amor do nosso povo, o orgulho de pertencer a ele, a ciência da sua razão de cantar.

Provado ficou, portanto, existirem coros dignos da atenção da R. T. P. Há outros. Há mais. Venham.

M. C.

O Banco Português do Atlântico inaugurou uma nova agência em Moscavide

Para assinalar a inauguração de mais uma Agência na populosa e progressiva Vila de Moscavide, o Banco Português do Atlântico ofereceu esta manhã, uma recepção em honra dos representantes das forças vivas do concelho de Loures, a que estiveram presentes, também representantes da Imprensa e entidades ligadas às actividades económicas e financeiras locais.

A receber os convidados encontravam-se os sr. Brás Cabrita de Almeida Conde, administrador-delegado do Banco Português do Atlântico; dr. António da Cunha Gamela, director; João Fernandes Joaquim, gerente dos novos serviços, e ainda, outros funcionários superiores daquela instituição de crédito.

Referindo-se ao significado da abertura de uma Agência em Moscavide, o sr. Brás Cabrita de Almeida Conde deu a conhecer a satisfação dos corpos gerentes da instituição de crédito que representou por terem concretizado um antigo propósito de estender a rede dos serviços do Banco Português do Atlântico, não só à laboriosa e progressiva vila de Moscavide mas, também, a todo o concelho de Loures. Acentuou, ainda, o facto do Banco Português do Atlântico, ao procurar alargar ainda mais a área de cobertura dos seus serviços, pretender participar mais directa e eficientemente no apoio e progresso dos sectores económicos de todo o concelho de Loures.

A terminar o seu breve improviso, o sr. Brás Cabrita afirmou estar certo de que os serviços do Banco em Moscavide iriam desempenhar cabalmente a sua missão de apoio às actividades económicas do aglomerado populacional que actualmente conta já com um número superior a 25 000 habitantes.

Em resposta, o sr. Joaquim Dias de Sousa Ribeiro, presidente da Câmara Municipal de Loures, agradeceu à administração do Banco Português do Atlântico o en-

tusiasmo com que sempre tinha encarado a presença dos serviços do Banco em Moscavide. Acentuou, também, que as actividades económicas do concelho de Loures muito esperavam da comprovada competência, dinamismo e capacidade do Banco Português do Atlântico. Da acção do Banco Português do Atlântico, acentuou, dependia em grande parte o apoio tão necessário ao comércio, à indústria e a outras actividades privadas do concelho. A dimensão do Banco Português do Atlântico é, contudo, acrescentou o presidente do Município de Loures, a firme garantia de que os diversos sectores de actividade do concelho de Loures muito beneficiariam da experiência e da potencialidade creditícia de uma instituição de crédito como o Banco Português do Atlântico.

A encerrar a cerimónia inaugural foi servido aos convidados um boquete.

ARRAIOS



António de Mira Vaz

FALECEU

Belizanda de Carvalho Mira Vaz, filha e mais família cumprem o doloroso dever de participar, que quis Deus chamar à sua Divina Presença o seu querido, marido, pai e parente. Realizando-se o funeral às 10 horas, do dia 31, para o cemitério local.

Trata: AGÊNCIA FUNERARIA JOCARTA — ARRAIOLOS



D. Luiza Pietro Dominguez Rocha

Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Maria Luiza Dominguez Rocha Prieto Dominguez e seu marido; Conceição Dominguez Rocha Esteves e seu marido; Alda Prieto Rocha Vasconcelos Esteves, seu marido e filhos; Maria Bernardina Dominguez Rocha Cúcio, seu marido e filhos; Carlos Manuel Dominguez Rocha, sua mulher e filhos; Luiz Ferreira da Rocha, sua mulher e filha; Maria Angélica Dominguez Rocha Montellano, seu marido e filhos; Dalmira Prieto Conde e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servir chamar à Sua Divina Presença a sua muito querida mãe, sogra, avó, irmã e parentes e que o funeral se realiza amanhã, às 11 horas, salda da Igreja de São João de Deus, para jazigo no cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA MAGNO (Telefone 534167)

Amanhã em S. Carlos

Duas óperas e uma oratória de Ruy Coelho

A temporada de opera do Teatro Nacional de S. Carlos prossegue amanhã, às 21 e 15, com o espectáculo de ópera portuguesa, o qual é constituído por obras do maestro Ruy Coelho: a oratória «Fátima» e as duas óperas em um acto «Crisfal» e «Rosa de Papel», estas encenadas por Tomaz Ribas.

No espectáculo colaboram os distintos cantores portugueses: Maria Teresa Nina, Elsa Saque, Maria Luísa Viagas, Guilherme Kjölnér, Hugo Casais e Alvaro Malta.

O autor dirige a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional. Margarida de Abreu assina a coreografia e os cenários são de Abílio de Matos e Silva e Paulo Ferreira. No espectáculo colaboram, ainda, o Coro do Teatro de S. Carlos, ensaiado pelos maestros Mário Pellegrini e Carlo Pasquelli, e os Bailados da S. E. L., dirigidos por Margarida de Abreu e Fernando Lima.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

S. A. R. L.
Sede: 95, Rua do Comércio, 119 LISBOA

CAPITAL Esc. 640.000.000\$00
FUNDO DE RESERVA Esc. 210.000.000\$00

Faz o pagamento na Sede e Filiais do Banco o dividendo votado em Assembleia Geral Ordinária, hoje realizada.

Cumulativeamente com este pagamento será feita a cobrança do Imposto de Mais Valias referente ao aumento do capital social, pelo que se convidam os Srs. Accionistas a entregarem as Acções na Sede, Filiais, Agências ou Dependências do Banco a fim de se proceder às necessárias alterações e entrega dos títulos.

Lisboa, 29 de Janeiro de 1969.
O Presidente do Conselho de Administração
a) Dr. Manuel Ribeiro Espírito Santo Silva

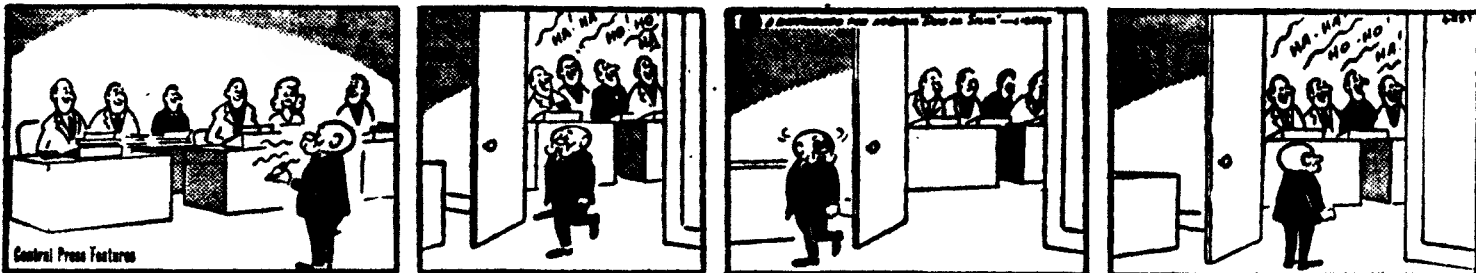
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



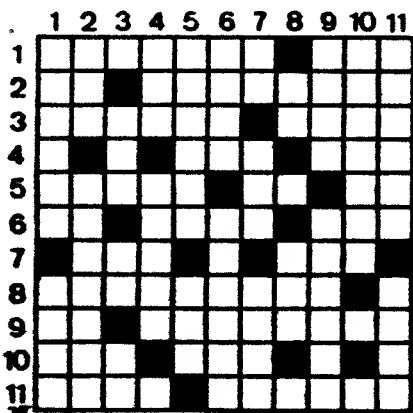
Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5074

HORIZONTAIS: 1 — Arredam. Preposição e artigo (p.) 2 — Artigo antigo. No tempo em que. 3 — Repousou no sono. Transpirar. 4 — Outra vez! Flanco. 5 — Cuidar. Conjunção. Unidade de peso (abrev.). 6 — Artigo (pl.). Lepre. Rema para trás. 7 — Cajado. Cause dor. 8 — Os que dirigem uma facção ou bando. 9 — Prefixo que designa direcção. Glacião. 10 — Parte. Cosa. 11 — Enterte, Calmas.

VERTICAIS: 1 — Conciso. Rouça. 2 — Ligação. Espadador. 3 — Relação. Símbolo químico do ouro. Prefixo de negação. 4 — Volta. Penetrante. 5 — Impedia. Rio da Alsácia, que borra. Estrabismo e desagua no Reno. 6 — Cã. Descansar. 7 — Cordilheira que atravessa grande parte do Algarve. Ecoa. Planta rastejante e trepadeira. 8 — Campeão. Rio da Rússia, que nasce ao sul de Moscovo e desagua no mar de Azov. 9 — Aceda. Dorsa. 10 — Dor do ouvido. 11 — Adicionar. Empregues.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5073

HORIZONTAIS: 1 — Apus. Trempe. 2 — Cometer. QUEM. 3 — Trame. Muía. 4 — Ao. Pai. Os. 5 — Arrendas. 6 — Crê. El. 7 — Aar. Retocar. 8 — Rueta. Usado. 9 — ESPERA. Nio. 10 — Palma. Coçou. 11 — Aios. Morau.

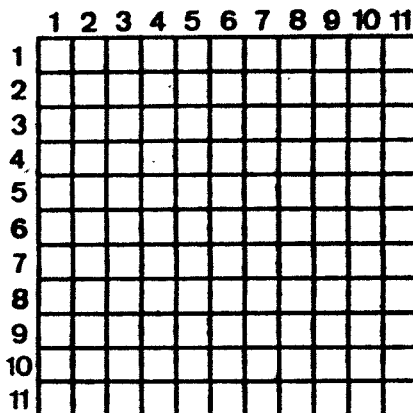
VERTICAIS: 1 — Aotas. Ampa. 2 — Para. Causai. 3 — Uma. Aupia. 4 — SEMPRE. Lens. 5 — Te. Rara. 6 — Ti. Pede. 7 — Man. Tu. Os. 8 — Equidros. Ar. 9 — Mud. ALCANÇA. 10 — Petas. Adiau. 11 — Emes. Traou.

(Provérbio: QUEM ESPERA SEMPRE ALCANÇA)

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 8918

HORIZONTAIS: 1 — Bebida alcoólica que se fabrica na Índia e na América, fermentando arroz. Oculta. 2 — Bambus. Recear. 3 — Venera. Fruto silvestre. 4 — Pronome pessoal. Campeão. Batráquio. Quinhentos e um em romano. 5 — Rio da Suíça. Catedrais. 6 — Freguesia do concelho de Torres Vedras. Bolor. 7 — Enfa. donha. 8 — Antes de Cristo. Mado. Porco. 9 — Quebrar. Apelido. 10 — Lavrava. Fio de latão. 11 — Residir. Amotinas.

VERTICAIS: 1 — Respeito. Apagam. 2 — Retulgir. Por alto preço. 3 — Espaço de doze meses. Alcool de melão. Pátria. 4 — Rosto. Natural. 5 — Pegas. Aguar. 6 — Amónio (s. q.). 7 — Prender. Venerar. 8 — Emblema. Enrubescer. 9 — Patrão. Ente. Doença. 10 — Desperdiçar. Conquista. 11 — Lavrais. Costuras.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8917

HORIZONTAIS: 1 — Comia. Marça. 2 — Aora. Amais. 3 — Eram. Sair. 4 — Três. Rara. 5 — las. Lat. Sós. 6 — Aires. 7 — Afina. Colai. 8 — Matar. Adiam. 9 — Mas. Aar. 10 — Mac. Dia. Iam. 11 — Asado. Assoa.

VERTICAIS: 1 — Ca. Tiram. Má. 2 — Opera. Famas. 3 — Maris. Maca. 4 — Inis. Anis. 5 — Aam. Liar. Dá. 6 — Por. Bi. 7 — Mas. Toca. Aa. 8 — Amor. Soda. 9 — Raicos. Liais. 10 — Cirra. Aarão. 11 — As. Assim. Má.

CASACOS DE CABEDAL E CAMURÇA
SALDOS

TEMOS UM GRANDE SORTIDO PARA HOMEM E SENHORA, RESTOS DE PRODUÇÃO DA NOSSA FABRICA, QUE SALDAMOS A PREÇOS BASTANTE BAIXOS. ALÉM DE GRANDE QUANTIDADE EM MODERNOS SOBRETUDOS, GABARDINES, ROBES, CAMISAS, CASACÕES, MALHAS, CASACOS, CALÇAS, PEGGAS

ALFAIATARIA VERÍSSIMOS

AV. GUERRA JUNQUEIRO 8 C

CARTÃO DIPLOMATA

O mais bonito bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou couro de aço de absoluta necessidade em praxe protocolares para pessoas de distinção social bem como de bom gosto.

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada 64
LISBOA

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A.
R. L. - 95 Rua Nova do
Almada 99 LISBOA

CAMINHOS DE FERRO

HORARIO DOS COMBOIOS

NA ZONA SUL

Comunica-nos a C. P. que a partir de 1 de Fevereiro de 1969 são feitas diversas alterações ao Horário actualmente em vigor nas Linhas e Ramais a seguir indicados:

Linha do Sul (Circulações ascendentes e descendentes)
Linha de Évora e ramais de Reguengos e Moura
Tranvias — Lisboa-Barreiro-Pras. Sado-Seixal-Lisboa
Tranvias — Lagos-Vila Real de Santo António-Lagos
Linha do Sado e ramal de Aljustrel.

O pormenor destas alterações consta dos CARTAZES-HORÁRIOS afixados nas estações e nas Secções de Informação ao Público, das estações de Lisboa (St. Apolónia) Lisboa (Rossio) e Lisboa (Terreiro do Paço).

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVINCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO 2 2. TELEF. 369384

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 30 de Janeiro de 1939 publicava:

«NOVA YORK, 30 — Lincoln Ellsworth comunicou à North American Newspaper Alliance ter descoberto algumas ilhas perto do continente antártico. Este arquipélago está ligado à terra firme por campos de gelo. Os exploradores desembarcaram numa das ilhas e alcançaram o continente. A Oriente há outro grupo de ilhas para onde o «Wyatt Earp» se dirige.»

CÂMARA MUNICIPAL
DE LISBOA

EDITAL N.º 11/69

Empreitada n.º 248/68

— Execução de um conjunto de 1.040 habitações de renda moderada das categorias I e II na Quinta do Morgado (à Encarnação)

(Processo n.º 187 68/CP-DSTE)

Faz-se saber que o concurso público em epígrafe, cuja realização tinha sido anunciada para o dia 27 de Janeiro de 1969, às 16 horas, foi adiado para o dia 25 de Fevereiro p. f., às 15 horas, por o artigo 7.º do Programa respectivo ter sofrido alterações.

Paços do Concelho de Lisboa,
25 de Janeiro de 1969.

O Vice-Presidente
ANIBAL DAVID

PEQUENO LORDE



SALDA

OS RESTOS DAS COLECCOES DA ESTACAO. APROVEITE VESTIR OS SEUS FILHOS MAIS BARATO
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 15-A

ALUGUER
SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS



Av. Padre Manuel da Nóbrega, 18-B
LISBOA

Telef. 72 76 54 72 49 75

POR 10\$00

enviamos-lhe uma esplêndida carteira para homem, imitação perfeita de pele de corcodelo, com lugar para 4 passes ou fotografias

POR 20\$00

enviamos uma carteira no género da anterior, mas em calf sintético, de grande duração e de acabamento especial. A importância pode ser enviada em notas do banco ou selos do correio. Devolvemos a importância se não ficar satisfeito.

Pedidos a
M. A. Nascimento
Apartado 265 — Porto

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO			Ultramarinas		
Estes	Compre	Vende	Estes	Compre	Vende
Consolidado 1/4%	—	530\$	Diamante Angola	1.365\$	1.360\$ 1.365\$
Consolidado 3%	552\$	554\$	M. a Revolu	—	570\$ 590\$
Consolidado 5 1/4%	650\$	650\$	M. a Príncipe	—	750\$
Consolidado 4%	1.495\$	1.495\$	Macomo	80\$	80\$ 81\$
Consolidado 5%	1.004\$	1.004\$	Macomo	317\$	316\$ 318\$
Ext. 1/4%	—	680\$	Macomo	54\$	54\$ 55\$
Ext. 3/4%	—	700\$			
Ext. 5/4%	—	680\$			
Ext. 7/4%	—	700\$			
Ext. 9/4%	—	700\$			
Ext. 11/4%	—	700\$			
Ext. 13/4%	—	700\$			
Ext. 15/4%	—	700\$			
Ext. 17/4%	—	700\$			
Ext. 19/4%	—	700\$			
Ext. 21/4%	—	700\$			
Ext. 23/4%	—	700\$			
Ext. 25/4%	—	700\$			
Ext. 27/4%	—	700\$			
Ext. 29/4%	—	700\$			
Ext. 31/4%	—	700\$			
Ext. 33/4%	—	700\$			
Ext. 35/4%	—	700\$			
Ext. 37/4%	—	700\$			
Ext. 39/4%	—	700\$			
Ext. 41/4%	—	700\$			
Ext. 43/4%	—	700\$			
Ext. 45/4%	—	700\$			
Ext. 47/4%	—	700\$			
Ext. 49/4%	—	700\$			
Ext. 51/4%	—	700\$			
Ext. 53/4%	—	700\$			
Ext. 55/4%	—	700\$			
Ext. 57/4%	—	700\$			
Ext. 59/4%	—	700\$			
Ext. 61/4%	—	700\$			
Ext. 63/4%	—	700\$			
Ext. 65/4%	—	700\$			
Ext. 67/4%	—	700\$			
Ext. 69/4%	—	700\$			
Ext. 71/4%	—	700\$			
Ext. 73/4%	—	700\$			
Ext. 75/4%	—	700\$			
Ext. 77/4%	—	700\$			
Ext. 79/4%	—	700\$			
Ext. 81/4%	—	700\$			
Ext. 83/4%	—	700\$			
Ext. 85/4%	—	700\$			
Ext. 87/4%	—	700\$			
Ext. 89/4%	—	700\$			
Ext. 91/4%	—	700\$			
Ext. 93/4%	—	700\$			
Ext. 95/4%	—	700\$			
Ext. 97/4%	—	700\$			
Ext. 99/4%	—	700\$			
Ext. 101/4%	—	700\$			
Ext. 103/4%	—	700\$			
Ext. 105/4%	—	700\$			
Ext. 107/4%	—	700\$			
Ext. 109/4%	—	700\$			
Ext. 111/4%	—	700\$			
Ext. 113/4%	—	700\$			
Ext. 115/4%	—	700\$			
Ext. 117/4%	—	700\$			
Ext. 119/4%	—	700\$			
Ext. 121/4%	—	700\$			
Ext. 123/4%	—	700\$			
Ext. 125/4%	—	700\$			
Ext. 127/4%	—	700\$			
Ext. 129/4%	—	700\$			
Ext. 131/4%	—	700\$			
Ext. 133/4%	—	700\$			
Ext. 135/4%	—	700\$			
Ext. 137/4%	—	700\$			
Ext. 139/4%	—	700\$			
Ext. 141/4%	—	700\$			
Ext. 143/4%	—	700\$			
Ext. 145/4%	—	700\$			
Ext. 147/4%	—	700\$			
Ext. 149/4%	—	700\$			
Ext. 151/4%	—	700\$			
Ext. 153/4%	—	700\$			
Ext. 155/4%	—	700\$			
Ext. 157/4%	—	700\$			
Ext. 159/4%	—	700\$			
Ext. 161/4%	—	700\$			
Ext. 163/4%	—	700\$			
Ext. 165/4%	—	700\$			
Ext. 167/4%	—	700\$			
Ext. 169/4%	—	700\$			
Ext. 171/4%	—	700\$			
Ext. 173/4%	—	700\$			
Ext. 175/4%	—	700\$			
Ext. 177/4%	—	700\$			
Ext. 179/4%	—	700\$			
Ext. 181/4%	—	700\$			
Ext. 183/4%	—	700\$			
Ext. 185/4%	—	700\$			
Ext. 187/4%	—	700\$			
Ext. 189/4%	—	700\$			
Ext. 191/4%	—	700\$			
Ext. 193/4%	—	700\$			
Ext. 195/4%	—	700\$			
Ext. 197/4%	—	700\$			
Ext. 199/4%	—	700\$			
Ext. 201/4%	—	700\$			
Ext. 203/4%	—	700\$			
Ext. 205/4%	—	700\$			
Ext. 207/4%	—	700\$			
Ext. 209/4%	—	700\$			
Ext. 211/4%	—	700\$			
Ext. 213/4%	—	700\$			
Ext. 215/4%	—	700\$			
Ext. 217/4%	—	700\$			
Ext. 219/4%	—	700\$			
Ext. 221/4%	—	700\$			
Ext. 223/4%	—	700\$			
Ext. 225/4%	—	700\$			
Ext. 227/4%	—	700\$			
Ext. 229/4%	—	700\$			
Ext. 231/4%	—	700\$			
Ext. 233/4%	—	700\$			
Ext. 235/4%	—	700\$			
Ext. 237/4%	—	700\$			
Ext. 239/4%	—	700\$			
Ext. 241/4%	—	700\$			
Ext. 243/4%	—	700\$			
Ext. 245/4%	—	700\$			
Ext. 247/4%	—	700\$			
Ext. 249/4%	—	700\$			
Ext. 251/4%	—	700\$			
Ext. 253/4%	—	700\$			
Ext. 255/4%	—	700\$			
Ext. 257/4%	—	700\$			
Ext. 259/4%	—	700\$			
Ext. 261/4%	—	700\$			
Ext. 263/4%	—	700\$			
Ext. 265/4%	—	700\$			
Ext. 267/4%	—	700\$			
Ext. 269/4%	—	700\$			
Ext. 271/4%	—	700\$			
Ext. 273/4%	—	700\$			
Ext. 275/4%	—	700\$			
Ext. 277/4%	—	700\$			
Ext. 279/4%	—	700\$			
Ext. 281/4%	—	700\$			
Ext. 283/4%	—	700\$			
Ext. 285/4%	—	700\$			
Ext. 287/4%	—	700\$			
Ext. 289/4%	—	700\$			
Ext. 291/4%	—	700\$			
Ext. 293/4%	—	700\$			
Ext. 295/4%	—	700\$			
Ext. 297/4%	—	700\$			
Ext. 299/4%	—	700\$			
Ext. 301/4%	—	700\$			
Ext. 303/4%	—	700\$			
Ext. 305/4%	—	700\$			
Ext. 307/4%	—	700\$			
Ext. 309/4%	—	700\$			
Ext. 311/4%	—	700\$			
Ext. 313/4%	—	700\$			
Ext. 315/4%	—	700\$			
Ext. 317/4%	—	700\$			
Ext. 319/4%	—	700\$			
Ext. 321/4%	—	700\$			
Ext. 323/4%	—	700\$			
Ext. 325/4%	—	700\$			
Ext. 327/4%	—	700\$			
Ext. 329/4%	—	700\$			
Ext. 331/4%	—	700\$			
Ext. 333/4%	—	700\$			
Ext. 335/4%	—	700\$			
Ext. 337/4%	—	700\$			
Ext. 339/4%	—	700\$			
Ext. 341/4%	—	700\$			
Ext. 343/4%	—	700\$			
Ext. 345/4%	—	700\$			
Ext. 347/4%	—	700\$			
Ext. 349/4%	—	700\$			
Ext. 351/4%	—	700\$			
Ext. 353/4%	—	700\$			
Ext. 355/4%	—	700\$			
Ext. 357/4%	—	700\$			
Ext. 359/4%	—	700\$			
Ext. 361/4%	—	700\$			
Ext. 363/4%	—	700\$			
Ext. 365/4%	—	700\$			
Ext. 367/4%	—	700\$			
Ext. 369/4%	—	700\$			
Ext. 371/4%	—	700\$			
Ext. 373/4%	—	700\$			
Ext. 375/4%	—	700\$			
Ext. 377/4%	—	700\$			
Ext. 379/4%	—	700\$			
Ext. 381/4%	—	700\$			
Ext. 383/4%	—	700\$			
Ext. 385/4%	—	700\$			
Ext. 387/4%	—	700\$			
Ext. 389/4%	—	700\$			
Ext. 391/4%	—	700\$			
Ext. 393/4%	—	700\$			
Ext. 395/4%	—	700\$			
Ext. 397/4%	—	700\$			
Ext. 399/4%	—	700\$			
Ext. 401/4%	—	700\$			
Ext. 403/4%	—	700\$			
Ext. 405/4%	—	700\$			
Ext. 407/4%	—	700\$			
Ext. 409/4%	—	700\$			
Ext. 411/4%	—	700\$			
Ext. 413/4%	—	700\$			
Ext. 415/4%	—	700\$			
Ext. 417/4%	—	700\$			
Ext. 419/4%	—	700\$			
Ext. 421/4%	—	700\$			
Ext. 423/4%	—	700\$			
Ext. 425/4%	—	700\$			
Ext. 427/4%	—	700\$			
Ext. 429/4%	—	700\$			
Ext. 431/4%	—	700\$			
Ext. 433/4%	—	700\$			
Ext. 435/4%	—	700\$			
Ext. 437/4%	—	700\$			
Ext. 439/4%	—	700\$			
Ext. 441/4%	—	700\$			
Ext. 443/4%	—	700\$			
Ext. 445/4%	—	700\$			
Ext. 447/4%	—	700\$			
Ext. 449/4%	—	700\$			
Ext. 451/4%	—	700\$			
Ext. 453/4%	—	700\$			
Ext. 455/4%	—	700\$			
Ext. 457/4%	—	700\$			
Ext. 459/4%	—	700\$			
Ext. 461/4%	—	700\$			
Ext. 463/4%	—	700\$			
Ext. 465/4%	—	700\$			
Ext. 467/4%	—	700\$			
Ext. 469/4%	—	700\$			
Ext. 471/4%	—	700\$			
Ext. 473/4%	—	700\$			
Ext. 475/4%	—	700\$			
Ext. 477/4%	—	700\$			
Ext. 479/4%	—	700\$			
Ext. 481/4%	—	700\$			
Ext. 483/4%	—	700\$			
Ext. 485/4%	—	700\$			
Ext. 487/4%	—	700\$			
Ext. 489/4%	—	700\$			
Ext. 491/4%	—	700\$			
Ext. 493/4%	—	700\$			
Ext. 495/4%	—	700\$			
Ext. 497/4%	—	700\$			
Ext. 499/4%	—	700\$			
Ext. 501/4%	—	700\$			
Ext. 503/4%	—	700\$			
Ext. 505/4%	—	700\$			
Ext. 507/4%	—	700\$			
Ext. 509/4%	—	700\$			
Ext. 511/4%	—	700\$			
Ext. 513/4%	—	700\$			
Ext. 515/4%	—	700\$			
Ext. 517/4%	—	700\$			
Ext. 519/4%	—	700\$			
Ext. 521/4%	—	700\$			
Ext. 523/4%	—	700\$			
Ext. 525/4%	—	700\$			
Ext. 527/4%	—	700\$			
Ext. 529/4%	—	700\$			
Ext. 531/4%	—	700\$			
Ext. 533/4%	—	700\$			
Ext. 535/4%	—	700\$			
Ext. 537/4%	—	700\$			
Ext. 539/4%	—	700\$			

DES POR TO

TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

Sanjoanense-Belenenses	1
Leixões-Benfica	X
Varzim-F. C. Porto	X
Atlético-Académica	1
Sporting-C. U. F.	1
Guimarães-U. Tomar	1
T. Novas-Troense	2
Gouveia-Beavieta	2
Almada-Peniche	X
Lusitano-Portimonense	1
Montijo-Sintrense	X
Oriental-Seixal	1
Beaímbrã-Os Leões	1

RÁGUEBI

A SELECÇÃO NACIONAL Começa a preparação

Esta noite, pelas 21, horas, no Campo Grande, a selecção nacional de rúgbi fará um treino com vista aos próximos jogos internacionais contra a Espanha, Bélgica e Marrocos.

Estão convocados os seguintes jogadores:

Matos, Chaves, Francisco Guedes, Nuno Lino, Pardal, Lucena, Manuel Ponte, José Guedes, Castro Pereira, Manuel Salgado, Barros Costa e A. Penha e Costa (todos de C. D. U. L.) e, ainda, Nobre, Gaspar Ramos, Neto, Trindade e Silvestre (do Benfica), Maia Loureiro (do Belenenses), Tibério, Cunha e Amaral (de Direito) Ramos Pinto, Mesquita e Ernesto (de Económicas) José Carlos, (da Académica da Amadora) e Pires de Moura, de Agromónia.

No lote de convocados notamos a ausência de Luís Penha e Costa, um jogador de tão bom nível que, embora radicado no Porto,



Luís Miramon: o seleccionador de rúgbi

O diferendo Sanjoanense-Benfica REUNEM-SE ESTA NOITE OS DIRIGENTES FEDERATIVOS

A actividade anunciada para hoje, nos diversos sectores, do nosso mundo do futebol, postos em movimento logo que a Direcção-Geral dos Desportos ordenou a não realização do jogo-repetição Sanjoanense-Benfica, marcado para ontem, tem fortes probabilidades de vir a esclarecer algumas posições.

Com efeito, e como já ontem noticiámos, a direcção da Federação Por-

tuguesa de Futebol reunem-se esta noite com o propósito de apreciar o pedido de demissão apresentado pelo seu presidente, sr. Casal-Ribeiro.

Ainda que se não possam prever quais as consequências imediatas dessa atitude e embora se não prevejam novas demissões, não constituirá, no entanto, verdadeira surpresa, se novos afastamentos se verificarem nos corpos directivos da Federação.

Entretanto a Sanjoanense, que já foi notificada do último despacho do Conselho Jurisdiccional, convidou a Imprensa para uma reunião, a realizar hoje e onde se pretende esclarecer o seu «leal procedimento so-

bretado depois das últimas determinações oficiais».

Por outro lado no Benfica mantém-se a usual discrição. Os seus dirigentes continuam apenas a afirmar que aguardam com alma e confiança a sequência dos acontecimentos.

Aguardemos portanto. Hoje pode ser verdadeiramente um dia esclarecedor.



Vitor: novo rumo para a sua carreira?

Taça de Inglaterra

O Newcastle eliminado

LONDRES, 30. — (A. N. L.) — O Newcastle United, adversário da Vitória de Setúbal na «Taça das Cidades com Feiras», foi eliminado da taça da associação de futebol (Taça da Inglaterra), ao perder por 2-0 no jogo de desempate da quarta eliminatória com o Manchester City, com 1-0 ao intervalo.

Nos outros dois jogos de desempate, o Aston Villa batteu o Southampton por 2-1 e o jogo Chelsea-Bristol North foi suspenso aos 75 minutos, devido a avaria da energia eléctrica, com o Chelsea a ganhar por 2-0.

O sportinguista Machado «vedeta» da Selecção de Juniores

A selecção nacional de juniores de futebol, que no próximo dia 5 de Fevereiro defrontará a equipa da França, treinou ontem no Estádio José Alvalade, defrontando a equipa do Sacavenense.

O treino foi dirigido pelo técnico Francisco Polido e sob a direcção do árbitro Fernando Gomes os dois «conzes» formaram inicialmente:

Seleção — Vitor Manuel (Spt.); Lino (Vit. Setúbal); Tomás (F. C. Porto); Barbosa (Boavista) e Jacinto (Bfc.); Loureiro (Bfc.) e Helder Ernesto (F. C. Porto); Belo Gonçalves (Portaleg.); João Machado (Spt.); Eduardo (F. C. Porto) e Vitor Manuel (Marinhense).

Sacavenense — Jesus (José Maria); Rafael, Leonel, Vêga e Mota (Condeço.); J. Valente e Espada (Cardoso); Máximo (Filipe); Vitor Nova, Vieira (Camilo) e Batalha.

Foi de melhor rendimento o comportamento da equipa nacional na primeira parte do treino, merecendo a acção de João Machado e Vitor Manuel (do Marinhense).

Na segunda metade do jogo a selecção substituiu algumas unidades pelo que foi a seguinte a formação apresentada:

Matos (F. C. Porto); Laranjeira (Spt.); Tomás, Barbosa e Jacinto; Helder e Vi-

tor Silva (F. C. Porto); Rial (T. Novas); Machado, Celestino (Spt.) e Vitor Manuel (José Manuel, do Itáfrica).

O resultado final foi de 3-0 e todos os golos foram obtidos pelo sportinguista João Machado.

Assistiram ao treino, além do seleccionador e do seu adjunto António Castro, o dirigente federativo Germano Campos e o dr. Silva Rocha.

Adolfo deve alinhar em Matosinhos, substituindo Jacinto que foi castigado pela Federação.

Fernando Vaz desloca-se a Inglaterra, no próximo dia 8 de Fevereiro, para ver em acção o Newcastle, adversário do Vitória de Setúbal na Taça das Cidades com Feiras.

Esta noite volta a reunir-se a comissão benfiquista encarregada pela assembleia geral de elaborar a lista dos novos corpos gerentes da colectividade.

O ex-internacional Fernando Mendes partiu ontem para a África do Sul.

Prevê-se que, na próxima temporada, o belenense Walter passe a representar um clube francês, exactamente

o Toulon, que está a ser orientado por Jean Luciano.

O belenense Dourado retomou os treinos.

Por ocasião do encontro Sanjoanense-Belenenses, a realizar no próximo domingo, o Belenenses organiza uma excursão em autocarros, com partidas da Casa de Almada, das 6 horas; de Belém das 6 e 30 e da Praça Marquês de Pombal, das 7 horas. As inscrições podem fazer-se na Avenida da Liberdade, 105, 2.ª, das 13 às 0 horas.

Já com a presença do novo secretário-técnico Armando Ferreira os jogadores do Sporting voltaram ontem a treinar em Alvalade Ausentes: Hilário e José Carlos (já lesionados), Gonçalves e Chilco que vieram «tocados» de Guimarães e Pedras, vítima de forte ataque de angina.

No entanto, nem tudo são contrariedades para o Sporting. Armando tem treinado normalmente esperando-se o seu retorno à equipa no próximo domingo, no jogo contra a Cuf.

Continuam as diligências para que o Sporting volte a jogar na Venezuela, defrontando a selecção da U.R.S.S.

HALTEROFILISMO

Os campeonatos nacionais de halterofilismo, na categoria de iniciados, foram disputados por representantes de Lisboa Ginásio, Ginásio Fluminense, Ginásio C. P. e Lusitano do Barreiro. Resultados: Leves — Adalberto Carvalho, Ginásio Fluminense.

Médios — José Albuquerque, Lisboa Ginásio. Meios-pesados — Arnaldo Soares, Lisboa Ginásio. Pesados — Nélson — Vasco Bilreiro, Lisboa Ginásio.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão (desempate para o 2.º lugar): Belenenses-Almada, às 21 e 30, no Pavilhão do Campo de Ourique.

Campeonato de Lisboa da 2.ª Divisão: Casa Pia-Roa Hora, às 20 e 30; C. N. O. C. A-Cova da Piedade, às 21 e 45, e Vencedores de Jornais-Oriental, às 23 horas, no Pavilhão da Ajuda.

BASQUETEBOL — Campeonato Católico Feminino da 2.ª Divisão (Zona Sul): Queluz-Sporting, às 21 e 15, e Atlético-Ferrovário, às 22 e 15, ambos no Pavilhão da Ajuda; e Barreirense-C. D. U. L., às 21 e 30, no ginásio do Barreirense.

TENIS DE MESA — Campeonato de Lisboa, de Seniores — 1.ª Divisão: Ávila-Benfica, Paço de Arcos-G. I. P. A. Sporting-Centro Católico e Belenenses-Intendente.

2.ª Divisão: Amoreiras-Ateneu, Arte e Sport-Rodrigues Cordeiro, Armadorense-Combatentes e Liégas-Armadorense.

3.ª Divisão: Económicos-Recordação Apolo, Atlético do Cacém-Moscavide, Desportivo Operário-Estrela da Amadora e S. L. Águias-Mirandense.

Promoção: Arroios-Lusitano, Cimentos Tejo-Clube Badminton, Carregado-Andorinha e Desportivo da Graça-Casa Pia.

Primeira categoria nas mesas dos primeiros e segunda categoria nas mesas dos segundos.

VOLEIBOL — Campeonato

de Lisboa, de Seniores: Faculdade de Ciências-Técnico, às 21 horas, no ginásio da Faculdade de Ciências.

No Porto

BASQUETEBOL — Campeonato regional da 2.ª divisão — série dos primeiros: Fluvial-Educ. Física e Leixões-Guifões, às 21 e 30, nos campos dos primeiros.

Série dos últimos: Paroquial-Vale Formoso e Círculo Católico-Vilanovense, a partir das 21 e 30, no campo Cupertino de Miranda.

BILHAR — Campeonato regional da 1.ª categoria (uma tabela) — Jogos a partir das 20 e 15, no Leixões Bilharista.

VOLEIBOL — Campeonatos regionais — 1.ª divisão: Fiães Sport de Espinho, às 22 h., no ginásio da Escola Gomes Teixeira.

2.ª divisão: Oliveira do Douro-B. P. M., às 21 e 30, no ginásio da Escola Gomes Teixeira.

ESGRIMISTAS EM ESPANHA

Para fortalecer os contactos com o estrangeiro a Federação Portuguesa de Esgrima resolveu fazer deslocar a Espanha os esgrimistas Helder Reis, Jesus Silva e Mendonça Garcia, todos do C. D. U. L. e José Gomes, do Grémio Literário.

Estes atiradores tomarão parte no torneio de Mélega organizados pela Federação Espanhola e que está marcado para 8 e 9 de Fevereiro. Acompanham os esgrimistas o director da Federação Herbert Santos.

O Grémio Literário, a título particular faz-se também representar por mais três atiradores.



A linha avançada da selecção de juniores: o portalegrense Belo Gonçalves, João Machado (Sporting), Vitor Manuel (do Marinhense) e o portista Eduardo. O ultramarino Machado rubricou três golos

BASQUETEBOL - TAÇA DOS VENCEDORES DAS TAÇAS

POUCAS POSSIBILIDADES DO BENFICA PERANTE OS GREGOS DO PANATHINAIKOS

É hoje, no pavilhão da Luz que se defrontam Benfica e Panathinaikos (da Grécia) a contar para a

A equipa do Benfica:
Julio Campos, Ramos, Glenn, José Alberto, Armindo, Artur Coelho, Simões, Abel e Arouca.

«Taça dos Vencedores das Taças».
Poucas referências possuímos da equipa grega: bastará no entanto relembrar que

esta formação helénica se sagrou vencedora da «Taça» do seu país, no qual existe (além de outras) a famosa equipa do A. E. K., que tivemos oportunidade de apreciar, aquando da eliminatória da «Taça dos Campeões Europeus» frente ao nosso representante o Sporting de Lourenço Marques.
Por razões entre as quais avulta a valiosa contribuição de dois jogadores norte-americanos de bom gaúcho, deixa antever uma superioridade grega flagrante. E porque as possibilidades do Benfica (que ocupa no momento o último lugar no Campeonato Nacional) em

curso) se apresentam muito fracas.
No entanto todo o bom apreciador de basquetebol, terá mais uma vez a oportunidade de apreciar uma das melhores equipas europeias e, já que no aspecto competitivo não terá, provavelmente, ensejo de vibrar (dado o desequilíbrio de valor existente entre as duas equipas) terá no entanto, um espectáculo movimentado, pelo os «encarnados» quererão decerto evitar a todo o custo uma volumosa derrota.

C. I. F. DE NOVO VENCEDOR NO NACIONAL FEMININO

Completo-se agora a 3ª jornada do campeonato nacional feminino, cujos resultados foram os seguintes:

Cif. 30-Nacional, 35: Benfica 32-Cif. 30.

O jogo Cif Nacional revestiu-se de um equilíbrio inesperado, que se proporcionou uma vitória sensacional (mas justa, acentuamos) das raparigas do Nacional, pela sua perseverança, apesar da equipa cífista se mostrar superior. Para isto contribuiu, em grande parte, o árbitro Carlos Rodrigues brindando a assistência com um «recital de apitos»: pôs quase toda a equipa do C. I. F. fora do terreno, por desclassificação. Um caso para esquecer: a actuação deste juiz. Cabe aqui reconhecer a actuação de Fernanda Seabra (do Nacional) na verdade possuidora de intuição excepcional para a prática da modalidade. A atestar este facto está a marcação assinalável de vinte e quatro pontos por ela obtidos.

Árbitros: Angelo Salgado e Carlos Rodrigues.

C. I. F.—Maria Emilia (1), Ana Cunha (6), Adelaide Fonseca (13), Ana Aguiar (2), Maria Manuel (2), Clara Smith (10), Mafalda (2), Teresa Lino, Carmina Pombo e Ida Ramos.

NACIONAL.—Lucinda (4), Fernanda Seabra (24), Ana Santos, Maria Madalena (2), Maria Carvalho (5) e Lucinda Casanova.

Cif e Benfica ocupam o primeiro lugar.



A equipa do Panathinaikos Athlitikos Omilos, adversária do Benfica, para a «Taça dos Clubes Vencedores das Taças»



Coloristas: 26 meses «internacional», um dos grandes nomes da equipa grega

Andebol de sete DIGRESSÃO DO F. C. PORTO PELA EUROPA

Os dirigentes do F. C. do Porto estudam a possibilidade de uma deslocação da equipa principal de andebol de sete do clube à Suíça, Austria, Hungria e Jugoslávia, no mês de Agosto do ano corrente, para efectuar alguns jogos naqueles países. As negociações decorrerão esta semana e na próxima por ocasião do torneio internacional de andebol que o clube das Antas realiza no Palácio de Cristal de amanhã até segunda-feira.

Jantar de homenagem

Por motivo de ter sido galardoado com a medalha de Mérito Desportivo, um grupo de amigos, empregados no Banco de Angola homenageia o dr. Manuel Mesquita Guimarães com um jantar a realizar amanhã, pelas 20 e 30 horas, num restaurante de Lisboa.

Portugal nos Campeonatos Europeus de Pugilismo

Desde a filiação da Federação Portuguesa de Boxe na A. I. B. A., surgiu logo o convite, formal e reiterado, para a participação de uma equipa portuguesa nos campeonatos da Europa a realizar na capital da Roménia, de 28 de Maio a 2 de Junho do corrente ano.

O presidente do sector europeu da A. I. B. A., o russo Denisov Nikoforov, já esteve por duas vezes à Federação Portuguesa ressaltando o interesse que tal participação teria para o fomento do pugilismo amador em Portugal.

Parece ser desejo daquele dirigente que apresentemos uma equipa completa.

É evidente, porém, que nos faltam elementos com capacidade para tal, mas podemos apresentar, sem receio, uns quatro ou cinco pugilistas, capazes de digna representação.

Do lote de pugilistas de que dispomos poderão vir a ser escolhidos, para a representação nacional os seguintes pugilistas: Manuel Antunes (Sporting), Carlos Almeida (Mouraria), Costa Rodrigues (Mouraria), Martinho Cunha (F. C. Porto), Adão Alves (Salgueiros), Vítor Pereira (Mouraria), Vítor Marques (Amadora) e Lacerda Carvalho (Amadora).

São estes os pugilistas que se nos afiguram mais capazi-

zes de uma digna presença, muito especialmente os quatro primeiros.

Tudo dependerá do brio desportivo dos possíveis candidatos que não deverão esquecer que para combaterem bem em Maio terão de começar a preparação em Março, submetendo-se aos sacrifícios que o boxe exige.

E terão de pensar nisso a sério, pois é quase certo a D. G. D. conceder o subsídio necessário à viagem até Bucareste. — P. A.

Vai ressurgir no Porto o boxe profissional

A delegação da Federação Portuguesa de Boxe do Porto está a enviar esforços para que o boxe profissional ressurgisse naquela cidade. Assim, pensa-se (para já) em sessões conjuntas entre profissionais e amadores.

Por outro lado, o presidente da delegação daquela Federação seguirá brevemente para Espanha, a fim de estabelecer contactos com «managers» espanhóis, com vista a um futuro intercâmbio internacional.

Está projectada a passagem a profissional de Carlos de Almeida, campeão nacional amador, e sem dúvida, um dos melhores pugilistas portugueses, o qual realizará um combate no Porto com um pugilista espanhol.

Lisboa (F. C. Porto) e Jacinto (Benfica) castigados pela Federação

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol aplicou, ontem, os seguintes castigos:

I DIVISÃO — Três jogos a Alberto Lisboa Dias, do F. C. Porto, por «agressão a um adversário» e um jogo a Jacinto José Martins Santos, da Benfica, por «agosto de ameaça para com o adversário».

II DIVISÃO — Dois jogos a Daniel Jorge Duarte Gomes, do Alhandra, e a Joaquim Gamaliel Varela Alves, do Lusitano G. C., o primeiro por «insultos a um juiz de linha» e o segundo por «prática de jogo perigoso sistemático», e repressão por escrito a Joaquim de Oliveira, do Leça F. C., por «lançamento intencional da bola para fora do rectângulo».

Ao treinador do Salgueiros, Frederico Barrigana, foram aplicados 15 dias de suspensão e 250\$00 de multa por «desrespeito à equipa de arbitragem».

III DIVISÃO — Seis jogos a António da Cruz Pinto Saraciva, do União Sport, por «insultos graves ao árbitro, agravado por ser capitão da equipa»; quatro jogos a João da Conceição Francisco, do U. D. R. Alges, por «prática de jogo perigoso sistemático, no que é reincidente»; três jogos a Manuel António Abreu Teixeira, do Riopele, por «prática de jogo perigoso sistemático, agravado por sucessão de faltas», e a Mário Manuel Marques Belchior, do União Sport, por «insultos graves ao árbitro»; um jogo a José Mendes Pereira, do Desportivo das Aves, por «desacordo com as decisões do árbitro, agravado por ser capitão da equipa», e a Da-

vid dos Santos Oliveira, do U. D. R. Alges, por «faltas leves, agravadas por sucessão de faltas»; repressão por escrito a Alvaro de Jesus Miguel, do Desportivo das Aves, por «demora na reposição da bola em jogo»; a Eduardo Augusto de Jesus, do U. D. R. Alges, pelo mesmo motivo; a Manuel Martinho Carvalho, do Mirandela, por «desacordo com uma indicação de um fiscal-de-linha»; a José Francisco Lopes Soares e a Nelson Gonçalves Leite, do S. Pedro da Cova, por «desacordo com uma decisão do árbitro», e a Manuel da Conceição Romano, do Ferroviários, por «discutir uma decisão do árbitro».

Multa de 250\$00 e 15 dias de suspensão a José Flaminio Mendes, massagista do S. C. Mirandela, por «desacordo com as decisões do árbitro».

Dois meses de suspensão a Rolando Amorim Lopes, dirigente do G. D. Chaves, por «insulto ao árbitro».

Multa de 200\$00 ao Lusitânia Futebol Clube, por «insultos e apressamento de objectos sem molestar a equipa de arbitragem»; multa de 100\$00 ao Mortagua Futebol Clube, por «insultos à equipa de arbitragem», e advertência ao Grupo Desportivo Ferroviários, por «demora na entrada em campo, para início do jogo».

Por seu turno, a Comissão de 1.ª Instância deliberou castigar:

Um mês de suspensão a José Manuel Pires da Silva e 15 dias de suspensão a Artur Marques da Silva, ambos do C. F. Santa Iria (esta de liberação foi proferida na acção de condenação que aquele clube lhes moveu).

Acontecimentos DE ONTEM

Andebol

Realizaram-se ontem os últimos jogos a contar para os campeonatos regionais do Porto de andebol da 1.ª Divisão e de juniores. Na categoria principal o F. C. Porto foi o campeão e será acompanhado pelo Vigorosa no «Nacional». Em juniores também o F. C. Porto conquistou o título e para o segundo lugar, que qualifica para o «Nacional» ficaram empatados o C. D. U. P. e o Académico, que assim terão de disputar um desafio de desempate.

gundo divisão Clube que já foi campeão nacional de seniores e juniores, teve este ano uma época negra. Os resultados de ontem foram: 1.ª Divisão — Académico, 13-Vigorosa, 15; Salgueiros, 15-C. D. U. P., 17; Leça-18-Padroeiro, 13 e F. C. Porto, 31-Senhora da Hora, 17. Juniores — Boavista, 3-C. D. U. P., 14; Leixões, 10-F. C. Porto, 15; Parquial, 7-Padroeiro, 23 e Académico, 10-F. C. Ga a, 11.

Voleibol

Em jogo a contar para o campeonato português da 2.ª Divisão, o Bênce venceu o Es-

moiz por 3:2.

HOJE

No «Norte Desportivo» a «grande jogada» do Benfica

JOGO-REPETIÇÃO «SIM»
MAS SÓ EM 26 DE FEVEREIRO
UM ARTIGO «EXPLOSIVO»

CURSO LICEAL

DIURNO E NOCTURNO

Bem apetrechados laboratórios

ESCOLA SÃO VICENTE, Rua do Paraíso 28

EXTA MARQUES da POMBAL R. Carlos Viana 10

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 237572
As 15.15, 18.15 e 21.30
6.ª SEMANA
Uma mulher descobre o amor...
RAQUEL, RAQUEL

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763000
As 15.45 e 21.45
6.ª SEMANA
Extraordinário filme de
Paul Newman
com Jeanne Woodward
e Estrella Penna
RAQUEL, RAQUEL

ROMA

(Adultos) Tel. 727776
As 21.45
UM FILME DE SENSAÇÃO
ADEUS AMIGO
CHARLES BRONSON
ALAIN DELON
COLORIDO

ATENÇÃO: Por contratos anteriores firmados o filme «ADEUS AMIGO», continua a sua exibição a partir de amanhã e neste nos cinemas CONDES e AVIS.

POLITEAMA

Tel. 22 63 05
HOJE, A NOITE, AS 21.30
3.ª SEMANA SENSACIONAL
O tremendo filme de brutal acção realista
O BOM, O MAU E O VILÃO
com o famoso Clint Eastwood
Scope-Color (Adultos)

HOJE, AS 18.30 — (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Um filme fora de série
A BRIGADA DO DIABO
com William Holden, Cliff Robertson e Vince Edwards

LUMIAR

(M. 17 anos) Telef. 791574
As 21.30
OS PROFISSIONAIS
com Bert Lancaster — Lee Marvin — Robert Ryan — Jack Palance — Ralph Bellamy e Claudia Cardinale
AR CONDICIONADO
PARQUE PRIVATIVO

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 9 06 06
As 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
SAL E PIMENTA
c/ Sammy Davis Jr. e Peter Lawford
As 6.15 da tarde: Despedida: O ESTRANGULADOR DE BOSTON

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779007
3.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
Um filme de Jacques Daniel-Vallée

LE VIOL — o desconhecido desejado
com Bibi Andersen e Bruno Cremer
EASTMANCOLOR

RESTELO

(Adultos) Tel. 610375
As 21.30
CAMARADA MINI-SAIA
com Elke Sommer e Bob Crane

EDEN

(Adultos) Tel. 330768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Technicolor — Techniscope
Henry Silva e Evelyn Stewart em
ASSASSINOS

LIDO

Tel. 93 75 93
As 21.30 (M. 17 anos)
Um espectáculo pleno de movimento e aventura!
O REGRESSO DOS SETE MAGNÍFICOS
com Yul Brynner no seu estilo característico

CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) Tel. 260729
NÃO PERCA A CABEÇA
com Sidney James, Joan Sims, Kenneth Williams

AVIS

(Adultos) Tel. 47163
As 21.30
Uma explosão de violência num novo tipo de western!
O BOM, O MAU E O VILÃO
com Clint Eastwood, Lee Van Cleef e Eli Wallach
TECHNICOLOR — SCOPE

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45933
OS CANHÕES DE SAN SEBASTIAN
TRES DENTADAS NA MAÇA

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 655131
As 15.00 e 21.30
6.ª SEMANA
70 mm — os «ecran» gigante
AS SANDALIAS DO PESCADOR
com Anthony Quinn Uskar Werner e Sir Laurence Olivier

QUINZENA OBRAS-PRIMAS
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
AS BADALADAS DA MEIA-NOITE, de Orson Welles
com Orson Welles, Jeanne Moreau, Marina Vlady, etc.
Prox. Quinzena: **BURLESCO** (início dia 3 de Fev.)

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 638743
As 15.15, 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
O discutido filme de Charlie Chaplin
A CONDESSA DE HONG-KONG
com Sophia Loren e Marlon Brando
TECHNICOLOR
Metres Ploos

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
Grandiosa e arrebatadora evocação do terrível Egipto dos Faraós
RAINHA DO NILO
com Jeanne Crain e Edmund Purdom
Totalecopia Eastmancolor

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
7.ª SEMANA
Real Carol Reed
com Ron Moody — Mark Lester — Oliver Reed e Sherry Walker
OLIVER!
70 mm — Technicolor

CONDES

Telef. 22 25 23 22 67 10
As 15.15, 18.15 e 21.30 (Ad.)
ADEUS AMIGO
(Adrien L'ami)
COLORIDO
c/ Charles Bronson e Alain Delon num filme fora de série

LIZ

(Adultos) Tel. 45560
As 21 horas
O ANALISTA DO PRESIDENTE
A MENHA ÚLTIMA CONDESSA

IMPERIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Um filme de Claude Chabrol em 2.ª semana
CHAMPAGNE ESCANDALOSO
Anthony Perkins, Maurice Rocco e Yvonne Furneaux

ESTUDIO

As 15.30, 18.30 e 21.30
(M. 12 anos)
Um filme sobre os ídolos do nosso tempo com Bob Dylan, Joan Baez e Donovan
EU SOU BOB DYLAN

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 320917
As 21 horas
O DIA DA VERGONHA
AL, QUE GAROTAS!

RECINTOS DE DIVERSÕES

* De regresso de Angola, já se encontra em Lisboa o artista Fernando Farinha.
* Só depois do Carnaval a artista Ada de Castro deve voltar a Lisboa, pois tem contratos a cumprir no Brasil.
* Também pela mesma altura deve regressar ao elenco do Machado o agrupamento artístico «Os 3 de Portugal».
* A cantadeira Conceição Santos acaba de gravar o seu primeiro disco comercial.
* Encontra-se em digressão

* OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU — As 21 e 30: «Companhia internacional» (12 anos)
TEATROS
TRINDADE — As 21 e 45: «Sabina Freire» (17 anos)
VASCO SANTANA — As 21 e 45: «Noite de Verão» (12 anos)
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e 23: «Grande Poeta é o Zé» (17 anos)
VILLARET — As 21 e 45: «A Preguiça» (17 anos)
LAURA ALVES — As 21 e 45: «O Jovem Mentiroso» (17 anos)
CAPITÓLIO — As 21 e 45: João Gabriel Barreto
MONUMENTAL — As 20 e 45 e 23: «Quando ela se despiu» (17 anos)

CINEMAS
CINEARTE — As 21: «Sua Excelência» (12 anos)
ROYAL — As 21: «Adivinha quem vem jantar» (12 anos)
PARIS — As 21: «Laços eternos» (17 anos)
OLIMPIA — As 19: «Furor de Matos» (12 anos)
ARCO IRIS — As 21 e 30: «Pôr do Sol» (12 anos)
JARDIM — As 21: «O segredo da caixa preta» (12 anos)
DESPORTO E ALEGRIA — As 21: «Viva Maria!» (17 anos)
VOZ DO OPERÁRIO — As 21: «Não faças ondas» (17 anos)
SALÃO LISBOA — As 19: «Paris lá está o amor?» (12 anos)

UNIVERSAL — As 21: «O homem com a morte nos olhos» (17 anos)
S. L. BENFICA — As 21 e 45: «O irresistível forasteiro» (12 anos)
CINE-ORIENTE — As 21: «Se tu não saíesses» (12 anos)
CINE-MOSCÁVIDE — As 21: «Como matei o papulino» (12 anos)
ENCARNAÇÃO — As 21: «A transição e o americano» (12 anos)
BOMBEIROS VOL. LOURES — As 21 e 30: «O Massacre de Chicapa» (17 anos)

Linha de Cascais
OBRAS — OBRAS CINE — As 21: «Revista no colégio» e «Um homem chamado Gringo» (12 anos)
PAREDE — ROYAL CINE — As 21: «Felizes para sempre» e «O filho do pistoleiro» (12 anos)
ESTORIL — CASINO — As 17 e 21 e 30: «Não perca a cabeça» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «Ataque à muralha do Atlântico» (12 anos)

Linha de Sintra
PONTINHA — CINE UNIAO — As 21: «Rainha do amor» (17 anos)
DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «Ringo e a sua pistola de ouro» (12 anos)
VENDA NOVA — CINE PORTUGAL — As 21: «Os dez mandamentos» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 30: «A estrada de Contos» e «A desforra de Sandokan» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ CINE — As 21 e 30: «Momento a momento» e «O caso do comboio de Benlme» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE CHABY — As 21 e 30: «Só se vive duas vezes» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21 e 30: «Música no coração» (12 anos)

Outra Banda
ALMADA — INCRÍVEL — As 21 e 30: «Charada internacional» e «Academia» — As 21 e 30: «A noiva estava de luto» (12 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO ARDOR — As 21 e 30: «Faria assassinos» e «O tumulto do Fado» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIAO ARTISTICA — As 21 e 30: «Os devotos» (17 anos)

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno J

AJUDA — Mendes Gomes, Praça da Ajuda, 22 (638256) * Tapada, Lda., Calç. da Tapada, 83-A (63472)
ALCANTARA — Ester Nequeira, R. de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Antónia Lda., Av. Almirante Reis, 88-B-C (44173) * Megalhães, Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479)
ALVALADE — Libia, Av. da Igreja, 4-B-C (71168) * Maribel, Av. de Roma 131-A (776235)
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (681515)
AREIRO — Lusitana, Av. de Roma, 8-A (725443) * Chinda, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (710331)
ARROIOS — Fonseca — R. Carvalho Araújo, 46-B-C (84108)
AVENIDAS NOVAS — Providência, R. D.º Filipo de Vilhena, 9-C (770324) * 54 de Bandeira, R. Marquês 54 de Bandeira, 36-42 (4196-5467) * Oliveira Viçosa, R. Vitorino, 29-A (48966-553601)
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zira, Pr. das Casas Novas, Lote 66 (310172)
BAIXA — Famosinho, P. dos Restauradores, 8 (30927) * Normal, R. da Prata, 220 (32342-32553)
BENFICA — Benfices, Est. de Benfica, 44-A (782606) * Alegria, Est. de Benfica, 80-A-B (78050) * Progresso, Est. A-da-Moia, 64-C (702226) * Macedo, Est. do Poço do Chão, 69-C (703697)
CAMPO DE OURIQUE — Lindeia — Rua Ferreira Borges, 30 (660955) * Findex — Rua D. Maria Pia, 514 (687949)
CAMPOLIDE — Real, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) * Zenel, R. A. 82, Bairro da Liberdade (651840) * Neve, R. de Campolide, 297-C (687475)
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (553308)
ESTEFANIA — Délio, Rua Açores, 32 (52888)
ESTRELA E LAPA — Neves, Sac. R. da Boa Vista, 4 Lapa, 37 (661251)
GRACA — Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (84436)
LUMIAR — Patifeiro, Helióides, R. do Lumiar, 122-124 (790332) * Beira, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (791131)
OLIVAS — Simão — Av. de Beirões, R. D.º, 16-A (310581)
PALHAVA — Centro, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841)
PEDROÇOS — Higiénica, R. de Pedrouços, 50-52 (610280)
PENHA DE FRANÇA — Dalton, Av. Mourinho de Albuquerque,

1-A (84357) * Europa, Av. General Rôças, 77-A-B (Tel. 843880)
PICHELEIRA — Mariz, Calç. da Picheleira, 40-B-C (720703) * 728395
PRINCEPE REAL — Gonçalves L., R. da Rosa, 76-78 (362687)
REGO — Berne, Av. de Berna, 44-A (773568)
SANTO AMARO — Botânica, R. do Junqueira 38 40 (638321)
S. BENTO — Micael, R. de S. Bento, 380-382 (6621621) * Agreense, Largo do Conde Barão, 2 (661330)
ST. MARTA — Merales Sarmiento, R. Santa Marta 5-A-B (Tel. 46490)
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. do Morgem, 5-B (382470) * Cruz de Matos, L. do Chafaz de Dente, 36 (866126) * Zema, Rua General Justiniano Padre (6832580)
S. Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (86983)
MOSCÁVIDE — Benha, Av. de Moscávide, 22 (Tel. 2518518)

Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Av. Lombo e Guerra, 66 (Tel. 219531)
CAXIAS — Neve, Rua Bernardino Ribeiro — A (242859)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 86 (2432084)
OBRAS — Godinho — R. Lenda dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PAREDE — Grincho, Av. da República, 87-A (247204)
ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, 1 A, 5 (260116)
CASCAIS — Marginal, Av. Marginal (280078) — A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (280214)

Linha de Sintra

AMADORA — Melo P. D. João I, lote 46 — B.º P.º Janeiro (932756) * Central, Av. Carlos Lopes, 25 (932201) * Igreja, P. da Igreja, 22-A (937740) * Jardim, Av. Conde de Oeiras, lote X — Reboreira (938429)
DAMAIA — Confiança, Est. Militar, lote D (971023)
QUELUZ — André, Av. Elias Garcia, 15 (950043) * Queluz, Av. Miguel Bombarda, 12-A (951841)
CACÉM — Central, R. São Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — Quinta, Est. Mem Martins, 25 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valente, (Tel. 980456)

SINTRA — Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida, 7 — (Tel. 98039)
COLARES — Colares, Adorno — (Tel. 299088)

Outra Banda

ALCOCHETE — Gamito e António dos Santos, Lote 5 — (23400)
ALHOS VEDROS — Gêmeos, R. Cândido dos Reis, 90 (224020)
ALMADA — Megalhães — R. Lapa, 100 Lda. — Tel. 270422
BAIXA DA BANHEIRA — Alameda, Est. Nacional, 14 (2243002)
BARRIO — Central — Av. Alfredo do Silva, 48 (Tel. 2273071)
COVA DA PIEDADE — Atlântica, Junta do Povo — (24365)
MOITA — Silveira, Rua da República, 617E (239979)
MONTIJO — Higiénica — R. José Joaquim Marques, 42 (233701)
SISIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 61 (Tel. 2290281)
SETUBAL — Oliveira — R. da Moura, 22 (24488)
SEIXAL — Godinho — R. da Moura, 5 (Tel. 22518)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361958 * Companhias Reunidas, 537011 * Gásdila 538821 * Gásdila (dom e feriados) 382069
BOMBEIROS — Sapadores 322222 * Voluntários 538524
POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Pública, 366141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 862721 * Viagem e Trânsito, 42205 * G. N. R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 757171 * Hospital de S. José, 860131 * Serviço, 437169 * Transfusões, 3005 e 437169 * 538524 * Centro de Intoxicações (informativa), 767777, 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Camiónes - de ferro (C. P.), 849029 * Camiónes de ferro (Estoril), 361121 * Estação Marítima (T. Paga), 825845 * Estação Marítima de Alcabate, 663195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação Suave (Belém), 638531

BOM APETITE

CASTANHEIRA

É de Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SABADOS e DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
Há mais de 3 anos

PASTELARIA FÓIA

RESTAURANTE
C. Martins da Póla, 99-A
Tel. 94849
ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA
PASTELARIA C/ FABRICO PRÓPRIO

XANGAI

Av. Duque de Loulé, 20-B
Tel. 57378
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIARIA
CARNE DE PORCO
ACRE E DOCE

TIQUE TAQUE

AGORA TAMBÉM COM RESTAURANTE E SNACK-BAR
NOVA GERÊNCIA
AVENIDA DE ROMA, 29-B
TELEF. 777723

MINABELA

Restaurantes
Churrasco
Pastelaria
Diariamente
várias especialidades
AMADORA—Tel. 939191/2
QUELUZ—Tel. 951611

Tamborim

Restaurantes — Snack-Bar — Corveja
Especialidades diárias
ACORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOSTA
R. Gomes Faria, 14
Telef. 46247
(Ao Campo Santana)

Diário de Lisboa



Publicação em
Pensamentos Gráficos, S. A. R. L.
Editor João C. de Sá
Sede Rua Luz Soriano, 44
Tel. 32 02 71-2-8 e 32 11 54-6
Publicidade 3 42 21
End. Te. DIBOA, Telex 1263
Lisboa 2 Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO
DO SERVIÇO
METEOROLÓGICO
NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HO-
RAS DE HOJE — Em Portu-
gal Continental o céu estava
geralmente muito nublado, o
vento era fraco; chovia em
algumas regiões do Norte e
Centro; havia nevoeiro em
alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS
OBSERVADAS NA REDE NA-
CIONAL DO CONTINENTE
ATE ÀS 9 HORAS DE HOJE
— Máxima: Alvalade, 8°;
mínima: Penha da Saúde,
-1°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS
9 HORAS — Coimbra, 8°;
Faro, 12°; Funchal, 19°; Lis-
boa, 10°; Penha da Saúde, 8°;
Portalegre, 8°; Porto, 7°.

TEMPERATURAS OBSERVA-
DAS ÀS 9 HORAS NA COS-
TA DO SOL — Na atmos-
fera: 12°; na água do mar:
14°.

PREVISÃO GERAL
ATE ÀS 24 HORAS
DE AMANHÃ

Céu muito nublado, alter-
nando com períodos de boas
aberturas nas regiões do Nor-
te. Vento fraco, períodos de
chuva ou aguaceiros disper-
sos, em geral de fraca in-
tensidade.

Amãhã
Nascer às 8 e 44
Ossar às 18 e 57



Die 2 Die 10 Die 16 Die 24

MARES:

PREIA-MAR: Die 30 — 2 e
23 (3,4m); 4 e 55 (3,3m);
Die 31 — 3 e 11 (3,5m);
15 e 39 (3,4m); Die 1 —
3 e 48 (3,7m); 16 e 4 (3,5
m) BAIXA-MAR: Die 30 —
8 e 17 (1,6m); 20 e 24
(1,6m); Die 31 — 8 e 57
(1,4m); 21 e 07 (1,4m);
Die 1 — 9 e 31 (1,3m); 21
e 42 (1,3m)

O governador civil
de Setúbal
visitou Pinhal Novo

PINHAL NOVO, 30 — Vi-
sitou esta vila, acompanhado
pela vereação municipal, o
chefe do distrito de Setúbal,
sr. dr. Carlos Ferreira, que
foi recebido na Junta de
Freguesia, pelo presidente, sr.
Casimiro Gomes e restantes
componentes.

Deu-lhe as boas-vindas o
presidente do Município, sr.
Diogo Benavente, e seguiu-se
uma visita de trabalho, que
incluiu o cemitério, onde há
uma linda capela, inaugurada
em 1967.

O sr. dr. Carlos Ferreira
manifestou o desejo de que
todos os trabalhos em curso
entrem num ritmo acelerado,
pois, segundo disse, há que
ter atenção a próxima reali-
dade do aeroporto nesta
zona. Dirigiu-se, depois, pa-
ra a Quinta do Anjo.



O governador do Texas,
John Connally, que, segundo
declarou, não irá depor no
juízo de Clay Shaw

O Cenáculo Arcus Iris e os Pupilos do Exército

Na Casa do Aentejo, rea-
liza-se amanhã, às 20 e 30,
mais um jantar de convívio
intelectual e social do cená-
culo Arcus Iris, dedicado aos
Pupilos do Exército. No de-
correr do jantar para o que
estão convidadas altas enti-
dades civis e militares ligadas
ao I. P. E., o sr. Aníbal
de Sousa Marques fará uma
palestra intitulada «Pupilos
do Exército — estabele-
cimento modelar de ensino».

Eleição do «Diário de Lisboa» com o patrocínio da Ibéria

HOJE: PRIMEIRO CUPÃO PARA «MAJA DE PORTUGAL»

Será com «mantilla»

e «peineta»

que as candidatas a

«Maja Internacional 1969»

desfilarão em Saragoça

COMEÇAMOS a publicar, nas
nossas edições de hoje, os cupões
que habilitam ao concurso para
eleição da «Maja de Portugal»,
certame que tem o patrocínio da
Ibéria (Lineas Aereas de España)
e que, tal como nos anos an-
teriores, permite a uma rapariga
portuguesa, solteira, de idade su-
perior a 18 anos, ser admitida
ao certame para apuramento da
«Maja Internacional»: e, daqui,
a um longo (e belo) mundo de
sonhos e de prémios, de fasci-
nantes honrarias que são quase
a mais ansiada das metas de
uma jovem.

Trata-se, como já salientámos,
de um concurso para homenagear
a figura que Goya criou nos seus
mais belos quadros: a «Maja», que
é quase um símbolo da distinção

e do «salero» das mulheres de Es-
panha.

Em Portugal, o apuramento de
uma embaixatriz da nossa juven-
tude terá de fazer-se nos primeiros
dias de Março: a 18 de Maio, levan-
do na bagagem o traje regional
com que vai desfilar em Saragoça
(na noite da eleição da «Maja In-
ternacional» (26 de Maio): uma
rapariga de Portugal estará em
plano de absoluta igualdade com
as representantes de mais dezena
e meia de países, na «corrida» para
uma meta em que estão belos, se-
dutores e rendosos prémios. E, uma
vez mais salientámos: o concurso
não é de beleza mas, sim, de dis-
tincção e fotogenia. Daí o não ser
necessário, a qualquer concorrente,
desfilar em fato de banho.

Por essa Europa fora, e até em
diversos países das Américas, está
já a processar-se a eleição das suas
«Majas» representativas, corres-
pondendo-se assim ao desenvolvi-
mento que, de ano para ano, mais

credencia esta feliz realização da
Associação Goya Internacional, a
que a Ibéria (Lineas Aereas de Es-
paña) oferece o valioso patrocínio.
Dinamarca, Itália e Espanha, já
colocaram as suas «Majas» no tro-
no internacional. Será que a quarta
edição deste concurso permitirá a
uma portuguesa a validação de um
sonho extraordinário?

★

A semelhança da edição ante-
rior deste concurso, as «Majas» dos
diferentes países vão concentrar-se
em Jerez de la Frontera, para assi-
stirem à eleição da «Maja de Es-
panha» e, dias depois, todas se en-
caminham para a localidade onde
vai processar-se o apuramento da
«Maja Internacional», na conclu-
são de um certame pleno de honre-
tidade, que tem como objectivo
fundamental homenagear a figura
de Goya e prestar a sua vassala-
gem à serena e digna beleza da
mulher.



APANHAR FRUTA SEM SUBIR AS ÁRVORES — O sr. H. A. Edwards, de Bromyard, acaba de aperfeiçoar um engenho singular que evita, ao mais diligente apanhador de fruta, ter de subir às árvores. A máquina está munida de dois rolos de borracha que sacodem as árvores, desprendem os frutos e, além disso, permitem o seu transporte. Por este método, diz o seu inventor, qualquer árvore de fruto pode ser «limpa» em poucos segundos

DIRIGIAM-SE PARA FRANÇA OS 30 EMIGRANTES CLANDESTINOS QUE FORAM DETIDOS EM ESPANHA

Eram em numero de 30 os
portugueses que abandonaram as
duras terras transmontanas e fo-
ram presos já em Espanha, a
pedido da Guarda Fiscal do po-
sto de Tourm, Havia, entre eles,
4 mulheres e 3 crianças. As suas
idades oscilavam entre os 18 e
os 50 anos.

Publicou o nosso jornal ainda
não há muito tempo, a notícia
das condições deploráveis em

que vivem os portugueses fixa-
dos em Orense. Para lá se diri-
giu (talvez para uma fixação
definitiva, talvez como termo
da primeira etapa de uma via-
gem que terminaria em França),
os 30 emigrantes agora detidos,
que utilizavam a camioneta da
carreira Rando-Orense. Detida
a camioneta pela Guarda
Fiscal, o numeroso grupo de
portugueses foi interrogado mais
tarde pela secção portuense da
P. I. D. E., que orienta pre-
sentemente as investigações.

Estamos em presença, como
depois veio a verificar-se, de um
caso de engajamento, relativ-
mente vulgar. Encontram-se im-
plicados Manuel e António
Araújo, proprietários do «Café

Terra Fria», de Montalegre e os
irmãos Artur e José Maria
Branco, naturais de Tourm, de
36 e 33 anos, respectivamente.
Outros suspeitos de interferirem
no engajamento são um tal Se-
rafin, de Pedrosa, e um Albino
Jaime, de Pinheiro. Este último
seria intermediário ao serviço
dos irmãos Branco, enquanto
outro indivíduo, chamado possi-
velmente Joaquim, de Vila Real,
trabalharia no negócio por con-
ta dos proprietários do «Café
Terra Fria».

A maioria dos emigrantes
clandestinos agora presos é na-
tural das regiões de Braga, San-
ta Marta de Penaguião e Mon-
talgre. As investigações prosse-
guem.

Anunciada nova lista para as eleições na Associação Académica de Coimbra

COIMBRA, 30 — Foi ontem
divulgada a constituição de
uma nova lista, que se apre-
sentará a sufrágio nas elei-
ções para a Associação Aca-
démica marcadas para 12 de
Fevereiro próximo. Essa lista
é integrada, na direcção efec-
tiva, pelos estudantes Augus-
to Mendes Moreira, Jorge Pi-
mentel Martins, José Aurélio
Secco Julião, Manuel Eugénio
Pimentel Brandão, Manuel
José Vaz Craveiro, Maria Ce-
cília Filipe de Oliveira e Rui
Alberto Lopes Feia.

Essa lista, que se apresenta
como de um «Movimento de
Renovação e Reforma», é in-

tegrada sobretudo por ele-
mentos que trabalharam nas
secções da Associação Aca-
démica nestes últimos três anos,
em que ela foi gerida por co-
missões administrativas. E no
primeiro documento que di-
vulgaram começam por afir-
mar: «Somos um grupo, uma
vontade, uma mentalidade
nova com aspirações concretas
a unirem-nos. A necessidade
de denunciar um ambiente
falso, onde se foge às ques-
tões quer simplesmente aca-
démicas, quer de amplitude
universitária — ou um am-
biente propício a distorções
— congrega-nos e impõe a
nossa definição».

CONDECORAÇÕES ITALIANAS PARA OFICIAIS-GERAIS DA ARMADA PORTUGUESA

O embaixador da Itália, dr.
Giuseppe Cerulli-Irelli, pro-
cede esta noite à entrega das
altas condecorações com que
o presidente da República
italiana, Giuseppe Saragat,
agraciou os ara, vice-almi-
rantes Roberto e Silva e
comodoro Jaime Lopes, res-
pectivamente chefe e sub-
chefe do Estado-Maior da
Armada, e ainda o sr. capi-
tão-de-mar-e-guerra João
Carlos Gomes Trindade, an-
tigo comandante da Defesa
Marítima da Madeira e ac-

tual chefe de gabinete do
ministro da Defesa Nacional.
A cerimónia, que se reali-
za a partir das 20 e 30, na
sede da Embaixada de Ita-
lia (Palácio do Conde Pon-
beiro) assistem os ministros
portugueses da Defesa Na-
cional e da Marinha, o adido
militar, naval e aeronáutico,
tenente-coronel Alberto De-
nnes, e outras altas enti-
dades.

Seguem-se um jantar em
que participam as altas en-
tidades presentes.

Cofres de aluguer

Av. República 3

BANCO DO ALENTEJO

SUPLEMENTO

Diário de Notícias

LITERÁRIO

Alexandre O'Neill
Carlos Porto
Eduardo Prado Coelho
João Gaspar Simões
José-Augusto França
José Vaz Pereira
Mário Sacramento
Rocha de Sousa

N.º 548/30 DE JANEIRO DE 1969

EIS A CRÍTICA, QUERIDO MESTRE E AMIGO

por Mário Sacramento

COMO TODOS os homens da minha idade que nasceram às turmas com a Ieramá vicentina, cheguei à primeira dentição bebendo o leite imposito do ensaísmo sergiano, para depois comer o pão que o Diabo amassou. Ficou-me desse desmame um remeio de culpa absurda quando as vagas implacáveis da realidade autêntica começaram a espadanar sobre a sua obra a espuma amarela da Verdade Represa — pelo Sol Nascente e por outras plagas. Iniciei assim o meu exame pondo-me a rosto com esta pergunta: Que se passou com Sérgio para que tivesse sido, a um tempo, o Mestre inigualável de quartas gerações vram e verão na inteligência o piloto do Mundo (mas não o seu armador), e a Sereia que pôs epíbarcos à derrota da nau de Ulisses? Não vejo dificuldade na resposta se considerarmos que há na obra de António Sérgio dois tempos mentais, internamente coerentes mas desfasados: o do Ensaísta, que o arvorou aos mais altos páramos do Espírito Crítico e da Estesia Mental, e o do Doutrinário, que o trouxe à babugem da ressaca ideológica. O próprio Sérgio data e marca os dois planos no prefácio ao VII tomo dos Ensaísta: «Mais que pela literatura (exceptuada a poesia) me interessei pela filosofia, pela ciência, pelos temas da psicologia, pelas questões da ética; e, a partir do ano de 1910, pelas do ensino e da organização social, preocupado pelos problemas para que nos atirou a República — problemas de vulto para cujas soluções económicas, educacionais e civicas se não tinham munido de preparação adequada os tribunais republicanos da propaganda. Desde esse momento, iniciei a carreira de doutrinador constante, que em todas as andanças de acção política só via pretextos para pregação pedagógica, para esclarecimento do povo». E nas Cartas de Problematização (n.º 5): «Formam as dificuldades nacionais trazidas pela proclamação da República (1910) que me desviaram para a sociologia, a pedagogia, a economia, a história, as teorias políticas, etc.».

Perante estes textos uma pergunta salta como a taínia da água: Será que não havia dificuldades nacionais antes da proclamação da República? Será que só os problemas «para que nos atirou a República» eram de molde a despertar o interesse sócio-pedagógico e cívico-político de Sérgio? — Cumpro recordar que António Sérgio tinha apenas 27 anos em 1910 e deixara há instantes a sua carreira de oficial da Marinha de Guerra. O sentido daqueles textos será portanto o de que 1910 o acordou para a realidade nacional. Mas o acordou em circunstâncias muito suas e próprias: as dum homem cujas origens aristocrato-burguesas o punham a braços não só com a necessidade de encontrar um novo rumo para a sua vida, mas de o fazer na vigência do idealismo pequeno-burguês que Teófilo Braga encabeçava. A caracterização sociológica de Sérgio terá de partir daqui, parece-me, mediante achegas e precisões que não estão na minha mão trazer-lhe nem reputo, aliás, necessárias à interpretação contextual e crítica da sua obra. O que importa reter é isto: um homem superiormente dotado como nunca houve outro em Portugal, para a investigação filosófica e o ensaio crítico-científico, foi colocado, pela incidência de factores conjunturais que ele próprio adoptou, na necessidade de se desdobrar no doutrinador dum sistema de normas reputadas as melhores para o ressurgimento da Nação. Do que Sérgio teve de velar consigo mesmo para manter em inflexível coerência interna esta vocação bifronte resultou o que posteriormente viria a impedir-lo de se reajustar correctamente à realidade, como tentarei mostrar.

O ENSAÍSTA. Idealista neo-kantiano, que de Kant guardou, sobretudo, o que nele é crítico, e não aquilo que é sistemático (C. de P. n.º 5), o ensaísmo sergiano é o das hipóteses de trabalho e verossimilhança, o das análises regressivas de tipo científico, que descreve nas páginas admiráveis que servem de fecho ao IV tomo dos Ensaísta: «A única justificação de uma hipótese geral é a própria coerência

«Tomardes os dizeiros dos meus escritos como dogmas incriticáveis — seria renegar-me de todo em todo. Haveis de me poupar a esse absurdo; e no dia da morte do vosso amigo, se quiserdes honrá-lo condignamente, não publiqueis lamentos nem elogios — mas uma crítica. «Veber Graeber — vorwärts!» (Avante para além dos túmulos!)».

ANTÓNIO SÉRGIO («O Seiscentismo», 1926)



do conjunto de ideias em que exerce domínio essa teoria geral. Tais hipóteses por isso mesmo, têm sempre o carácter de provisórias. A Ciência transforma-se constantemente; a Ciência corrige-se, evolui, amolda-se. Da hipótese geral, a Ciência desce dedutivamente à verificação, e experimenta, contrasta, põe à prova a validade da conclusão. Contudo, a verificação «não se pode conseguir nas teorias gerais — nas muito gerais», que são aquelas, jus-

tamente, que o ensaísmo de Sérgio é suscitado a formular, pelo que se define a si mesmo, no alto plano da investigação teórica, a análise-pela-análise, a problemática-pela-problemática; e, no plano do convívio, a atitude pedagógica correspondente: «o nosso papel é o de excitar espíritos, — o de propor problemas, — e não propriamente o de formular verdades».

Como se estará vendo, o método ensaístico de Sérgio funda-se, com o máxi-

mo de rigor e propriedade,

sobre os alicerces milenários da indução científica, ocupando o seu lugar (a alturas que a meu ver os ultrapassam em eticidade, amplitude e estesia) na grande linhagem que os *Essays or Counsels* de Bacon, a curto anos de intervalo dos de Montaigne, faria a das vocações triplíceis: filosóficas, científicas e literárias. O êxito das hipóteses ensaísticas de Sérgio, que suscitaram investigações frutuosas em economia, em história, em pedagogia e em literatura, pelo menos, e fariam dele o introdutor em Portugal da sociologia e do próprio ensaio como género definido, não resulta da sua filosofia, mas da sua formação científica — a do antigo aluno da Politécnica, a do matemático, a do marinheiro. Isto me parece fundamental, por uma razão bem simples: a de explicar por que não foi afectada a parte válida da sua obra por condicionamentos de classe e de ideologia. Quando lemos os ensaios sobre a revolução de 1383 ou sobre a expedição a Ceuta (ninharias tão desprezíveis que delas se gerou o melhor da obra dum Jaime Cortesão e toda uma falange de historiografos!), é inútil perguntarmo-nos qual é a filosofia, qual é a ideologia social do seu autor; e tão-pouco depararmos neles com traços destas, podendo mesmo acrescentar-se que o vocabulário de Sérgio é aí o de qualquer homem, desatento que se mostra aos refinamentos de nomenclatura filosófica que se espralam nos outros. E o mesmo sucede, em certa medida, nos ensaios sobre Camões e Antero (restringindo, quanto a este, o que se refere à sua ideologia social, et por cause como se verá), nas críticas a Bergson e a Junqueiro, na síntese histórica do Reino Cadaveroso, nos prefácios de recolhas antológicas e nos livros escolares, nos estudos e nos projectos de feição pedagógica, nos bosquejos de *História de Portugal* e na *Introdução Geográfica*, na polémica sobre o Sebastianismo e noutras disputas sobre assuntos históricos, na análise às duas políticas nacionais, na desmontagem de mitos como o do latim escolar e demais humanidades, no

relanço sobre o *Seiscentismo*, etc., etc.

Partindo daqui, Sérgio rumou, todavia para as grandes abstrações filosóficas, atinge o nível das teorias não só mais gerais mas máximas, e fá-lo empunhando sempre o facho da Razão Crítica, da Razão Prática e da Razão Pura. Quer dizer: usando e generalizando o método científico, Sérgio condu-lo ao plano da Filosofia e atinge a esfera da gratuidade estética em que a coerência do Pensamento se funde com a beleza da Forma: «apreço a actividade intelectual em si, a crítica em si, a problemática em si». E chega a dizer, ironicamente, em referência ao ensaio histórico: «o meu desejo, como pedagogo, seria que não aparecesse um documento histórico (comprovativo de hipótese ensaística), se ele viesse adormecer uma actividade do espírito». A despeito da sua incidência docente, do tipo socrático, ou por ela própria se a confrontarmos com o diálogo platónico, o ensaísmo sergiano tem portanto um fim em si mesmo como a obra de arte — e é isso que lhe define um lugar único na nossa literatura, e não sei se um lugar raro nas demais: o dum Humanismo Estético superiormente informado e sólido como um bloco de mármore, mas desbastado, cinzelado e enformado pela fluência dum estilo dúctil, sugestivo, amplo e harmónico: «a emoção estética, para mim, nunca teve necessidade de justificações extrínsecas».

Mas todo o ensaio tem de ter um fulcro, um ponto de partida e de chegada. Nas circunstâncias em que Sérgio arrancou (as da situação nacional em 1910), o seu fulcro é lugar geométrico das intervenções cívicas que o momento lhe suscita. E daí resultou passo atrás de passo, que a coerência interna do sergiano tendesse a assumir os contornos duma coerência de Sistema. As suas hipóteses propendem a perder o carácter provisório a que se referia a transcrição de que partimos: as suas conclusões, a abandonar o método cartesiano, a dúvida ensaística que lhes permitia corrigirem-se.

(Continua na 2.ª página)

Solidão inteligente

FLORES AO TELEFONE

por
Maria Judite de Carvalho
col. «Contemporânea»
Portugália Editora

OFICIO EXIGENTE...

maguada sobriedade... É que discreção tão sentida, tão veemente ao mesmo tempo! Que admirável temperatura emocional a destes contos que são dos melhores, senão os melhores, que Maria Judite de Carvalho alguma vez escreveu. Lendo-os, penetrando-os linha a linha, a suave melancolia que se desprende deles afirma-se no final com a força terrível de uma solidão sem alardes. Sim, solidão. «Armários vazios» em cada corpo que se julga partilhado. O tesouro da verdade timidamente guardado nas existências mais apagadas... É tudo isto e muito mais que ressalta desta colectânea que abre com a admirável peça *Flores ao Telefone*.

Flores, Alma, Josefa, Saudade — nomes de mulher. Perfis femininos em diferentes situações sentimentais, em diferentes idades e com diferentes equações dramáticas — mas todos eles portadores de um denso e privado mistério que se inamua em nós e nos comove com uma intensa suspensão. *Flores ao Telefone* (a crítica o dirá por certo) é indiscutivelmente uma obra maior das nossas letras. Maria Judite de Carvalho — prêmio «Camilo Castelo Branco» da SPE — assume como sempre uma atitude narrativa de admirável e difícil interiorização. Nada de apelos directos à emoção do leitor. Corte a tempo na exposição, como só sabem fazer os grandes novelistas da estirpe de Balzac, Virginia Woolf, Mansfield ou Irene Lisboa. Inventário das solidões

partilhadas ou comprometidas (*A Flor da vida*, por exemplo, é um notabilíssimo exemplo de uma existência à deriva), este livro reveste-se de uma riqueza de situações que ilustram o tema do desespero, desde a aceitação resignada à morte por amor (Karl, o Trapezista).

Mas é esquemático anunciá-lo assim. Injustamente primário falar assim de uma obra tão cheia de incidências de toda a ordem e tão inteligente na maneira de contar. Exaltá-la pelo que há de compreensão da alma feminina é pouco. (E, por exemplo, o marido de Alma?). Análizá-la pelo lado «oficial» é igualmente restritivo: interesse, sim, o todo. A força comunicativa e o dom de cada página levantar na leitura mais dissecadora inúmeros problemas de interpretação humana e de construção literária.

«Mistério» — referimos atrás a propósito das figuras femininas de Maria Judite de Carvalho e, em particular destas aqui de *Flores ao Telefone*. Mas seria um atributo fácil e inexpressivo deixar a afirmação nestes termos. *Mistério* é um atributo fácil, místico e de efeito primário, com que alguns escritores — Augustina Beça Lusa, acima de todos — ornamentam as galerias femininas. É o *spray* formal, o alarde. E o importante é que em Maria Judite de Carvalho esse clima não se expõe, não se exhibe com a frase e é mais mistério por isso mesmo. Surge, desprende-se numa concentração íntima; é um oculto modesto que o pudor retém em cada personagem mas de que a escritora com estranha naturalidade levanta apenas indícios, como se ela, também, fosse dominada de pudor e de funda compaixão em não atralçar o íntimo segredo das personagens.



José Blanc de Portugal: encontro da Poesia com o público

O poeta por ele próprio

LEITURA DE POEMAS

por
José Blanc de Portugal
Galeria Quadrante
Lisboa, Janeiro 1969

O livro é um bem de consumo mas é também um instrumento cultural. A livraria deixou de ser um armazém de balcão e caixa ou um cenáculo novecentista de cavaqueira em rotina para se tornar num centro dinâmico de comunicação (isto é, de aquisição) cultural. Livro, artes plásticas e disco são hoje instrumentos afins — e é isso que fortemente acontece já nalguns centros do País de que se destacam, no Porto, a Galeria Divulgação e a «Árvore», a Galeria Panorama (em Alferragide) e, em Lisboa, a «111», Bucholz, Divulgação e Quadrante.

Centros de convívio dinâmico, com iniciativas que recontam novos públicos e que promovem a indispensável unidade das expressões artísticas e literária, as livrarias de hoje — as actualizadas — criaram um clima novo e estimulante que, insistentemente, nada tem a ver com o estabelecimento de brochura e papel impresso onde se troca cultura impressa por valores impressos na Casa da Moeda.

Entre as galerias mais atentas ao fe-

nómeno cultural a Quadrante ocupa, como se sabe, um lugar de excepção, e entre os empreendimentos que tem vindo a realizar, as sessões de leitura de poemas pelos próprios autores, transformaram-se em acontecimento de relevo na vida cultural de Lisboa. O'Neill, Melo e Castro, Maria Alberta Menéres, Ramos Rosa, Natália Correia, Carlos Eurico da Costa, José Alberto Marques, estiveram, entre outros, presentes na galeria da Avenida Luís Bivar.

José Blanc de Portugal foi recentemente recebido ali. Na tarde de sábado passado o poeta viu-se rodeado de gente das letras e das artes e de largo público para lhe ouvir de viva voz a sua escolha pessoal dos versos que escreveu ao longo de tantos anos. Escolha difícil — sujeita a tempo e a circunstância, mas em todo o caso um *test* das predilecções do autor, á margem das sínteses antológicas e dos esquemas da crítica.

A parte, portanto, o interessa desta e de outras sessões de leitura de poemas, independentemente do que elas representam no ciclo cultural do país, a Galeria Quadrante demonstra como inconfundível afirmação que o homem e o livro são duas presenças que se completam e que há um público cada vez mais distanciado dos modelos provincianos de contactar com a obra escrita.

«Literatura» e «artes» plásticas

Augustina Bessa Luis, como escritora independente, e o pintor Antônio Areal igualmente acima de compromissos, apareceram juntos numa exposição. Augustina (Prêmio da Literatura do S. N. I. cedeu os manuscritos que Areal (Prêmio de Pintura do S. N. I.) ilustrou. A linha exigente e decantada do pintor ajusta-se, também sem compromissos, à prosa barroca da novelista no agradável certame que tem lugar no Palácio Foz.



Por sua vez, Figueiredo Sobral, nascido do neo-realismo e dotado de uma pujante inquietação de expressões, aparece agora numa fase ainda mais libertada e sem dúvida mais independente ao lado de Quina, nos salões do Secretariado Nacional da Informação. A incerta e angustiada época de procura e de afirmação processada em Lisboa e nas Caldas da Rainha, sucede-se esta nova afirmação de segurança de meios e de técnicas.

picasso • picasso • picasso • picasso • picasso

Uma nova biografia



perguntamo-nos apenas em que medida e até que ponto poderá ele coexistir com um verdadeiro espírito crítico. Ao fim e ao cabo, assistimos nos nossos dias a uma repressão (por vezes mal disimulada) desse mesmo espírito, enquanto, por outro lado, as necessidades míticas não deixam de se alimentar...

Por quanto tempo ainda iremos ler (e saborear) os portadores da vida íntima dos grandes homens? Quando deixaremos de viver com a descrição dos seus amores, dos seus desgostos, de todas as particularidades do seu carácter? Quando aprenderemos a amar e a estudar uma obra sem necessidade de incensar o seu criador?

PICASSO é um dos mitos da nossa civilização, que nele procura o signo dos valores de competição e afirmação individual. O mito de Gênis, do triunfador isolado, converteu sua dívida à nossa cultura ocidental. É um facto que todas as sociedades criam os seus próprios mitos em função das suas mesmas necessidades — e não vamos recusar ao mito a sua importância no processo vital duma cultura. Mas

ce-Boirs e contribuiu grandemente para uma renovação do estilo da crónica de arte. Os seus livros, baseados na observação directa ou nos testemunhos, são geralmente concebidos como reportagens.

As amizades de Picasso, a sua vida familiar, as suas aventuras amorosas, os seus hábitos e a sua inquietação são descritos e comentados por alguns daqueles seus amigos que o conheceram intimamente. A narração é viva e palpitante e nunca esquece a própria obra do artista, embora neste domínio algumas sérias objeções possam levantar-se. Assim, muitas das características da pintura de Picasso, pretende o autor explicá-las pelas relações de amor ou desamor entre o artista e os seus modelos...

A publicação inclui uma bibliografia resumida, bem como algumas imagens de fotografias que mostram o pôster ao longo da sua vida, perto de amigos e familiares em situações.

São reproduzidas também algumas obras. Poderão assim os leitores interessados na intimidade dos escritores

verificar que Picasso sofreu muito por causa do frio, durante a ocupação alemã, ou contemplar o gênio ensaboado, a esposa na banheira para o fotógrafo. A intenção confessada do autor é sobretudo mostrar o *cheuennisme*, em toda a sua verdade.

«Da crônica da sua longa vida — marcada por tantos restos encantadores de mulheres e de amigos — evolui-se uma figura de múltiplas facetas, semelhante àquelas personagens forjadas por espelhos, simultaneamente um boêmio, um intelectual, um homem vingativo, capaz de se rir rudo para aqueles que não o honram como gostaria, um ser sensível e generoso, um homem sem outras necessidades além das que a sua sensibilidade por vezes frustrada lhe impõe, um valioso que acelle tende poder ocupar a cena da solitude e, ao mesmo tempo, um solitário secreto e modesto, com alma aberta pelo mundo, não rotundamente. — Quão é reconhecível desta humanidade pelo possíveis leitores desta biografia para ajudar e pulverizar o mito Ficciano. Que não ajuda, certamente.

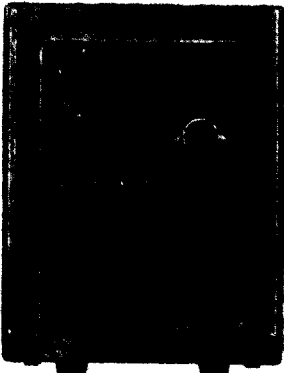
22

Acoustical

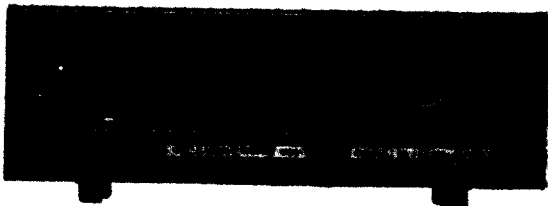
QUAD for the closest approach to the original sound

***NOVO!**

**CONJUNTO ESTEREOFONICO
TOTALMENTE TRANSISTORIZADO**
20-Unidade de controle / 200- Unidade de potência



Os melhores
do mundo
de música para sua
reprodução
O sistema de
alta-fidelidade
apresenta
a nova versão
QUAD
Sua voz (e sua)
Estatueta a
sua música QUAD!



Para uma demonstração em
televisão em 30 dias

WOLFFER DE CARVALHO
CORPORAÇÃO S. A. S. A.
SAV. 200 e 201, BARRA, S. A. S. A.
R. 200, 201, BARRA, S. A. S. A.



Desenhos e manuscritos

por Rocha de Sousa

Exposição de António Areal
e de Augustina Bessa Luís
S. E. P. T.

UM DOS ASPECTOS assumidos pela arte do nosso tempo define-se na linha de caracterização autónoma de que essa arte foi beneficiando ao longo de um cintilante processo de esclarecimento e reafirmação. Segundo Francastel, a especificidade dos factos artísticos não é concebível como uma faculdade de desinteresse superior, mas, pelo contrário, como o cunho da eficácia e da necessidade de uma função plástica. O acontecimento capital desta função, assim redefinida a partir das próprias leis dos objectos de arte (e não de outras), prolongou-se, no nosso século, dentro de uma sociedade em decisiva transformação, foi também reflexo dessa transformação na forma plástica, e esta conquistou, por seu turno, a verdade de ter sido de novo inventada, retomando a aspiração à pureza e reconduzindo a arte, pela consciência dos artistas, ao seu corpo original e à sua essencialidade. Se é elementar dizer-se de um quadro que ele se resume «a uma superfície recoberta de cores reunidas segundo uma certa ordem», a verdade é que há sempre um momento de crise em que as dependências ou as excessivas sedimentações têm que ser desfeitas, aí se tornando urgente por de novo o problema da pintura na sua realidade essencial, no seu fundamen-

talíssimo teorema linguístico. Teremos hoje, ou mais tarde, de preferir qualquer coisa de tão elementar e de tão fundamental como a afirmação de Maurice Denis, modificadas que foram as linhas básicas do pensamento artístico, mas voltaremos sempre a pôr a questão maior de um regresso às definições, de um regresso às origens, e isto como forma de reelaborar claramente um recomeço produtivo. Sem nos esquecermos da luminosa independência com que se lançaram os dados fundamentais para a criação de uma linguagem nova.

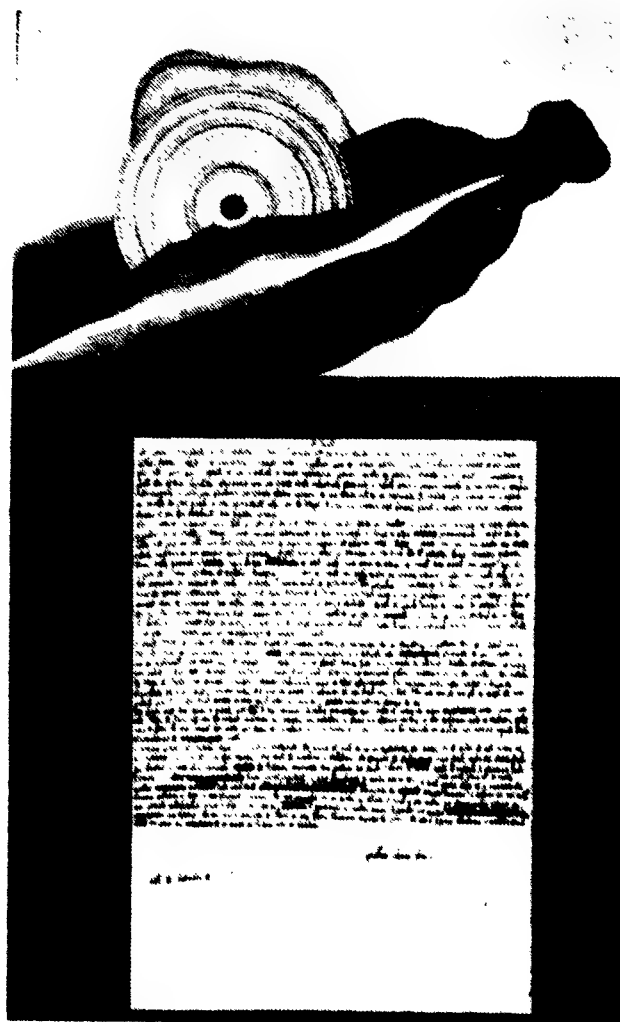
Mas se nos situamos deste modo em relação às artes visuais, isso não quer dizer que efectivamente os mesmos problemas não se coloquem em ordem a outras artes. Com efeito, pelas mesmas razões seria possível orientar desse modo as exigências criadoras da literatura, por exemplo, e aí reconhecermos, no tempo e no espaço, alguns dos aspectos já enunciados. Também o pensamento artístico, apesar das suas ramificações específicas, se relaciona de idêntico modo nos diferentes produtos elaborados ao nível dos problemas fundamentais da criação e da comunicação. E é por essa via, se descontarmos entretanto as próprias ligações ou correspondências da forma, que as artes por vezes se sobrepõem, na interpenetração legítima das aspirações, das influências, ou das funções. Podemos falar assim de *inspiração literária* em certos objectos de pintura, na medida em

que estes assumirem, de algum modo, a ordenação temporal ou narrativa das suas articulações vocabulares, descrevendo-se ou descrevendo, paralelamente, assentando num formulário propulsor de ordem temática. Estas relações intensificam-se em certos casos, quando o objecto de uma determinada natureza artística se propõe programado a uma integração noutra objecto de natureza diversa, artística ou não. Essa integração assume hoje aspectos muito complexos e diferenciados, em ordem às sucessivas segmentações da vida das sociedades evoluídas, e disso podemos referir o exemplo da arquitectura, quer nos seus fundamentos sociológicos, quer na sua disciplina urbana, quer ainda no facto de absorver subsídios específicos de outras técnicas e de outras artes. Numa ordem de ideias semelhante, o teatro pode conjugar idênticas contribuições (a que a pintura não é alheia) com vista à resolução de uma globalidade atmosférica onde os conteúdos de cada forma de expressão se fundem uns nos outros.

Por aqui chegamos também a um conceito de «prestação de serviços» entre diferentes formas de arte, condição que não é difícil de atribuir, pela técnica e pelo modo de funcionar, à ilustração quando se destina a servir complementarmente o mundo específico da obra literária. Neste caso, as relações deliberadas que se estabelecem, se estiverem conduzidas no plano das autonomias da linguagem e da expressão, não degradam nem despessoalizam

o objecto gráfico, amputando-lhe o significado específico. Entendemos que a ilustração, ou mesmo a obra que se anuncia inspirada noutra, não deve formular-se arbitrariamente nessa ordem de ideias, mas a sua real dependência não deve significar irremediável impropriedade expressiva quando tomada do ângulo das suas estritas conexões plásticas.

A «exposição de manuscritos de Augustina Bessa Luís apresentados com desenhos de António Areal» foi, desde o início do seu anúncio público, uma manifestação ambígua, na medida em que se estabelecia qual o tipo de compromisso aí formulado. Em boa verdade, em vez da proposta clara da ilustração, quando esta procura deliberadamente resolver uma transposição plástica dos temas literários e das suas atmosferas características, a exposição em referência, definindo-se hábilmente no título, tanto pode ser a dos manuscritos de Augustina Bessa Luís apresentados com desenhos de António Areal, como a dos desenhos de António Areal apresentados com manuscritos de Augustina Bessa Luís. O compromisso existe apenas ao nível da circunstância afectiva (ou de outra semelhante) e não no plano de uma real interpenetração de personalidade ou de uma conjugação de linguagens. A «prestação de serviços», a mútua reflexão, o casamento de propósitos e de ideias, só existe numa medida exterior aos próprios objectos expostos, que se decidem coexistir lado a lado mas alheios na sua anatomia e no seu conteúdo. Areal diz-se posterior à caligrafia de Augustina Bessa Luís, mas essa circunstância refere-se apenas à execução de uma vinheta *indiferente* para cada manuscrito em abstrato. A posição de António Areal é, nesse sentido, uma espécie de processo contestativo da complementaridade possível, paradoxal a seu modo, activa indiscutivelmente. É ele próprio quem nos diz: «Uma exposição é cedência do âmbito problemático, que é gafo, intranmissível e vital, ao domínio público, que desmente os autores aprovando-os na integração que faz às obras deles. E daí nasce, e daí progride, o colóquio de



Areal e Augustina, espectadores um do outro

agressões em que o público e autores exibem mais a força dos poderes de específica antipatia e a necessidade absoluta de replicar na suspensão e na ineficácia, do que qualquer complementaridade de intuitos — e muito menos qualquer solidariedade nas opções em que se destinam.

Também eles, os autores, são espectadores um do outro.

Por seu turno, Augustina Bessa Luís, ensaiando a sua própria leitura do confronto afinal inevitável, anota que a «escrita e o desenho absorvem a realidade um do outro». E acrescenta: «Mas é no desenho que ela (a escrita) concentra uma fidelidade insuperável. As negras massas, o corte diagonal dos sépias, o fragmentar dum espaço, o ar que avança sobre a matéria e a suatem de desespero concebido não como castigo mas como um signo da imortalidade — tudo parece proteger a escrita mortuária, tabellónica, cruel decerto, contraponto de qualquer exploração sem transcendência, como ditada às portas do paraíso terrestre».

Ai temos, em suma, como os autores se encontram no desencontro, como se defrontam no mesmo espaço, como pessoalmente

se definem no testemunho material do seu trabalho específico. Ao contrário da complementaridade na ilustração programada, Areal apenas se retoma numa série de desenhos-vinhetas de bom gosto, graficamente luxuosos e sensíveis, indiferentes e próprios, incisivos, perfectos, estáveis na sua discreta variabilidade compositiva. Augustina Bessa Luís, grafologicamente inquietante no espaço apertado das suas folhas compactas e minuciosas, expõe-se e opõe o rigor *matérico* da sua escrita ao rigor *metafísico* da outra escrita, atrás da qual António Areal se perfila e se representa.



«Ai temos os autores que se encontram no desencontro».

picasso • picasso • picasso • picasso • picasso

Um diário em 347 gravuras

COM 87-ANOS-87, Picasso expõe actualmente na Galeria Louise Leiris 347 gravuras executadas de 16 de Março a 5 de Outubro de 1968. Tal ritmo de produção (mais de uma gravura por dia) vem provar, uma vez mais, a titânica poten-

cialidade criativa do mais «jovem» dos artistas contemporâneos.

Num artigo de Raymond Charnet, a revista «La Galerie des Arts» (n.º 62, de Janeiro de 69) informa sobre o carácter (e a validade) da exposição:

«Em formatos enormes ou minúsculos, a obra é sempre de factura acabada, de uma espantosa plenitude. Encontram-se nela todos os temas pintados desde há anos por Picasso: o circo, o pintor no «atelier», a tauromaquia, o cavaleiro, os estranhos personagens em trajes do séc. XVII, recordações de Velasquez e de Rembrandt, e, sobretudo, as cenas voluptuosas onde se desencana uma orgia de raptos, de danças eróticas, de nádegas, de seios, de sexos, de acumulações orientais de nus. A poesia legendária e provocante do ardor vital primitivo exprime-se aí através de todos os meios da arte — da linha simples e decisiva às massas sombrias, implacáveis e misteriosas. É certamente na gravura que o génio de Picasso, desde há 60 anos, se incarna com a mais incontestável autoridade».

S. T.



Água-tinta e ponta seca executada em 19 de Abril de 68. Uma nova versão de «Parade» pelo mais «jovem» dos artistas contemporâneos

EXPOSIÇÕES (1)

GALERIA BUCHHOLZ Rua Duque de Palmela	ANTÓNIO DACOSTA, UM DOS CRIADORES DO SUR- REALISMO PORTUGUÊS
GALERIA PERMANENTE S. N. B. A. Rua Barata Salgueiro	EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ARTE MODERNA COM ALGUNS ARTISTAS PORTUGUESES
S. E. P. T. Praça dos Restauradores	AUGUSTINA BESSA LUIS E ANTÓNIO AREAL, MANUS- CRITOS E DESENHOS
Exposições não destaca- das pelo Suplemento «DL»	JOÃO REIS (S. N. B. A.), JOSÉ RODRIGUES (S. E. P. T.)

(1) Este quadro é da responsabilidade conjunta dos habituais colaboradores da página de artes plásticas, salvo indicação em contrário.

Educação artística e técnicas audio-visuais



Folhetim artístico
de José-Augusto França

Uma programação audiovisual, dizia eu no último folhetim. Não é novidade para ninguém que o ensino está evoluindo instrumentalmente pelo caminho da automatização, a máquina se pedindo cada vez mais a quantidade, mutável em qualidade, que o homem não pode dar. Calcula-se que no ano 2000 serão necessários 70 milhões de professores para 7 mil milhões de homens, e outro remédio não há que substituir a maior parte daqueles por aparelhos apropriados. Nos Estados Unidos, há mais de 200 estabelecimentos de ensino com classes automatizadas, e ainda mais na Rússia. O problema está apenas em encontrar a dosagem ideal, ou possível, em cada caso (em cada país e em cada disciplina), pela qual a máquina-ensinante interveja ao lado do homem-professor. A este, sem dúvida, a orientação, a programação, o «controle» e, sobretudo o conselho subjectivo, àquela a parte mecânica e objectiva do ensino. A um a formação, a outra a informação.

Nos altos ou países em que a instrução pública se acha em grande atraso, o chamado «terceiro mundo», muito do «segundo» e algum do «primeiro», as técnicas audiovisuais impõem-se pela sua adequação e pela rapidez dos seus efeitos. Toda uma instrução de base, de primeiras letras e de primeiras noções, pode ser confiada a uma programação de tipo «linear». Em situações mais complexas e em altitudes de instrução mais avançada, programações de tipo «ramificado» são mais apropriadas, na medida em que permitem um condicionamento interno a necessidades socio-culturais mais largas ou mais abertas.

Eu creio que em Portugal, situações embora no «primeiro mundo», mas quase a sair dele pelo cabo da Roca, as técnicas de ensino audiovisual são não só necessárias mas indispensáveis, em grau variado, conforme as matérias em causa. Os pedagogos o dirão, com razões mais científicas do que eu, mas a sociologia ensinou-me o suficiente para saber que assim terá de ser — aqui e agora. Aqui e agora — espaço e tempo, país e história que importa pôr em questão, num momento que podemos e devemos fazer de viragem. Ou calmos mesmo do cabo da Roca... Sabemos bem que andamos a perder tempo desde o século XVI, tempo de civilização que foi tempo de Europa e o é do Mundo, hoje em dia — e importa reganhá-lo, numa aceleração de ritmo que tem necessariamente uma definição cultural, e pegar ou largar — e uma maneira de pegar é pela educação, que só permanente e integrativa hoje deve ser.

Mas este folhetim é «artístico» e só de artes visuais deve ocupar-se, sem entrar em outros domínios e não ser para telmar em que todos eles coincidem numa consciência cultural globalizante. Ora, tratando destas artes, volto às técnicas audiovisuais de ensino que nelas têm uma posição proveniente e nelas, aqui e agora, têm vasto campo operativo. Campo virgem, inocente, por uma ignorância que, em queixas, se verificava já no tempo de Francisco de Holanda!

Não há ensino de cultura artística na instrução primária, nem na secundária, nem na universitária, em geral.

Há-o apenas, coxo e absurdo, em certos cursos das Faculdades de Letras e, mais manco e mais extravagante, nos das escolas ainda caricaturalmente chamadas de Belas Artes. Apesar da competência e da paciência de alguns dos professores que aqui e ali de tais cadeiras se ocupam. Fora do ensino oficial ou particular, nada existe — e a «educação permanente» nem sequer é suposta existir.

Neste panorama desolador, em que tudo está para fazer, uma criteriosa aplicação de técnicas audiovisuais seria utilíssima. E urgentíssima.

Como? Há largos anos já que algumas pessoas da minha estima se batem pela «education through art», no campo oficial ou no campo particular, ingloriamente quase sempre, dadas as circunstâncias. Para citar apenas um nome, o prof. M. M. Calvet de Magalhães. É fora de dúvida que essas pessoas deveriam ser chamadas a realizar uma programação ao nível primário e secundário. Ao nível universitário seria também possível encontrar programadores responsáveis — ou importar quem os suprisse. No mais variado domínio de uma educação generalizada, uma programação maleável, apropriadamente ramificada, deverá ser preparada. E também há-de haver gente para o fazer, juntamente com os técnicos da linguagem audiovisual em questão.

Mas «como»? Subsiste. Porque, se a programação é essencial, não é menos essencial *haver quem a encomende e pague, e mais os aparelhos que são caros*. O Estado, sem dúvida, numa apropriada política de Educação Nacional, a definir. Mas não só o Estado: muitas empresas privadas aproveitarão o método para os seus próprios serviços. Para uma função mais socialmente vasta há porém que pensar logo na Fundação Gulbenkian. Nesta coisa da cultura portuguesa, há um caminho por assim dizer metafísico que a esta instituição val sempre parar...

As artes visuais constituem um dos campos de acção da Fundação e (com inclusão provável de outros de que aqui não trato) ela poderia perfeitamente ocupar-se em fomentar um ensino audiovisual da especialidade, pelo país fora, metodicamente, definindo assim uma educação permanente — paralela àquela que as suas bibliotecas itinerantes estão proporcionando. Colaborando com o Ministério respectivo ou independentemente, a Fundação Gulbenkian poderia ter aqui um papel importante e útil. E melhorativo da sua acção neste domínio.

Preende-se neste momento (aqui e agora) criar, em larga escala, um mercado para as técnicas audiovisuais em Portugal. Alguém me falou nisso, pedindo a minha opinião e meia dúzia de sugestões, que dei. Entre elas me parece indispensável por esta, dirigida à Fundação Gulbenkian. Aqui fica ela publicada, com o sincero desejo de que a não levem os ventos dum deserto que tão bem e infelizmente conheço.

De qualquer maneira, é no futuro que é preciso pensar, aqui e agora — com alguma imaginação no poder que haja...



Wesker no palco: Catherine (Nicole Courcel) e Alain (Claude Rich) numa cena de «As Quatro Estações».

Wesker ele-próprio

Introdução (incompleta) a

por Carlos Porto

DOIS ACTORES PORTUGUESES — Eunice Muñoz e Fernando Gusmão — vão criar dentro de dias a peça «As Quatro Estações», do grande dramaturgo inglês Arnold Wesker. Há nomes que fazem sonhar o espectador português de teatro. Alguns são nomes ingleses: Osborn, Pincher, Arden, John Whiting, Brendan Behan, Shelagh Delaney, Bernard Kops, James Saunders, e outros. Desses, conhecem os portugueses três ou quatro

da Escola Técnica de Cinema de Londres. Queriam ser argumentista e realizador. Nessa altura, Kenneth Tynan iniciou, no «Observer» uma campanha a favor do novo teatro inglês e organizou um concurso a que Wesker concorreu. Não obteve o prémio mas torna-se conhecido. Foi o realizador Lindsay Anderson, encenador no Royal Court Theatre, quem deu, finalmente, a Wesker a certeza de que devia con-

tinuar a escrever para o teatro. Foi, contudo, em Coventry, no «Belgrade Theatre», em 1958, que Wesker teve a sua estreia de dramaturgo, com «Chicken soup with Berley», drama de uma família judaica. Nesse mesmo ano, a peça fez uma curta carreira no Royal Court, de que John Devine fizera um dos principais centros de teatro inglês (o outro era o «Works-hop», dirigido por Joan Littlewood). Foi também em Coventry que foram estreadas as peças seguintes: «Roots», em 1959, e «I'm talking about Jerusalem», em 1960. Estas três peças constituem uma trilogia — «The Wesker Trilogy» — que o «Royal Court» apresentou cronologicamente. Seguiu-se «The Kitchen», apresentada em 1961. E depois, em 1962, um dos maiores êxitos de Wesker, «Chips with Everything». Foi nesse mesmo ano que Wesker fundou o «Centro 42». Propunha-se este Centro levar o teatro a regiões que habitualmente estão privadas dele. O próprio Wesker explica-o assim: «O Centro 42» nasceu por termos verificado o facto de os sindicatos se dedicarem a melhorar a vida material sem nada fazerem pela própria qualidade dessa vida. Denunciei-o em panfletos dirigidos às «Trade Unions», reclamando, em primeiro lugar, o diálogo com os sindicatos, e propondo, em seguida, uma série de sugestões — a principal das quais visava um inquérito sobre a situação das artes. O meu apelo foi ouvido e concretizado pela resolução n.º 42 — daí o nome de «Centro 42».

Escrevi «As Quatro Estações» porque acredito que a ausência de amor empobrece e deforma todas as acções.
ARNOLD WESKER

textos que, no entanto, e por razões ligadas às próprias estruturas do teatro português não tiveram o público que mereciam e por isso não provocaram o impacto que esse teatro deveria necessariamente despertar.

Podemos assinalar, em consequência, a estreia de «As Quatro Estações» que não é, aliás, a mais importante peça de Wesker, como data importante no calendário teatral desta temporada.

Arnold Wesker nasceu num bairro proletário dos arredores de Londres, filho de emigrantes: seu pai, alfaiate, era um judeu russo; sua mãe, húngara. Cedo foi obrigado a trabalhar como encadernador, taquígrafo e mecanógrafo. Quando a guerra rebentou, Wesker tinha 16 anos. Escrevia desde os 12. Poemas e novelas. E representava Shakespeare num grupo de amadores! Foi mobilizado e incorporado na Royal Air Force. Licenciado, fez várias coisas: trabalhou no campo, numa horta, num restaurante. Em Paris, foi chefe de cozinha. Entretanto, seguiu os cur-

OBRAS COMPLETAS DE JOSÉ RÉGIO

acaba de sair a 3.ª edição de

FADO

com 10 ilustrações, 5 das quais inéditas, de Stuart Carvalhais

JOSÉ RÉGIO



recentemente publicado um novo livro de poesia:

CÂNTICO SUSPENSO

«Neste livro repercutem os ecos de um dramatismo vivencial, entre o desalento e a esperança, o sonho e a realidade, a pesquisa e o descontentamento — e força comunicativa de obra poética singular que é o legado pessoal de José Régio»
ALVARO SALEMA

PORTUGALIA EDITORA

A EDITORIAL IBIS ACABA DE PUBLICAR

«OS AVENTUREIROS»

DE HAROLD ROBBINS

AUTOR DE «OS INSACIÁVEIS»

Quelquer leitor pode ter a certeza de encontrar nas páginas de OS AVENTUREIROS mais emoção e interesse que em qualquer três romances que tenha lido nos últimos anos, pois este é o livro que agudizam mais a imaginação e as muitas milhões de leituras que vibraram com OS INSACIÁVEIS!

UMA EDIÇÃO IBIS DISTRIBUIDA POR LIVRARIA BERTRAND



Wesker

— do congresso das «Tra-
dores e artistas mostraram
a mesma preocupação, la-
mentando o fosso que se-
para as artes do povo, e
dos jovens. Tratava-se de
Shelag Delaney, Bernard
Kops e Sean Kenny. Com
eles organizei o «Centro
42». O nosso princípio fun-
damental era não impor-
mo-nos mas sermos neces-
sários. Começámos por pôr
à disposição das cidades
da província que o dese-
jassem um festival itine-
rante, ilustrando todas as
disciplinas artísticas. Pe-
ra nós, o «Centro» podia
transformar-se num reser-

(Continua na 6.ª página)

MONSTRUÁRIO

por Alexandre O'Neill

DO DR. ALVARO SOUSEL, «estrênuo defen-
sor dos interesses da sua região», sessen-
tão de dilatada lacúndia, fanático do jogo
das damas sob o candelabro de moscas do
Café Central, jovial perseguidor de moças
já-tinha-idade-para-ter-juízo-senhor-doutor, sa-
cámos este rebrilhante improviso poético por
ocasião da entrega dum novo pronto-socor-
ro aos Bombeiros Voluntários de Vilame-
diana:

*Correi, soldados da paz,
ponde vossos bacinetes,
tomai o pronto-socorro,
mostrai do que sois capaz!*

De tripé plantado na plaza mayor duma
gris cidade espanhola lá para os azulaços
do norte, don Ramón, retratista de arte, de
bondoso corpanzil arvorado entre pombos e
meninos, prometia, num letreiro que o seu
amigo Pepe do Ayuntamiento lhe desenhara
com aplicação e escantilhão:

*De las feas hacemos guapas;
Con las guapas, locuras!*

Numa casa de pasto do Bairro Alto, em
Lisboa, pode ler-se, se o fumo das frituras
deixar, o seguinte desbotado letreiro, mesmo
por cima dum queres-liado-toma:

*Aceitam-se comensais
e semanais.*

E a Maria do Vale, que é doida por iscas
e outras petiscas, contou-me que num res-

taurante do mesmo Bairro Alto o letreiro
convidativo reza assim:

*Aceitam-se comensais
e bocas diárias*

Agora, uma de Vítinho, rápida, já p'ra
não chatear:

— Havia um concluído contra ele.

E esta, que não é a pior de todas, pas-
sada com um parente meu na sempiterna
discussão que matinalmente o religava à
sogra:

Parente Meu: — Isto assim não pode ser!
Isto é um círculo vicioso!

Sogra Dele: — Vicioso?! Vicioso será ele...

Parente Meu: — !!!

Sogra Dele: — Isto é mas é um círculo
malcriadoso!

Eu: — E era...

Para acabar como comecei (com Dr. e
quadra) faço avançar a lombo de burro o
Dr. Crispiniano, a lombo de burro e com
uma taça de champagne na mão. O caso
passou-se no Marão, era eu um lamentável
lingrinhas primo-pobre de boa família. A
burricada desembocara em farto almoço que
nos esperava, toaças na relva, na Fonte do



Mel e fora a pretexto dos anos duma se-
nhora chamada D. Adozinda. Parece que
entre o Dr. Crispiniano e a D. Adozinda (bo-
nitões setentões!) houvera rumores cardia-
cos muitos anos atrás. O Dr. Crispiniano
(seria por isso?) não quis desburrucar, isto
é, deixar o pobre do animal coçar as ma-
taduras nos calhaus e no tojo como os
seus companheiros, enquanto nós, os hu-
manos, almoçávamos.

Do alto do burro, com as biqueiras a ro-
çagem a relva, o Dr. Crispiniano lançou
chistes, piropos, respondeu a graças, en-
quanto comia e bebia. A prazenteira D. Ado-
zinda estava coradita e não fazia senão rir
com as «maluqueiras do caro Crispiniano».
O burro ia revesando os pés como paciente
cadeira.

Chegaram as saúdes, saltaram as rolhas.
O Dr. Crispiniano, taça ao alto, afagou o
pescoço do burro, pediu muita atenção,
cogitou uns momentos e «desimprovisou-se»
com fluência e garbo:

*Penso e repenso;
puxo e repuxo.
Teu nome, Adozinda,
é um soberbo luxo!*

Foi aí que o burro disparou. O Dr. Cris-
piniano, espantado movente, ainda aguentou
cinquenta metros de corrida naquela desem-
bestada charneira. Depois caiu e fez plot,
como nas histórias de quadrinhos.
Esteve um mês de perna gessada.

Teriam acabado as obras-prima intemporais?

por João Gaspar Simões

UM DOS SINTOMAS da actualidade par-
ticularmente «crítica» do pensamento
contemporâneo manifesta-se nas reser-
vas apostas à permanência das obras-
-primas. Com efeito, em todas as épocas
«críticas» — ou de crise — o que avulta
é o lado negativo da inteligência, tudo
pondo em causa, inclusivamente aquilo
mesmo que em última instância a justi-
fica. Refina, contudo, o nosso tempo nes-
te particular, uma vez que a filosofia do
pensamento dominante é daquelas que
aspiram a um totalitarismo contundente.
Já Sartre, na análise a que submeteu
em dada altura a filosofia materialista,
aludia à pretensão objectiva de um
pensamento que, na ordem da dialéctica
em causa, se esquecia que era congemi-
nado por homens e sujeito, portanto, às
contingências de quanto é produzido ao
nível do mundo. Pretender a filosofia
literária contemporânea, visivelmente
em crise, que tudo em literatura seja
pensado como se só agora se descobrisse
a óptica certa para fundamentar uma
visão objectiva da literatura constitui
mais uma manifestação de ortodoxia
intolerável.

Há ou não obras-primas da literatura
que se subtraem à contingência histó-
rica e superam as flutuações do gosto?
Evidentemente que sim. Negar que A
Divina Comédia ou O Paraíso Perdido,
O Asno de Ouro ou o Decameron, a Lírica
de Camões ou os Sonetos de Antero são
obras-primas intemporais é como que
pôr em dúvida que a catedral de Colónia
ou a da Batalha o sejam também.

O problema não está, portanto, em
considerar o homem capaz de criar no
plano literário obras susceptíveis de se
subtrair às contingências do tempo. No
dia em que essa capacidade lhe for ne-
gada com carácter absoluto é que a hu-
manidade atingiu o último grau da
degradação. Possuindo de um infernal es-
pírito de contestação — é assim que se
diz na gíria moderna — não se limita,
porém, o homem contemporâneo vítima
da crise em que se debate a intelligen-
cia em negar aos seus pares génio cria-
dor intemporal, ainda no passado é ao
futuro o seu pessimismo. Desta sorte
congenina uma filosofia das letras, a que

se submete com agrado, segundo a qual
a Beleza não existe como entidade ob-
jectiva, o que torna impraticável a cria-
ção de obras-primas em sentido clás-
sico, ou seja, na ordem dos valores hoje
considerados «burgueses».

Mais do que uma vez nos temos re-
belado contra a intromissão da filosofia
nos domínios da arte, particularmente
da arte literária. E esta rotura com as

nós tudo o que tinha de verdadeiro e de
vivo, perdeu a sua realidade e a sua ne-
cessidade de outrora. Já decorreu mais
de um século sobre a profecia do mestre
do pensamento contemporâneo e ainda
se não verificou que a arte tenha per-
dido a sua «realidade» e a sua «necessi-
dade» de outrora.

Dizíamos que o problema não está,
portanto, em considerar-se o homem

até agora se entregara. Nesta ordem de
ideias a melhor maneira de neutralizar
qualquer «obsoleto» conceito de Beleza
literária é admitir não existirem concei-
tos intemporais de Beleza e opinar que
obras-primas estão adstritas à contin-
gência da óptica temporal.

Enquanto da arte e da literatura cui-
daram os artistas e os escritores, aqueles
para quem a arte e a literatura era uma
necessidade vital, não se levantou o pro-
blema da perdurabilidade das obras-
-primas ou sequer da sua viabilidade. Esse
problema apenas surgiu no dia em que o
campo da arte e da literatura foi inva-
dido pela arrala-miada da filosofia. Isto
é, por toda uma chusma de escritores e
críticos munidos de pontos de vista filo-
sóficos que põem em xeque a própria
necessidade da arte. Compreende-se e
admite-se que um Lautréamont ou um
Rimbaud, um Kafka ou uma Virginia
Woolf percam a confiança na arte e se
destruam ou destruam aquilo que é a
razão da sua existência como entidades
humanas. O desespero em literatura po-
de ser fecundo. Cada artista tem o direi-
to de fazer o que quiser da sua arte. Eis
o que dificilmente se concebe quando
aquele que ousa negar à arte e à litera-
tura os seus direitos não é um artista.
No momento actual verifica-se o que era
de recear: quem nega à arte e à litera-
tura uma missão necessária na dimensão
da gratuidade precisamente ou o filo-
sofo ou aquele que se dá à literatura
portador de medidas abstractas quer na
concepção, quer na realização, quer na
crítica das obras que esta produz. O
próprio Antero de Quental se permitiu
considerar a poesia à beira do tólimo,
embora viesse a realizar uma das mais
belas obras poéticas da literatura portu-
guesa. Fe-lo quando pretendia medir a
arte pela bitola da filosofia. Mas poeta
que era, o seu pessimismo estético em
nada afectou o seu espírito criador. On-
de o mal se torna grave é naquele sec-
tor da literatura e da arte subrepticia-
mente anexado pela inteligência estru-
turada segundo concepções filosóficas
que engendram a óptica abstracta de
uma actividade do espírito em si mesma
estritamente concreta.



Camões e Antero de Quental: as suas obras-primas são tão intemporais como a catedral
de Colónia ou a da Batalha



concepções objectivas do Belo mais não
é que uma manifestação dessa abusiva
atitude. Se quiséssemos responsabilizar
algum filósofo dos errados juízos a que
largo sector do pensamento contempo-
râneo se entrega em matéria de lite-
ratura e de arte em geral bastava citar-
mos esse passo de Hegel no final do seu
curso de estética: «No que toca à sua
definição suprema, a arte consiste numa
coisa do passado. Por isso perdeu para

incapaz de criar obras-primas intempo-
rais, mas em ser portador de medidas
incapazes de conferir às obras de arte
literária prerrogativas de obras-primas
intemporais. Como há-de um cego ver
um quadro ou um surdo ouvir uma sin-
fonia? Cego e surdo é o homem do nosso
tempo convencido de que a arte cum-
prirá a sua missão ou de que, se a não
cumprir, para subsistir, tem de sujeitar-
se a uma missão diferente daquela a que

Apresentação de Wesker

(Continuação da pág. anterior)

valório de talentos novos. A abertura foi feita com sucesso em Wellingborough. A experiência foi renovada, sempre favoravelmente (a primeira peça de Bernard Kops foi criada num desses festivais). A falta de dinheiro, infelizmente, não nos deixou estabelecer uma base firme e, embora o projecto se mantenha, o primeiro im-



pulso foi momentaneamente quebrado.

Em 1964, Wesker escreve «Their very own and golden city» que recebeu o Prémio Internacional Marzotto, e foi estreado no ano seguinte em Paris, pelo Teatro Nacional da Bélgica. Em 1965 estreou-se em Londres «As Quatro Estações».

*

Estes dados biográficos não seriam úteis se, porventura, como é o caso, Arnold Wesker não fosse um daqueles artistas cuja obra forma um todo coerente não apenas com a vida que se foi obrigado a viver como com as próprias opções que se estabeleceram e que, ao fim e ao cabo, alimentam essa obra. As peças de Wesker reflectem, pois, uma determinada visão das coisas, a partir da sua própria linguagem. Na realidade, aparte a peça de que nos ocupare-

mos, todas as outras peças de Wesker denunciavam positivamente não a intenção de fazer popular ou mesmo de ser popular, mas o facto das suas raízes estarem efectivamente mergulhadas no povo. «The kitchen» e «Chips with Everything» revelam ambientes que o autor conheceu de perto — um grande restaurante e o exército, respectivamente — interessa-nos sobretudo o que faz de cada peça sua uma experiência vital para cada espectador e que só podia ter origem na própria vivência do autor.

Devemos, entretanto, ter em consideração um facto que nos parece fundamental para a carreira de Wesker: o da própria organização do teatro inglês. Efectivamente, foi a partir da luta pela implantação de um novo teatro, luta de que resultou a criação das companhias a que já fiz referência, que se compreende o aparecimento de uma nova geração de autores, os quais constituem o mais importante conjunto de dramaturgos aparecidos no pós-guerra. Não é certamente ao Teatro que compete dar resposta às angustiosas interrogações que o homem de hoje se põe. Não nos parece, porém, criticável que dramaturgos de talento prefiram a trilhar o caminho sem saída do Teatro de Absurdo, acreditar nas possibilidades do homem poder libertar-se dos fantasmas que o atormentam. Essa crença aparece-nos patente no teatro de Wesker embora esse teatro reflita igualmente um certo e lógico pessimismo em relação ao aspecto que a luta por essa libertação assume em Inglaterra.

Wesker refere-se a Arthur Miller, D. H. Lawrence e Lindsay Anderson como tendo exercido grande influência na sua obra. Um outro nome podemos acrescentar para perspetivar o teatro weskeriano: Bertold Brecht, embora o dramaturgo inglês desconhecesse a obra de Brecht

quando escreveu parte das suas peças.

*

«As Quatro Estações» parece-me ser obra marginal no teatro de Wesker. O autor justifica-a em termos que me parece útil recordar aqui: «As Quatro Estações» têm por única intenção explorar os elementos essenciais das relações entre um homem e uma mulher, deixando de lado, tanto quanto possível, as explicações e os antecedentes. A simplicidade do símbolo, que assimila as etapas do amor às das estações, dá a tentação de dizer que «contém mais do que parece», o que não é verdade. Adam não representa o Homem, nem Beatrice a Mulher, nem a Casa Deserta o Seio Maternal. A peça nem é alegórica nem simbólica: as cenas e as sequências representam apenas o que mostram. Afirma-se com frequência que os sofrimentos do indivíduo não apresentam nenhum interesse numa sociedade onde as verdadeiras tragédias do homem estão inextricavelmente ligadas ao seu contexto social: uma história que não tenha qualquer ligação com os acontecimentos sociais e políticos, ou que os ignore, não seria nem verdadeira nem eficaz. A isso respondo: se a piedade e a divulgação das possibilidades que o homem tem de evoluir, são dois dos efeitos da arte, existe pelo menos um terceiro: lembrar aos homens, reafirmar-lhes, que não estão sós — não apenas nas suas tentativas para fazer um mundo melhor, mas também nas suas dificuldades e nas suas dores pessoais.

«As Quatro Estações» apresenta uma construção banal: o Inverno, ou a Solidão, a Primavera ou o nascer do amor, o Verão ou o Amor, o Outono ou o nascer da solidão. É pela sua linguagem que a peça mais nos interessa. Trata-se de um canto de amor e também de um canto sobre o amor e, por incrível que pareça, sobre a Fidelidade. No seu encontro-desencontro com os personagens de Wesker vivem não apenas o amor que os une e desune mas também o amor que viveram com outros. A beleza da linguagem em que está escrita, o ritmo conseguido, as personagens que nos aparecem como que envolvidas em névoa, fazem de «As Quatro Estações» uma peça para escrever maravilhosamente. Nela paira, por vezes, a sombra de Lorca. «Vês o que se faz quando se quer consolar alguém? / Os gestos do amor. / Cobrias o teu amante de flores? / Todas as manhãs? E à noite? / Perfumava a minha pele com perfumes diferentes. / Adorava-lo? / Que outra coisa se pode fazer ao homem que se ama?».

CARLOS PORTO

NOVIDADE LITERÁRIA

"A FULMINADA IMAGEM"

POEMAS DE

CARLOS EURICO DA COSTA

INTRODUÇÃO DE

ALBERTO FERREIRA

EDICIONAL ESPANHA

A VENDA NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS

(...) Sérgio, escrevendo sobre filosofia, história, economia, política, literatura, ciência, pedagogia, etc., etc., só teve, nisso tudo, um tema: o seu País.

(Continuação da 1.ª página)

evolucionearem amoldarem-se, como aí também se lia. Ensaando, o idealismo de Sérgio não lhe é tropeço, como já vimos, pela simples razão de que é um idealismo racionalista e crítico, de fundamento e de método científico; mas doutrinando, se bem que nunca seja dogmático, Sérgio deduz enfaticamente, com a certeza prévia de que nenhuma verificação poderá ser oposta às suas conclusões, e glosa o tema de que deverá cortar-se a palavra impossível do dicionário. — substituindo os seus tão espontâneos talvez de ensaísta por hiperboles de rebuscada modestia que opacificam e hieratizam o estilo.

Só relendo totalmente a obra de Sérgio me seria possível datar e graduar esta nuance insidiosa, e porventura inaparente em seus trâmites. Mas se não posso descer a esse pormenor, não preciso dele para saber como ocorreu, pois é bem claro que acompanhou o desabobinar da sua ideologia social — e esta en-

tiamente o ideário dos homens de 70 («a grande geração de 70», lê-se no prefácio à *Prosa Doutrinária*) e, sobretudo, expurgando o do que na fase de declínio fizera a medição para o da geração de 90. A ascensão política da burguesia racional, vê-a Sérgio deste modo: «a primeira afirmação do Liberalismo e uma ingenua declaração aérea (a revolução de 1820)» (E. V), valorizando apenas, de 20 a 70, a reforma de Mouzinho e a obra de Hercula-



lectuais só poderia cumprir a descida à Praça Pública como «coficientes da justiça abstracta». É nos quadros deste escarpado (tão desafiado dos bons tempos de Garrett e de Heróclito, políticos activos) que Sérgio fala em «intervir sem traír». E, assim, a intervenção sergiana define-se, na origem, como um «pensamento que se imponha aos homens pela sua justiça», expressa num «vocabulário que tenha o carácter da generalidade» (E., I. ed. 1920). Mas já em 1937 (E., VII), Sérgio diz de si que não é, decerto, um político — «mas um pedagogo, pregador ou apóstolo. Repito: um pregador ou apóstolo. Eis-nos face a face com o doutrinarismo. Há portanto em Sérgio uma doutrina ou ideário normativo que decorre dedutivamente do seu ensaísmo como corolário doutro ideário que corresponde a este — o problemático. Da posição-chave que neste afirmava: «o pensamento interessa-me mais do que a certeza», passa-se para a que Montaigne mais recomendara

ANTÓNIO SÉRGIO,

tronca na sua crítica de geração de 70 — essa a que chamou o 3.º Romantismo e que disse representar «o período de maior fulgor de toda a literatura nacional» (E., II), o que mais impunha, em seu entender, uma revisão crítica e reconstitutiva do seu ideário, uma vez considerado que ela operara como «um tóxico perfeito pela acção desordenadora, pelo prestígio desmorteante sobre as almas da nossa terra» (E., I). É impossível minimizar este factor, porque ele salta para os nossos olhos como uma evidência: ainda adolescente, é escrevendo as *Notas sobre Antero de Quental* que Sérgio se estreia nas letras portuguesas: a Antero chama «o mais nosso amado entre os escritores portugueses»; embora não conheça a poesia de Sérgio senão por alguns excertos, supponho rastrear-se nela uma larga influência de Antero: declara Oliveira Martins «o mais actual dos escritores portugueses» (E., V), e «o mais rico prosador da nossa língua». E, isto, para me referir apenas aos que definiram mais explicitamente a ideologia de 70. Aliás, basta passar os olhos pelos índices dos volumes de Sérgio para vermos o lugar de relevo que esses dois nomes ocupam neles. Pois não fora a geração de 70 a que lançou, pela pena do seu corifeu máximo, a pergunta que seria o leit-motiv da obra de Sérgio: «mas, exm.º senhor, será possível viver sem ideias?» E não se nos apresenta o Reino Cadaveroso (e, acaso, ainda mais, a avaliar pelo título — *O Problema da Cultura e o Isolamento dos Povos Peninsulares*, obra publicada em 1912 e que eu desconheço) como a Conferência do Casino que Sérgio gostaria de ter feito lá? Eis por que, na minha leitura, vem Sérgio para a ideologia do seu tempo revendo e cohomeneando cri-

no. Garrett, o enorme Garrett, quase não comparece na obra de Sérgio (o que é reacção, ainda, a geração de 90 — que tão maus serviços prestou à influência genuína de Garrett nas nossas letras, pelo muito que o amesquinhou, chamando-o a apadrinhar os seus bonitos), e subsume-o a Eça e a Antero (E., III). A súpula do ideário social de Sérgio está, assim, na sua proposta de que se volte a Oliveira Martins, «mas já criados duma lúcida crítica e da experiência republicana» (E., V). Seria difícil, aliás, a qualquer homem do primeiro quartel deste século saltar por cima dum referência, no imediato, à geração que pela primeira vez situou a escala nacional os problemas do socialismo.

É por este crivo, se bem o li, que o ensaísmo de Sérgio abandona *pari passu* os grandes planos da problematização crítica, de base e métodos científicos, para se fechar sobre si mesmo em ideologia de classe, gerando no seu seio o doutrinarismo.

O DOCTRINÁRIO. Num diálogo incluído no V tomo dos *Ensaísta*, lêem-se estes dois passos: «Adiúzo: A verdadeira intervenção da cultura na política não é a descida à rua — é a acção a distância».

«Valério: Os actos do verdadeiro filósofo coincidem com os movimentos da sua ideia».

A intervenção sergiana oscila entre estes dois polos, sem que possa dizer-se qual deles corresponde ao ensaísta e ao doutrinarista, muito embora para nós só o segundo seja correcto. Este problema foi aliás, amplamente debatido na época, após a publicação, em 1927, do livro de Julian Benda *Le Trahison des Clercs*, que Raul Froença discutiu na *Seara Nova*. Segundo Benda, aos inte-

que se evitasse — a da forma resolutive, afirmativa, magistral.

Em 1934, Sérgio dizia: «A Cooperativa (se não estou em erro) é a grande escola para a sociedade futura». Em 1954, depois de declarar o socialismo de Antero um socialismo anarquista, acrescenta: «O socialismo preferido pelo autor deste livro é também libertário, concebido como realizável pelo cooperativismo». E passa a preconizar a criação dum movimento cooperativo que se desenvolva no seio do capitalismo como este mesmo fizera no seio do feudalismo, substituindo-se-lhe a pouco e pouco. Não vale a pena perguntar-nos, sequer, se o cooperativismo, como tal, constitui uma força produtiva de riqueza económica, que se, houvesse gerado no seio dum processo de transformação histórica, como o capitalismo, ou, mesmo, se o consumidor (em que se funda) é uma classe social, e uma classe criadora (e não... consumidora) do produto nacional; e, muito menos ainda, se o capitalismo se substituiu ao feudalismo sem lutas económicas e políticas bem conhecidas e árduas. E não vale a pena, porque o mais espantoso é que tal ideia não fosse sonhada no Mónaco ou, vá lá, na Suécia, mas nas condições concretas da época e do país de Sérgio.

Não podemos, porém, esquecer-nos de que o homem que pensou isto foi Sérgio, e não um senhar Pulaninho qualquer. Quer dizer: há que situar esta Utopia no contexto do doutrinarismo e no do ensaísmo. No contexto do doutrinarismo, tal «colocação» pressupõe que uma barreira se opõe ao criticismo sergiano, obrigando-o a fazer risos e a enovelar-se ao redor de si mesmo. Que barreira foi essa? Claro está, a resposta correcta é a das in-

finalmente à venda a 2.ª edição da obra completa (2 vols.) de um clássico da psicologia

As prodigiosas vitórias da psicologia moderna

pelo Professor PIERRE DAGO

NO ÍNDICE

1.º volume

- A PSICOLOGIA E A NEUROLOGIA
- A PSICOLOGIA E A FISILOGIA
- A PSICOLOGIA E A MEDICINA
- AS PRINCIPAIS CORRENTES

2.º volume

- A PSICOLOGIA E A LINGUAGEM
- A PSICOLOGIA E A EDUCAÇÃO
- A PSICOLOGIA E A PSICOPEDAGOGIA
- A PSICOLOGIA E A PSICOTERAPIA
- A PSICOLOGIA E A PSICOPATIA
- A PSICOLOGIA E A PSICOFARMACOLOGIA

1.º vol. 356 págs., 48\$00
2.º vol. 392 págs., 58\$00



PORTUGALIA E LITONIA

missões e contradições de classe, mas em crítica ideológica o que importa saber é o que se reflete no plano da consciência, pois a revisão crítica de uma ideologia deve operar-se com os seus próprios meios para que seja apreensível a razão por que só pode ultrapassar a barreira ideológica quem ultrapasse simultaneamente a de classe.

Ora, para o idealismo sergiano, tudo é consciência quer no plano do sujeito quer no do objecto, sendo a interdependência de ambos, que define o seu conceito de real: *veja tudo — tudo — na consciência do agente. Da consciência parto eu, e da consciência não saio nunca. Tudo conhecido em termos de consciência; tudo considerado na actividade psíquica.* (E. VII). Mas admite que a psique se apoie em algo, para construir as suas percepções e representações, — como o faz a renderia-de-bilros quando passa os fios da renda por entre os alfinetes que espetou na almofada em que apoia o seu trabalho. (*Um problema anterior*) Tais «alfinetes», contudo, não são para Sérgio «exteriore» à consciência, mas «interiores» dela, por ser impossível conceber a exterioridade relativamente ao inextenso. (Note-se que Sérgio-ensaista salta por

O programa social, cooperativo, do doutrinarismo era, assim, um mero corolário da Moral do ensaísta, que admitia e aceitava não ter «razão» no imediato, preferindo tê-la num futuro longínquo, a adaptar cientificamente a sua inflexível coerência interna a uma realidade para ele só pragmática. (*Confissões de um Cooperativista*) E isso, porque, para além da aparência ingenua, acritica, «o progresso da técnica tem harmonia metafísica com o progresso ético», pois «há um idealismo imanente no devir». (E., III) Sérgio diz coincidir (C. de P. n.º 18) com os autores da *Sagrada Família* no «protesto contra a inversão do regime capitalista, no qual a produção e as relações de produção é que regem de facto o pensamento e a vida, em vez de ser o pensamento que as governa e elas» (o que é uma restrição histórica, mas só neste pensamento, assim condicionado, vê o agente e a força motriz das reformas que preconiza).

As consequências disto são enormes na obra do doutrinarismo, pois é aquele claco de tal «alfinete» o que afinal interrompe o contacto de Sérgio com a «geração» ou melhor, com as gerações que continuariam o melhor da sua obra, — apesar disso e contra isso. E

cientistas), esta posição objectiva de classe tem o seu reflexo subjectivo no critério ético de que o juízo implica a universalidade das regras que enuncia, «quer dizer, a possibilidade de as mesmas regras serem adoptadas por toda a gente, aplicadas a todos os homens, sem contradição no seu conjunto». (E., I) Intervir sem-trair tem portanto um significado literal de moral de classe.

Com tudo isto, ninguém perca de vista que so um ideário como este teria podido manifestar-se com a projecção do s.d. O sergismo ideal será, então, para os meus filhos e para os filhos dos meus companheiros de «geração», o que se obtenha do sergismo real pela decantação do o que nele contraria as grandes consignas do sergismo ensaístico: «Quero abrir, e não fechar, as avenidas da discussão»; «tudo é problemático e sujeito a emenda»; Note-se que as grandes polémicas de Sérgio não foi o doutrinarismo que as suscitou e sustentou, mas o ensaísta — e isso porque o primeiro não feria afinal a estabilidade dos interesses criados: o seu utopismo era formalista, a sua ideologia era classista. E, porque são do ensaísta, e essas polémicas são ricas de selva e ficarão entre as maiores da nossa Cultura. Ele não se limita,

los provisórios; Educação Civil pelo exercício dos Direitos Humanos; Socialização dos Meios de Produção e de Distribuição; Reforma Agrária; Extinção Progressiva, social e pedagógica, da separação entre Trabalho Manual e Trabalho Intelectual; Investigação Científica como base de Progresso e de Cultura; Filosofia como o Critério do Conhecimento; Cultura Integral do Indivíduo, com abolição do preconceito das

falsas «humanidades» e do eruditismo mope; Anti-Espeotismo, Anti-Romantismo, Ametafisismo; Realismo Crítico, literário e artístico; Racionalismo Crítico de Âmbito Ecuménico; Ensaísmo Humanista e Ético-Estético.

Está tudo? Estão só os títulos dos capítulos, quando muito. E digo dos capítulos, porque nos cumpre, de facto, organizar e publicar o Ideário de Sérgio, como aliás os de outros

vultos, procedendo à sementeira dos organizadores do *Ideário Español*, que nele recolheram selecções críticas das obras de Larra, Costa, Ganiwet, etc. Será essa, penso eu, a melhor homenagem que podermos prestar, ao Homem que nos deu a mão quando saímos do berço para que aprendessemos a pensar anti-ele, como outros já fizeram e farão, e eu aqui tentei também.

MARIO SACRAMENTO

Na linha surrealista

(Continuação da 6.ª página)

mercantil. A ante desce ao nível do mercado, mas, mergulhada neste banho salutar, é imediatamente rejeitada para o alto e inacessível olimpo dos clássicos. O processo permanece misterioso até ao momento em que se surpreende a totalidade do seu mecanismo: compreende-se então que o museu tem a sua razão de ser específica na sublimação que nele se realiza de toda a realidade comercial do facto estético. Ele é prolongamento superior e extremo da arte como mercaderia; lá se acalma o ruído violento do dinheiro; no museu, a realidade enconde-se entre nuvens e o produto artístico propõe-se como o único objecto que nenhum dinheiro pode pagar. A luta contra o museu é a bandeira natural de todas as vanguardas, a sua palavra de ordem necessária e profunda; o que está em jogo, com efeito, é a possibilidade, eternamente frustrada, de restituir à arte mercantilizada a sua verdade ideal que mais não é do que a sua efectiva razão prática, a sua possibilidade de agir esteticamente. E desta situação irá resultar uma personagem curiosa: «Assim a elite económica, embora destruindo o sentido da arte, assume o nobre papel de a salvar. É ao pequeno burguês que pertence por definição a conservação do velho bom-senso, e por ilusão a conservação de todos os eternos valores humanos tal como nele foram depositados pela escola, pela família, pelo catecismo. Assim continua ele, o pobre, a ficar estupefacto, siderado e horrorizado com a desumanização da arte».

Vemos assim que o surrealismo como manifestação de vanguarda é a revolta contra essa galeria mumificada em que os burocratas de Cultura querem assilar a arte — desamando-a. É a tal galeria das obras-primas que ascendem ao plano clássico da Beleza. E a boa crítica será aquela que teve a intuição das obras que vão ser eleitas para participarem definitivamente no sonambulismo de um tal museu. Admirável função — e contido mediocre.

É por isso que o grande mérito de todas as vanguardas consiste em apontar com inequívoca clareza a incompatibilidade profunda entre a Arte e a Cultura, entre a Arte como risco e aproximação do inacessivelmente Outro e a Cultura como exercício paciente e aplicado do princípio teológico do Mesmo. Custa-me citar de novo, e uma vez mais Eduardo Lourenço (português, note-se), mas ele diz isto muito melhor do que eu seria capaz: «Do ser inteiramente mortal da realidade literária já nós podíamos ter uns vislumbres contemp-lando a espantosa necrofilia espiritual que chamamos Cultura. A Literatura é, no espelho da Cultura, uma prova da mortalidade das Obras, pois é como mortas que elas se prestam à manipulação culturalista dos vivos. Bem entendido, tal manipulação dá-se a si mesma boa-consciência ao cantar a litania da imortalidade dessas mesmas Obras que nas suas mãos se tornam civisantes cadáveres. É desse malentendido que a existência literária retira o equívoco estatuto que é o seu. Esta divinização da Literatura (sob forma póstuma, sobretudo) é a forma mais hipócrita e mais trágica de negar aquilo mesmo que a Literatura é».

Em *A Fulminada Imagem* (*), livro de Carlos Eurico da Costa (com

um interessante prefácio de Alberto Ferreira), encontramos um poeta (também jornalista e crítico de cinema de grandes méritos) muito interessado pela realidade portuguesa e ao mesmo tempo muito abstracto. Porque? Talvez por haver em Carlos Eurico da Costa uma linguagem torturada, enredada, emaranhada, que vence, mas com dificuldade, certos obstáculos que lhe são naturais. Poderíamos enumerar alguns dos processos mais utilizados em *A Fulminada Imagem*, e que tornam esta poesia demasiado rebuscada e hirta. Por exemplo, em quase todos os poemas, existe uma adequação quase absoluta entre cada sintagma (cada unidade frásica) e cada verso. Resulta daí a ausência de transportes, com o endurecimento global do corpo do poema. Quando o transporte se verifica, ele faz-se entre uma palavra que fica solta no primeiro verso e se liga (afinal) ao segundo. Por outro lado, há uma escassez de verbos e uma pouca movimentação no interior desta poesia, que é quase toda constituída por afirmações e verificações. Os traços mais típicos deste discurso são a inversão da ordem normal das palavras com a passagem do verbo para o fim, a anteposição sistemática do adjectivo ao substantivo e a supressão muito frequente dos artigos definidos. Há ainda uma tendência para procurar a palavra exótica, de construção complexa, que exige do leitor a análise filológica da sua génese. A consequência disto tudo é talvez esta: a poesia de Carlos Eurico da Costa aparece-nos manietada nos seus tiques verbais e só raro atinge a plenitude expressiva. Será por acaso que «O Veículo» se afigura, como poema em prosa que é, um dos mais belos, e livres, do volume? Creio que não.

NOTE-SE até este fenómeno curioso. Certos passos de *A Fulminada Imagem* levam tão longe o seu rebuscamento que me lembram alguns aspectos da poesia setecentista, da *Cantata de Dido*, por exemplo. Veja-se estes versos:

«Até as velas golfarem
Vertendo lânguido sangue
No cinzento flutuante mar».

Ou ainda estes:

«Eu alivicromada
Planisfério plúmbeo
Tu verosimilhança geométrica
Fonte água plúvunio».

É pena que assim aconteça justamente com uma poesia tão saudável e tão vigorosa nas suas exigências: «pela dúvida dos teus actos nasce» e aí se origina o «irreversível desejo de violar». Leia-se apenas, como exemplo da qualidade que o texto chega a alcançar o seguinte passo:

«Em canais venezianos perpetua-se uma efígie nas sombrias caves do fim do dia restaremos para num veículo minucioso perseguirmos os subterráneos verdes do crepúsculo».

Na rua da tua despedida clara solta-se uma abóboda repousante projectil perfurando um rosto numa claridade de neve o teu espectro a lançar rosas iluminadas ao mar».

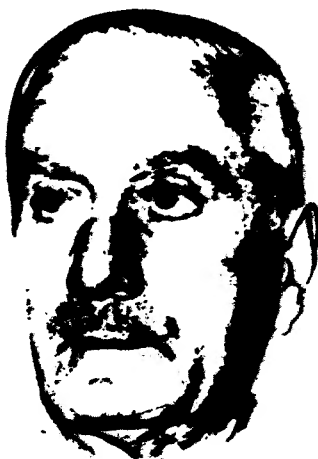
EDUARDO PRADO COELHO

(*) Carlos Eurico da Costa, *A Fulminada Imagem* Editorial Estampa, Lisboa, 1968

MESTRE E AMIGO

vezes a barreira: «Sem o esqueleto activo da nossa ideia, o objecto exterior não ganha ser» (E., III). É este o impasse formal da gnoseologia sergiana, que identifica o inextenso com o não-mensurável.

Isolada a consciência de tudo o que pudesse condicioná-la activamente, é nela que não-de buscar-se os ditames da ética, as normas do comportamento. E tudo passa a assumir-se em categorias mentais. A Cooperativa, o Estado, o Capitalismo, o Operário são entidades abstractas para o Sérgio doutrinarista. Se o ensaísta via a luta de classes na base da ascensão da burguesia ao poder, era porque procedia como cientista, usando a indução e a análise regressiva. Mas o doutrinarista situa-se no plano da acção, no da conduta — que só a ética pode informar, pelo que Sérgio opõe a fundamentação moral do socialismo de Proudhon, de Antero e dele próprio, à fundamentação científica do marxismo. (E., VII) É isto, porque era impossível, em «correcta» epistemologia saltar a barreira do «alfinete». Só a prática da evolução social-histórica — a prática materialista — poderia demonstrar a arbitrariedade deste fundamento, pois a prática — a do idealista — não era aplicável, como já vimos, às ideias muito gerais. E à prática materialista repudia a Sérgio, alegando que «preocupar no êxito ou resultado material o único critério para valorizar ideias, significa o mesmo que encobrir o réu de dar a sentença aos seus juizes» (E., I), o que é uma definição lapidária de que em Sérgio hierarquia e homologia social e o racional. É porque os réus têm razão, mas, contra os juizes, que os réus mudam e as sentenças se transferem para os réus.



só ele degrada o grande Sérgio do ensaísmo a ausências como a que agora me ocorre, e que é forçoso por aqui, para total evidência: Lembra-se da crítica lapidária ao Junqueiro demagógico, ao que escrevera: «A questão económica? Resolvida por si. Mas resolvida por que forma? Pelo sacrifício de todos, pela abnegação colectiva. As pátrias, como os indivíduos, só se regeneram sofrendo». Pois então confrontem-lhe isto: «A Ciência aí está, para reatimar toda a gente: só falta que os espíritos com-procedam as coisas; só falta que os Espectros se desvanescam de todo; só falta que o Passado nos não tolha mais». (E., III, nota H).

É assim claro que só poderá entender por que se perde na Quimera uma inteligência da caveira da de Sérgio quem tenha presente as implicações éticas do seu ensaísmo. Para este, a «dialéctica da ciência coincide com a dialéctica da moral» porque a «natureza, como sistema de fenómenos que se concatenam, depende do pensamento e é dada nele» (E., II) Quando Sérgio pretende, de pois, que o seu socialismo se construa «sem dar ensejo a que se queixe alguém» (*Alocução aos Se-*

munha, a rebater as objecções, reforçando as posições assumidas: reconhecendo os problemas, reajusta e aprofunda as perspectivas, procede como a macleira pejada de frutos que se decentranha em pomos, se lhe jogam uma pedrada — segundo a sua própria imagem. Aliás, é tanto mais fácil podar o sergismo dos ramos mortos do doutrinarismo, quanto é certo não haver neste, como já disse, rigidez dogmática: «Hesito perante o socialismo de Estado» — diz ele, por exemplo. (E., VII) Por outro lado, se deixou a porta aberta à metafísica, não se enfiou por ela. E, tendo podido expatriar-se com todas as vantagens intelectuais que outros homens do seu porte aproveitaram, ficou para se erguer do pó como os mais fortes. E que Sérgio, escrevendo sobre filosofia, história, economia, política, literatura, ciência, pedagogia, etc., etc., só teve, não tudo, um tema: o seu País!

O SERGISMO. Resulta disto que em Sérgio, ao contrário do que já tem sido dito há não só um ideário, mas dois: o do ensaísta e o do doutrinarista: o válido ou científico e o ilusório ou utópico. Sem descreminar este, por inútil (basta apontar: recriação do cristianismo; cooperativismo sistemático; democratismo de elite; socialismo anarquista; etc) convém apurar em que consiste o otro de lei do primeiro, que passo a apontar sem preocupações de método nem de esgotamento do assunto: Política de Fixação Metropolitana, em oposição à de Transporte e Emigração; Historiografia Científica, de base sociológica; Igualdade Social pela Educação Activa; Pedagogia Qualitativa de Acção Social; Autonomia Juvenil; Planificação Crítica dos problemas nacionais, conjugada ao ensino-piloto de mode-



Na linha surrealista

por Eduardo Prado Coelho

A O responder a um daqueles questionários que, com modelar inteligência, Oscar Lopes propõe a certos autores, Jorge de Sena declarava logo no início: «Devo dizer que tenho horror a palpitares, e que jamais me entregarei a eles». E completava o seu pensamento deste modo: «É evidente que a isso (a uma abordagem sem qualquer ideia preconcebida) preexistem a minha cultura, as minhas informações, as ideias ou a visão que vou tendo das épocas, dos autores e das obras. Mas não quero nunca pressupor nada. E os métodos aplicados resultam do tipo de problema com que me defronto. Quando falo, como tenho falado, em crítica fenomenológica, nunca quis referir-me a «intuições sintéticas», mas a uma atenção a um objecto enquanto tal».

Podemos, portanto, concluir que se parte sempre duma apreensão imediata da obra a que é tradicionalmente chamada-se «intuição». Mas é necessário que essa intuição se transforme em leitura, demonstração, análise paciente do objecto em causa. Outra coisa se não pede ao aluno liceal de Literatura portuguesa quando se lhe pergunta: Gosta deste texto?, e depois se acrescenta: Justifique a sua resposta. Se a crítica é mais do que a simples indicação valorativa (isto parece-me bom e isto parece-me mau), é porque ela é leitura, exercício atento duma leitura escrita pela sobreposição de dois discursos (o do crítico sobre o do texto). Todos nós justificamos os nossos gostos e as nossas intuições: uns com a linguagem que julgam ser a do bom-senso; outros com linguagens mais instruídas pela evolução das ciências e da reflexão filosófica. E sempre assim. Se há vinte e cinco anos, por exemplo, um crítico se decidia a estudar a vida e a obra de Eça de Queirós e procurava explicá-lo através do conceito de «complexo de inferioridade», usava a linguagem do bom-senso? Não. Usava o que supunha ser a linguagem freudiana (embora Freud nunca tenha falado em «complexo de inferioridade» e a expressão derive de Adler). E isto é o que é natural: cada um usa a linguagem que julga aplicar-se melhor à complexidade estrutural da obra, recorrendo para isso a todas as noções e a todos os conceitos que conhece.

O crítico imediato defronta uma questão de tempo: se parte de uma intuição, não tem muitas vezes nem oportunidade nem tempo para a demonstrar. A crítica imediata tem o seu tempo específico: deve surgir a seu tempo, deve ocupar um espaço correspondente a um tempo determinado de leitura, e deve dirigir-se parcialmente ao leitor que ainda não teve tempo de pegar no livro em questão. Das limitações da sua prática. Se a intuição de um crítico nunca é sintética, o que sucede é que muitas vezes o crítico imediato é forçado a uma síntese simulada. E por isso é que frequentemente ele não chega ao momento prévio da atenção ao objecto enquanto tal. É esse o vício impressionista: reduzir as «impressões» a um mastigar postremo das ideias, informações e visões que se tinha antes do aparecimento do objecto que é a obra. E deste modo a obra deixa de ser o material resistente e irreduzível de que o crítico se serve para a produção do objecto estético, que é aquele que resulta do processo da sua leitura.

Trabalhando cada um segundo o tempo de que dispõe, cada um combina os seus palpites e verificações segundo a dose que mais lhe convém. O que eu não entendo é a afirmação da «velha crítica» de que os intuitivos

acertam e os outros não. Que terrível destino levará os fabricantes de sínteses simuladas a acertarem e os fabricantes das sínteses efectivas a falharem nos seus juízos? Sim, porque haveriam de acertar os que apenas justificam as suas intuições para que a crítica fique mais extensa e porque haveriam de falhar os que as justificam com a séria intenção de as justificar com o auxílio de todos os instrumentos de que dispõem? Ela o que não entendo — nem consigo aceitar.

Apresentados os limites visíveis da crítica imediata — e só é absurdo que esses limites se transformem em fundamentos de teorias críticas que excluam tudo o que excede tais limites —, importa continuar a utilizar as possibilidades que temos ao nosso alcance e continuar a julgar, e a ler. E chamamos ler a essa atenção ao objecto enquanto tal, que a crítica impressionista quase nunca realiza.



Carlos Eurico da Costa

A obra que esta semana nos vai ocupar anda pelas imediações do surrealismo. Poderemos definir surrealismo, não pelo seu projecto mais profundo que os diversos textos de Breton foram definindo com firmeza e ambiguidade, mas pela sua intenção mais gritante: uma diluição da literatura numa fusão entre o real e o imaginário, entre o quotidiano e a arte. E é um pouco isto o que se lê na poesia de Carlos Eurico da Costa:

Chamem-me o poeta
Que quiserem se
De versos se trata
Mas falo mais dos tempos
Em que a poesia não dá
Para redimir infelizes

Chamem o estilo
Que apetece
Irreal onde o real
Prevalece no amanhã
Só por homem ser
A liberdade acontecerá.

O que é um aspecto importante na definição da vanguarda. Como diz o crítico (italiano, note-se) Edoardo Sanguineti, «a vanguarda pode e deve ser interpretada como a re-ousa da própria arte num mundo em que a arte só é concebível sob a forma inerte do museu». Ora tal processo é simultâneo com a entrada da obra no circuito comercial. «O museu e o mercado são absolutamente contíguos e comunicantes: melhor, são as duas fachadas do mesmo edifício social. O preço e o valor são palavras equivocadas, porque designam na obra de arte tanto a sua qualidade estética como o que ela custa. Preço e valor agem ao mesmo tempo no lado praticamente activo ou teoricamente ocioso do fenómeno estético; se o museu é a figura real da autonomia da arte, ele é ao mesmo tempo a figura de compensação da sua heteronomia

(Continua na 7.ª página)

Le Viol: mais concreta a ameaça do absurdo que a do homem



A visita da outra zona

por José Vaz Pereira

O Desconhecido Desejado,
(Le Viol) de Doniol-Valcroze
Com Bibi Andersson e Bruno
Grenier

JACQUES DONIOL-VALCROZE realizou na Suécia um filme que poderia ter sido rodado em qualquer cidade da Europa. Apartamento sofisticado, uma fêmea preguiçosamente aborrecida, um desconhecido ameaçador, mistura de ex-OAS e de leitor de Pavese. A imaginação encarregada-se do resto, a visita do desconhecido pode ser uma visita mais real e concreta, ardentemente desejada por Marianne. O script parece elogiar um certo machismo: as mãos ligadas da mulher só ficam livres para ela preparar as refeições e se encarregar de outras servidões domésticas. Mas, no fundo, a ameaça do absurdo torna-se mais concreta do que a do homem-soberano, de pistola com silenciador.

Sobretudo, trata-se de algo que não se sabe o que é — qualquer exercício de mímicas sem sentido, vagamente eróticas, inevitavelmente sonolentas, com o acumular irremediável dos minutos e das horas de um domingo, qualquer conspiração montada por gente de 2.ª qualidade, mais monótona do que perigosa, mais rotineira do que eficiente — mas que, mesmo assim, tem de ser feita.

O encontro de Marianne (e porque não encontrar? A vontade dela ou o subconsciente não desejavam uma «experiência» semelhante?) com o intruso (com o ros-

to de uma visita lá de casa, viemos a saber no fim) lembra as esperas nas gares de caminhos-de-ferro, onde se aguardam horas e horas, sem ver ninguém, até aparecer o comboio errado, precisamente aquele que não desejávamos tomar.

Evidentemente que o filme é visto através dos olhos de Marianne: o choque provocado pela entrada em tromba do desconhecido no seu apartamento corresponde ao choque da sua formação, do seu aborrecimento, da sua indolência de mulher rica com um «mundo exterior», de que só se tem uma ideia nebulosa (isto não será uma coisa política? — pergunta a dama ao homem que a aprisiona no seu próprio sofá). Até o título original da película é invenção dela. Le Viol — que só existiu na sua imaginação e na sua necessidade burguesa de confundir as coisas.

O interesse da obra de Doniol-Valcroze é a sua abertura. Por outra, é um pouco um filme para cada um de nós levar para casa e interpretar à sua maneira, colorir conforme as suas apetências e gostos. Paradoxalmente, a sua aparente segurança, o seu tom de monólogo abrem caminho a uma completa liberdade. Liberdade essa de que a festa final, em que todos aparecem tal como são e não como desejariam ser, se desprende com uma certa nostalgia.

Liberdade, que o encontro entre a senhora de roupa e o homem de gabardina faz identificar com uma certa solidão. Solidão enraivecida, que reage contra uma vida excessiva-

mente regular, confortavelmente convencional, que modifica e dramatiza os comportamentos, que se instala no espírito das pessoas como uma vontade obsessiva de dilaceramento interior, que ressuscita a agressividade dos objectos que nos rodeiam e que regista, de novo, a terrível densidade psicológica do tempo.

Solidão que re-inventa a luta, o estímulo, que faz os seres torturarem-se, espiarem-se e tentarem, mesmo assim, a possibilidade remota da comunicação. Solidão que torna todas as entregas, no fim de todos os desesperos, balbuciantes e coléricas.

A segurança da realização e da direcção de actores mesmo quando entre estes se encontram Bibi Andersson, essa maravilhosa mulher e monstro sagrado da galeria bergmaniana, surpreende quando, ainda não há muito tempo, se acusavam todos os cineastas relacionados, próximos ou longinquamente, com a ex-nova vaga francesa de «amadorismo».

O filme mostra uma desenvoltura que é curiosamente paralela ao rigor. Seria, no entanto, injusto equacioná-lo somente com os problemas da dama burguesa que gosta de sensações e que se aborrece, e não com o absurdo que, na civilização contemporânea, se infiltra no nosso próprio dia-a-dia.

Mas parece-nos que as razões que levam muita gente a ver o filme são mais as primeiras do que as segundas, pelo que se pode pensar que Le Viol escolheu o tipo de êxito que não merecia.

JORGE DE SENA

Na série de estudos camonianos de Jorge de Sena acaba de sair

OS SONETOS DE CAMÕES
E O SONETO QUINHENTISTA PENINSULAR

(Sé de Miranda, António Ferreira, André Caminha, Diogo Bernardes, Garcia, Soares, Mendonça, Almeida, Herrera, Colina)

Colecção Problemas — 258 págs. — 55\$00

OUTRAS OBRAS DE JORGE DE SENA NESTA EDITORA:

UMA CANÇÃO DE CAMÕES
(interpretação solitária)
Col. Problemas 60\$00

NOVAS ABORDAGENS DO SONETO
(antologia)
Col. Contemporânea 35\$00

EDITORIAL LITURA